



PPGL

Programa de Pós-Graduação em Letras
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - IFCH

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Campus I – Rodovia BR 285, Km 292

Bairro São José – Passo Fundo, RS

CEP: 99.052-900

E-mail: ppgletras@upf.br

Web: www.ppgl.upf.br

Fone: (54) 3316-8341

Gláucia Knob

**O SUJEITO TEUTO-BRASILEIRO E O (DES) USO DO
DIALETO ALEMÃO EM CHAPADA**

Passo Fundo, fevereiro de 2018

Gláucia Knob

O SUJEITO TEUTO-BRASILEIRO E O (DES) USO DO
DIALETO ALEMÃO EM CHAPADA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade de Passo Fundo, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Letras, sob a orientação da Prof^a. Dra. Luciana Maria Crestani.

Passo Fundo

2018

CIP – Catalogação na Publicação

K72s Knob, Gláucia

O sujeito teuto-brasileiro e o (des) uso do dialeto alemão
em Chapada/ Gláucia Knob. – 2018.

133 f.; 30 cm.

Orientadora: Profa.Dra.Luciana Maria Crestani.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de
Passo Fundo, 2018.

1.Linguagens e línguas - Chapada (RS). 2. Análise do
discurso. 3. Semiótica. 4. Identidade. 5. Língua alemã -
Dialeto. I. Crestani, Luciana Maria, orientadora. II. Título.

CDU:801.73

Catalogação: Bibliotecária Jucelei Rodrigues Domingues - CRB 10/1569

AGRADECIMENTOS

À preciosidade da vida e por tudo que me foi/é permitido vivenciar.

À maravilhosa família, mãe Lisete, pai Davi e irmã Bruna! Nunca agradecerei o suficiente. Pela paciência comigo nos dias em que eu só precisava ficar sozinha para as leituras, as escritas e as revisões. Obrigada por serem companhia, por ouvirem minhas explanações sobre a pesquisa, minhas angústias e minhas descobertas. Por aguentarem minhas oscilações de humor frente aos desafios que o mestrado trouxe. Obrigada pelo auxílio corriqueiro em meio à rotina corrida que tive. Pelas caronas, pelos cardápios especiais, pela preocupação, pelo carinho, por adaptarem a rotina de vocês, tanto em Passo Fundo quanto em Chapada.

À professora orientadora Luciana Crestani, que encarou comigo o desafio da monografia da especialização e, sem medo, esse segundo desafio da dissertação do mestrado. Obrigada pela paciência, pelas longas conversas via Skype, pelos inúmeros apontamentos nos arquivos enviados, por transmitir serenidade, por me incentivar a ver além do meu pequeno conhecimento. És exemplo de profissional, de mulher e de mãe!

Aos professores, Marlete Sandra Diedrich e Ernani César de Freitas, que tanto admiro; foram ricas contribuições na banca de qualificação. À Daiane Neumann, que juntamente com a professora Marlete olharam com carinho para o trabalho defendido. Aos demais professores da minha caminhada acadêmica desde a graduação, passando pela especialização e agora o mestrado, em especial nesses últimos dois anos: Elisane Cayser, Luis Francisco Fianco Dias, Márcia Saldanha Barbosa, Max Butlen, Patrícia Valério, Tânia Marisa Kuchenbecker Rösing.

À Karine Castoldi por toda a ajuda, esclarecimentos e orientações.

À Gisandra Cemin da Rocha, apreço imensurável pela nossa amizade tão significativa desde a graduação. Obrigada por tudo! Ao lado da Karina de Almeida Rigo e da Renata Andreolla, que foram minhas companheiras de andanças em eventos, de apresentação de trabalhos, de discussões acadêmicas e de vida, de desabafos. Minha motivação constante!

Às meninas da Confraria do Batom, em especial à Rita de Cássia Dias Verdi Fumagalli e à Adriane Ester Hoffmann, que tanto me incentivaram. Exemplos de superação! Ao pessoal dos almoços no CC, que formavam a “longa mesa de CTG” (nomeada pela professora Fabiane V. Burlamaque). Instigantes discussões aconteceram nesses momentos.

Aos meus amigos, pela paciência e compreensão, pois nem sempre estive presente.

Às equipes diretivas e colegas de trabalho do Instituto Estadual de Educação Júlia Billiard e da Escola Estadual de Ensino Médio Almirante Tamandaré pelo apoio e pela organização dos meus horários.

Aos chapadenses que permitiram que eu ingressasse em seus lares e em seus trabalhos para saber um pouquinho mais sobre a cultura alemã, sobre suas histórias de vida e familiares.

À Universidade de Passo Fundo pela bolsa de estudos a mim concedida.

*Der Mensch braucht ein Blätzchen, Und wär's noch so klein. Von dem er kann sagen. Sieh!
Dieses ist mein. Hier leb' ich, hier lieb' ich, hier ruh' ich mich aus. Hier ist meine Heimat.
Hier bin ich zuhaus.*

*(O homem precisa de um lugarzinho, mesmo que seja pequeno, para dizer: veja isso, aqui é
meu! Aqui eu vivo, aqui eu amo, aqui eu descanso! Aqui é minha Pátria. Aqui eu estou em
casa!)*

RESUMO

A pesquisa intitulada *O sujeito teuto-brasileiro e o (des) uso do dialeto alemão em Chapada* tem sua temática delimitada à compreensão do emprego do dialeto de língua alemã na comunidade chapadense. O objetivo deste estudo consiste em compreender a trajetória de desuso do dialeto alemão no município, identificando os principais fatores que desencadearam e vêm desencadeando tal fenômeno. O *corpus* de análise é composto por recortes discursivos oriundos da transcrição de entrevistas semiestruturadas, com possibilidade de respostas abertas, realizadas com quinze descendentes de imigrantes alemães chapadenses, divididos em três grupos etários (20 aos 40; 40 aos 60; e 60 anos em diante). Como aporte teórico-metodológico para a análise dos discursos, utilizamos a Teoria Semiótica Discursiva, com foco no nível discursivo, a fim de identificar temas presentes nos discursos desses descendentes, relacionando-os aos estudos culturais, que versam sobre constituição cultural e identitária. Para abordar o histórico da imigração alemã no Brasil e no Rio Grande do Sul, em especial, no município de Chapada – RS, espaço geográfico da pesquisa, tal como os conceitos de cultura, identidade, língua e poder relacionados ao social e ao econômico, o referencial teórico baseia-se em Bueno (2006, 2011), Fausel (1961), Gnerre (2009), Gregory (2013), Hall (2006, 2011), Neumann (2009, 2014), Silva (2011), Steffen (1984) e Woodward (2011). A Teoria Semiótica Discursiva foi abordada a partir de Greimas (1975, 1979), Discini (2005, 2007a, 2007b), Barros (2011, 2012, 2014) e Fiorin (2002, 2010, 2012, 2016). A pesquisa, quanto aos objetivos, é descritiva e explicativa; no que concerne aos procedimentos, é bibliográfica e também se configura um estudo de caso, em que a coleta de dados (discursos) se deu por meio de entrevista com sujeitos; classifica-se como qualitativa em relação à abordagem do problema. A justificativa da relevância deste estudo concerne à contribuição para esclarecer aspectos pertinentes ao (des) uso da língua alemã em Chapada, já que a comunidade é de base germânica, além de contribuir com teorias linguísticas. A partir da análise dos recortes discursivos, evidenciou-se historicamente que determinações governamentais interferiram e influenciaram instituições sociais (escola e família), a partir da proibição do uso do alemão; conseqüentemente houve redução do uso nas famílias, ele não foi mais ensinado nas escolas, em substituição ao inglês, inclusive com a existência de preconceito em relação a quem tinha marcas que identificavam pertencer ao grupo teuto-brasileiro.

Palavras-chave: alemão, identidade, imigração, língua, semiótica discursiva.

ABSTRACT

The topic of the research entitled *The German-Brazilian subject and the use (or disuse) of the German dialect in the city of Chapada* is limited to the understanding of the application of the German dialect in the community of Chapada, RS, Brazil. This study aimed to understand the path of disuse of the German dialect in the city, identifying the main factors that have triggered and are still causing such phenomenon. The *corpus* of analysis includes discursive fragments from the transcription of semi-structured interviews with the possibility of open questions, performed with fifteen descendants of German immigrants from the city of Chapada divided into three age groups (20 to 40, 40 to 60, and 60 and over). The theoretical and methodological support for the discourse analysis was the Discursive Semiotic Theory, focusing on the discourse level in order to identify the topics presented in the speech of these descendants and relating them to the culture studies that discuss cultural and identity formation. To address the history of German immigration in Brazil and in the state of Rio Grande do Sul, particularly in the city of Chapada, the theoretical references of the geographical space of the study, as well as of the concepts of culture, identity, language, and social and economic power are based on Bueno (2006, 2011), Fausel (1961), Gnerre (2009), Gregory (2013), Hall (2006, 2011), Neumann (2009, 2014), Silva (2011), Steffen (1984), and Woodward (2011). The Discursive Semiotic Theory was addressed on the basis of Greimas (1975, 1979), Discini (2005, 2007a, 2007b), Barros (2011, 2012, 2014), and Fiorin (2002, 2010, 2012, 2016). Regarding the objectives, the study is descriptive and explanatory; as for the procedures, it is bibliographic and a case study, in which data (discourses) were collected through interviews with the subjects. The study is also classified as qualitative regarding the problem approach. The significance justification of this study refers to the contribution to clarify relevant aspects of the use (or disuse) of the German language in Chapada, considering the community is German-based, and to contribute with linguistic theories. The analysis of discourse fragments showed that, historically, government decisions have influenced and interfered with social institutions (school and family) by prohibiting the use of the German language. Consequently, families reduced the use of the language, schools stopped teaching German and started teaching English instead, and there was prejudice toward people with traits that might identify them as German-Brazilians.

Keywords: German, identity, immigration, language, discursive semiotics.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Normas para transcrição.....	53
Quadro 2 – Passos para a análise.....	55

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	09
2 ESPAÇOS, TEMPOS E SUJEITOS: CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES.....	15
2.1 IMIGRAÇÃO ALEMÃ NO BRASIL: BREVE RETOMADA HISTÓRICA.....	16
2.2 A FORMAÇÃO DE CHAPADA E A INFLUÊNCIA ALEMÃ.....	20
2.3 LÍNGUA, CULTURA E PODER: RELAÇÕES NA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES.....	24
3 SEMIÓTICA DISCURSIVA: TEORIA DO TEXTO E DO DISCURSO.....	35
3.1 TEXTO E DISCURSO NA PERSPECTIVA DA SEMIÓTICA.....	35
3.2 O PERCURSO GERATIVO DE SENTIDO.....	37
3.2.1 O nível fundamental.....	38
3.2.2 O nível narrativo.....	39
3.2.3 O nível discursivo.....	42
3.3 ISOTOPIA.....	46
4 OS PROCEDIMENTOS DA PESQUISA.....	48
4.1 A NATUREZA DA PESQUISA.....	48
4.2 COLETA DE DADOS E SUJEITOS PARTICIPANTES.....	49
4.3 PASSOS E CATEGORIAS DE ANÁLISE.....	54
5 RECORTES DISCURSIVOS DE SUJEITOS TEUTO-BRASILEIROS CHAPADENSES: O DESUSO DO DIALETO ALEMÃO.....	57
5.1 ANÁLISE DO NÍVEL DISCURSIVO.....	58
5.1.1 A partir dos sessenta anos: a primeira geração entrevistada.....	58
5.1.2 Entre quarenta e sessenta anos: a segunda geração entrevistada.....	69
5.1.3 Entre os vinte e os quarenta anos: a terceira geração entrevistada.....	76
5.2 ANÁLISE DO NÍVEL NARRATIVO.....	86
5.3 ANÁLISE DO NÍVEL FUNDAMENTAL.....	90
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	91
REFERÊNCIAS	96
ANEXOS	99
APÊNDICES.....	102

1 INTRODUÇÃO

O ser humano, enquanto homem primitivo, tinha um estilo de vida nômade, isto é, migrava para diversos lugares em determinados períodos para buscar melhores condições de vida, de acordo com as suas necessidades primárias, fossem elas de alimentação ou de abrigo. Com o passar do tempo, reduziram-se esses grupos, pois se iniciou o cultivo de plantas diversas e a domesticação de animais, o que possibilitou a criação de sociedades organizadas e fixas em determinados locais. Apesar disso, a ampliação dos horizontes na busca por melhorias da qualidade de vida é um fenômeno que segue acontecendo e que se evidencia nos movimentos migratórios pelo mundo. Nesse direito de ir e vir, alguns períodos da história foram marcados com mais intensidade pelas imigrações, relacionadas, principalmente, à fuga de guerras e suas consequências.

Esse movimento, incentivado pelo desejo de buscar em outro lugar novas oportunidades, bem como pelo desenvolvimento limitado em sua terra natal, deixa no imigrante várias marcas, principalmente uma série de renúncias, desafios e angústias. Ele fica afastado de muitos dos seus entes queridos, da cultura que engloba seus valores, do idioma aprendido desde a infância, além das incertezas, de não saber, por exemplo, se no novo lugar encontrará o êxito que tanto almeja. O Brasil é um país marcado por essas experiências plurais, pois, em vários momentos da sua história, imigrantes vieram de diferentes lugares do mundo para buscar melhores condições de vida, o que faz com que se justifique a miscigenação aqui existente.

Por conseguinte, as ações humanas fazem com que o homem se reconheça como parte de um grupo, com modos de vida, hábitos, língua¹, entre outros aspectos, que constituem uma cultura e que demarcam uma identidade. Fazem com que ele se reconheça como diferente de outros. Inclusive a língua é um dos principais elementos relacionados à identidade de um povo, tanto que variados grupos esforçam-se em manter suas raízes identitárias a partir da preservação da língua materna.

No século XIX, a Europa passou por grandes transformações sócio-político-econômicas, o que estimulou a emigração para diferentes lugares do mundo. No Brasil, ofereceram-se oportunidades que facilitaram a imigração europeia através do prometido acesso à propriedade da terra e oportunidades de trabalhos diversos na área rural e urbana.

¹ A maioria dos imigrantes alemães que vieram ao Brasil falavam a língua alemã, com algumas exceções que já faziam uso de uma variante desse alemão. Nesse sentido, uma vez que os imigrantes ao usarem a sua língua iniciaram o processo de alteração dela, optou-se por usar a expressão dialeto, de modo que é a definição que mais se aproxima da diversidade linguística apresentada.

Grande número de imigrantes alemães direcionou-se ao Brasil em busca de melhores condições de vida. Os primeiros imigrantes alemães chegaram ao país, mais especificamente em São Leopoldo, no estado do Rio Grande do Sul, em 1824, ainda no reinado de D. Pedro I, conforme destinação do governo² brasileiro da época, que também orientou que grupos fossem aos estados do Paraná e Santa Catarina. De São Leopoldo – RS, os alemães³ dirigiram-se também ao interior do estado gaúcho.

No histórico de formação de Chapada – RS (espaço geográfico deste estudo), há registro da chegada dos primeiros imigrantes alemães em 1915, seguidos pelos italianos em 1928, quando Chapada ainda pertencia ao município de Palmeira das Missões. Em 1959, com a emancipação político-administrativa, essas terras foram oficializadas como pertencentes a Chapada, inclusive com a importante participação dessas famílias de imigrantes e seus descendentes no processo emancipatório. Vários grupos familiares de imigrantes alemães estabeleceram-se no município chapadense, seguindo hábitos e costumes trazidos do seu país de origem, o que também foi passado para as gerações seguintes.

Dentre os vários elementos da cultura trazidos pelos imigrantes alemães a Chapada, destaca-se uma das principais manifestações culturais constitutivas de uma identidade, a língua alemã (ou mais especificamente um dialeto). No entanto, como membro da comunidade chapadense⁴, descendente de alemães, professora, nascida e residente no município de Chapada, sujeito social que participa de atividades sociais diversas, pude perceber que esse dialeto alemão, embora ainda presente como forma de comunicação oral entre os sujeitos mais idosos, não é mais utilizado pelas novas gerações. Tal percepção deixou-me intrigada e despertou meu interesse em pesquisar sobre os possíveis fatores que intervêm nesse processo de aculturação⁵ e desuso de um dos principais elementos marcadores de uma identidade: a língua.

Nessa perspectiva, este trabalho versa sobre o emprego do dialeto de língua alemã na comunidade chapadense, tendo como problema de pesquisa: por que razões, nesta comunidade descendente de imigrantes germânicos, o dialeto alemão caiu em desuso?

² Quando usamos a expressão “governo” não estamos nos referindo a uma pessoa em específico, mas aos interesses do grupo governamental de cada época.

³ O uso das expressões “alemães” e “alemão” neste trabalho, referem-se, respectivamente, aos imigrantes e ao dialeto.

⁴ Inquietações de ordem pessoal relacionadas com a minha descendência alemã, instigaram-me a realizar esta pesquisa. Portanto, nas passagens em que se relatarem essas inquietações e motivações pessoais, será utilizada a 1ª pessoa do singular.

⁵ Fenômeno resultante do contato entre grupos culturais diferentes, ou seja, certos valores da cultura originária de um povo perdem o significado e são substituídos pelo de outro ou ainda ocorre uma mescla entre essas culturas.

No contexto de pesquisas e leituras realizadas para a base teórica desta dissertação, algumas hipóteses foram levantadas:

- a) desvalorização linguística relacionada às situações de poder econômico e social;
- b) preconceito linguístico relativo aos sotaques, à pronúncia, à mistura de expressões que ocasionaram a formação de novas palavras, entre outros;
- c) influência/interferência e aculturação pela instituição escolar;
- d) uso do dialeto alemão restrito à oralidade depois de algumas gerações, o que estimula a perda de traços característicos, uma vez que os falantes não possuem registro escrito;
- e) difusão das tecnologias e a globalização, que permitem o contato com a multiculturalidade e a diversidade existente no mundo.

De caráter descritivo e explicativo, esta pesquisa tem como objetivo principal compreender a trajetória de desuso do dialeto de língua alemã em Chapada, identificando os principais fatores que desencadearam/vêm desencadeando tal fenômeno. O objetivo geral desdobra-se nos específicos:

- a) Identificar quais línguas/idiomas eram/são utilizados pela comunidade germânica de Chapada, como e o porquê dessa utilização;
- b) Entender a influência/interferência de instituições sociais na formação dos imigrantes e descendentes.
- c) Comparar fatores citados como os mais latentes para o desuso do dialeto pelas diferentes gerações⁶.

Para se alcançar tais objetivos, realizamos, inicialmente, uma pesquisa bibliográfica, enfocando discursos sobre cultura e relações sócio-históricas, já que identidade e cultura nunca estão desvinculadas dessas relações, sendo a língua, inclusive, um dos principais elementos culturais marcadores da identidade. Nesse sentido, buscamos entender como a influência social de instituições, grupos e ambientes age sobre os indivíduos de uma comunidade, afetando costumes, modos de vida e, em especial, a utilização de uma língua ou dialeto.

Destarte, com base em leituras exploratórias desses estudos, formulamos algumas das hipóteses apresentadas, por suposição de que os aspectos apontados como interferências sobre a constituição identitária em termos de nação se apliquem, por extensão, à realidade da comunidade chapadense. No entanto, sabemos, também, que cada comunidade tem sua

⁶ Foram realizadas entrevistas com três grupos de sujeitos descendentes de imigrantes alemães, sendo os grupos divididos em faixas etárias do 20 aos 40, dos 40 aos 60 e dos 60 anos em diante.

própria história, suas particularidades, e, assim, fatores específicos podem ter influenciado no processo de desuso da língua nessa realidade. Nesse sentido, além de buscar apoio nos registros e estudos culturais escritos, também realizamos uma pesquisa de campo com sujeitos da comunidade chapadense, com vistas a comprovar ou não as hipóteses de cunho geral apontadas, bem como, a apreender dos discursos desses sujeitos novos fatores que não haviam sido aventados.

A pesquisa com os sujeitos ocorreu por meio de entrevista constituída de perguntas semiestruturadas, com possibilidade de respostas abertas, e foi gravada em áudio, para posterior transcrição e análise discursiva. No total, foram quinze (15) os sujeitos entrevistados, divididos em três grupos etários (20 aos 40; 40 aos 60; e 60 em diante), todos eles descendentes de imigrantes alemães. A separação nesses grupos etários teve o intuito de atingir diferentes gerações e vivências, possibilitando a compreensão de diferentes fatores que interferem no (des) uso do dialeto alemão. A transcrição das entrevistas foi realizada a partir de uma adaptação das normas e dos códigos utilizados pelo projeto Norma Linguística Urbana Culta (NURC)⁷ e a análise dos discursos ancora-se em preceitos da Semiótica Discursiva aliados aos estudos socioculturais apontados. Trazemos contribuições dos estudos culturais, porém este trabalho tem viés linguístico.

A Semiótica Discursiva, também conhecida como Teoria Semiótica Greimasiana, é uma teoria do texto e do discurso que busca descrever e explicar como se constroem os sentidos dos textos/discursos⁸. Entende que os discursos constituem simulacros das ações dos homens no mundo, uma vez que refratam e refletem os anseios, os desejos, os temores, as disputas de sujeitos sociais inseridos num determinado espaço e tempo, e, portanto, não alheios às coerções sócio-históricas que os englobam.

A teoria postula que os sentidos dos discursos se edificam em forma de um percurso gerativo que compreende três níveis: fundamental, narrativo e discursivo. O fundamental é o nível mais profundo e concentra as categorias abstratas sobre as quais se erigem os discursos, formadas sempre por termos opostos, como vida *versus* morte, por exemplo. O nível narrativo deixa entrever a estrutura narrativa dos discursos, permitindo compreender os movimentos, as

⁷ Em 1990, foi publicado volume da série *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo – Estudos* e desde lá os pesquisadores que compõem a equipe do Projeto NURC/SP vêm realizando estudos sobre o material de 316 horas de gravações realizadas em cinco capitais brasileiras: São Paulo (Projeto NURC/SP), Rio de Janeiro, Porto Alegre, Recife e Salvador. Esse projeto de estudo da norma linguística urbana culta, que tem âmbito nacional, teve todo o material selecionado, transcrito e publicado nos três volumes de série anteriormente citada.

⁸ A Semiótica entende texto como a manifestação (que pode ser verbal, não verbal ou sincrética) de um discurso. (FIORIN, 2012). No capítulo sobre a Semiótica Discursiva explicam-se os conceitos de texto e discurso.

disputas e transformações efetuadas pelos sujeitos que agem sobre o mundo e sobre outros sujeitos em busca dos valores em que acreditam. O discursivo, por sua vez, é o mais concreto, onde se manifestam as escolhas enunciativas (temas, figuras, categorias de pessoa, tempo e espaço, recursos argumentativos etc.) feitas pelo enunciador para “dizer o discurso”.

Nesse contexto, o nível discursivo subsidiará a análise dos recortes discursivos dos sujeitos entrevistados em interface com os dos estudos culturais, buscando, nessas falas, identificar temáticas – de ordem geral e/ou particulares desta comunidade – relacionadas ao desuso do dialeto de língua alemã em Chapada. O nível narrativo possibilitará entender tal fenômeno (de desuso da língua) nos moldes de uma estrutura narrativa, em que sujeitos e antissujeitos disputam valores e efetuam (ou não) transformações no sentido de obtê-los. Por fim, o nível fundamental possibilitará perceber as oposições semânticas de base sobre as quais se estrutura o processo de desuso da língua alemã no espaço escolhido para a realização deste estudo. Isso posto, os preceitos da Semiótica, além de nos ajudarem a identificar os fatores responsáveis pelo desuso do dialeto alemão na comunidade, contribuirão para compreendermos, também, a trajetória do dialeto de língua alemã no município de Chapada.

Esta pesquisa insere-se no Programa de Pós-Graduação em Letras *stricto sensu*, da Universidade de Passo Fundo, área de concentração “Letras, Leitura e Produção discursiva”, na linha de pesquisa “Constituição e Interpretação do Texto e do Discurso”, que se caracteriza pela prevalência do ponto de vista interdisciplinar, visto que os estudos sobre texto e discurso se distinguem pela variedade de enfoques teóricos oriundos de diferentes concepções de linguagem. Esta pesquisa se configura como um trabalho qualitativo, que se justifica por contribuir para esclarecer aspectos pertinentes ao (des) uso da língua alemã em Chapada, já que a comunidade é de base germânica, além de contribuir com estudos sobre outras comunidades. Estudos que visam conhecer mais de como a conexão entre língua, sociedade, poder e a interface com as diversas culturas existentes possibilitam o enriquecimento das pesquisas acadêmicas, bem como a compreensão mais ampla dessas relações.

Esta dissertação é organizada em quatro capítulos, além desta introdução e das considerações finais. O primeiro capítulo, a seguir, destaca um percurso histórico dos alemães no Brasil, principalmente no Rio Grande do Sul, em Chapada, espaço geográfico da pesquisa ora proposta, bem como os conceitos de cultura, identidade, língua e poder relacionados ao social e ao econômico, baseados nos estudos de Bueno (2006, 2011), Fausel (1961), Gnerre (2009), Gregory (2013), Hall (2006, 2011), Neumann (2009, 2014), Silva (2011), Steffen (1984) e Woodward (2011).

O segundo discorre sobre a Teoria Semiótica Discursiva e apresenta os fundamentos básicos da teoria que serão mobilizados neste estudo, como os conceitos de texto e de discurso, plano de conteúdo e plano de expressão, Percurso Gerativo de Sentido (PGS) e os três níveis de construção de sentido: fundamental, narrativo e discursivo, além do conceito de isotopia. A Semiótica consiste no aporte teórico-metodológico para análise e interpretação dos discursos. Com base nos pressupostos da teoria, aliado aos estudos históricos e culturais, buscaremos compreender a trajetória do (des) uso da língua alemã em Chapada, implicados nisso os fatores de ordem diversa que podem ter interferido nesse processo. Para desenvolver o capítulo da Teoria Semiótica Discursiva, tomamos por base os estudos de Greimas (1975, 1979), Discini (2005, 2007a, 2007b), Barros (2011, 2012, 2014) e Fiorin (2002, 2010, 2012, 2016).

O terceiro capítulo descreve os procedimentos metodológicos que englobam esta pesquisa, ao especificar a natureza dela, as técnicas e os sujeitos participantes, a coleta dos dados a partir das entrevistas gravadas em áudios, além da transcrição e da análise. A questão metodológica é amparada em Cervo e Bervian (2002), Gil (2008) e Prodanov e Freitas (2013).

O quarto capítulo traz a análise do *corpus*, isto é, dos recortes discursivos provenientes da transcrição das entrevistas realizadas com sujeitos descendentes de imigrantes alemães chapadenses, relacionando-os com os estudos culturais apontados.

Por fim, apresentamos as considerações finais do estudo.

2 ESPAÇOS, TEMPOS E SUJEITOS: CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES

No século XIX, o Brasil viveu um dos momentos mais intensos da vinda de imigrantes para o país. Eles estabeleceram-se em locais diversos; foram inseridos no tecido social brasileiro, sendo portadores de cultura, estilos de vida, línguas e valores diferentes. O espaço social condicionou (e ainda condiciona) modos de ser dos seus descendentes, isto é, a sua identidade. Interesse central deste trabalho, os imigrantes alemães ocuparam as terras brasileiras e construíram suas vivências a partir dos sujeitos, espaços e tempos que encontraram por aqui, o que produziu figuras complexas de diferença e identidade, passado e presente. Em outras palavras, na pluralidade de experiências que já carregavam consigo, incluem-se as experiências nessa nova terra, o Brasil, sobre a qual pouco se sabia, apenas sobre as possibilidades de oportunidades para a melhora de suas vidas.

Essas discussões são ampliadas a seguir, em três seções. Levando em conta que os discursos se constroem sempre em relação com o contexto sócio-histórico, a primeira seção procura situar os sujeitos nesse contexto, ao traçar um percurso histórico da imigração alemã no país e no estado do Rio Grande do Sul, em especial, no município de Chapada, com o marco teórico principal de Bueno (2006, 2011), Fausel (1961), Gregory (2013), Neumann (2009, 2014) e Steffen (1984). Aborda como aconteceram os movimentos migratórios na época e como se constituíram as comunidades germânicas brasileiras, ao expor algumas das vivências que aqui tiveram, o que contribuiu para a construção das identidades atuais dos descendentes de imigrantes alemães. O último autor discorre, especificamente, sobre as questões históricas do município de Chapada, abordadas na segunda seção. A vinda desses imigrantes possibilitou a presença atual dos descendentes na comunidade chapadense. Esses seres, constituídos de identidades plurais, permeados por questões linguísticas que constituem sua identidade, construíram suas vivências influenciados por situações de poder econômico e social. É no campo linguístico que muitas vezes acontece a dominação de povos e que o poder se manifesta, inclusive partindo de questões sociais e econômicas. Assim, a terceira seção deste capítulo aborda conceitos de cultura, identidade, língua e poder, ancorados teoricamente em Gnerre (2009), Hall (2006, 2011), Silva (2011) e Woodward (2011). Cabe destacar que alguns autores são recorrentes nas três seções, devido à relevância das temáticas abordadas.

É importante evidenciar que partimos desses discursos teóricos para então analisarmos os discursos provenientes das entrevistas.

2.1 IMIGRAÇÃO ALEMÃ NO BRASIL: BREVE RETOMADA HISTÓRICA

A Alemanha e o Brasil têm ligações variadas devido aos diferentes momentos das suas histórias, principalmente no que concerne à vinda de alemães para cá. Essa experiência envolve diferentes mundos, ou seja, aquela realidade e aquela vivência do lugar de onde vieram, bem como, para onde foram. Nesse sentido, algumas das experiências do país de origem, como alimentação, festividades, língua, dentre outros hábitos, de certa forma, mantiveram-se no decorrer do tempo nas comunidades dos imigrantes e nas gerações subsequentes. Já outras foram criadas, recriadas, modificadas, tendo em vista a necessidade de inserção na cultura desse novo local de morada.

O primeiro registro de imigrantes⁹ alemães no Brasil remonta ao século XVI, ainda quando o Brasil era colônia de Portugal. Pedro Álvares Cabral teria sido acompanhado em sua frota por dois germânicos, um cozinheiro e um náutico. No período colonial, religiosos missionários também teriam desenvolvido atividades em terras brasileiras. Mais tarde, ocorreu a vinda de exploradores, viajantes, intelectuais, artistas e cientistas alemães. (GREGORY, 2013). Nos séculos XIX e XX, há o registro do maior fluxo de alemães ao país. A partir de grandes transformações sócio-político-econômico-culturais na Europa, uma parte da população buscou melhores condições de vida em outras partes do mundo. Assim,

a emigração de alemães se insere no contexto de motivações gerais da emigração europeia, causadas por transformações políticas, econômicas, sociais e culturais. O crescimento do capitalismo industrial e a consequente decomposição dos liames feudais geraram um ambiente de repulsão populacional diante de uma fronteira aberta e diante do sonho da América. Acrescente-se, ainda, o desenvolvimento do transporte ferroviário e da navegação a vapor, a suspensão do tráfico de escravos negros. Problemas sociais ligados à dificuldade de acesso à terra e de acesso restrito a ocupações satisfatórias no meio urbano disponibilizaram numerosos contingentes populacionais dispostos a migrarem. Houve a convergência de interesses de empresas navegadoras, de agentes de migrantes e da atuação de organizações políticas, sociais e religiosas que proporcionaram ambientes e condições favoráveis à emigração de alemães. (GREGORY, 2013, p. 11-12).

A Alemanha, até o início do século XIX, era essencialmente rural. A revolução agrícola e demográfica foi responsável pelo movimento de industrialização do país germânico, o qual tinha grandes atrasos frente à revolução industrial. É importante destacar a abolição da estrutura feudal como alavanca da emigração, ou seja, a abolição do sistema

⁹ Entenda-se “imigrante” como “[...] um indivíduo ou um grupo de determinada nacionalidade que aporta no país para trabalhar, trazendo consigo outras tradições, valores, cultura e, o que nos interessa mais de perto, a língua de seu país de origem”. (BUENO, 2006, p. 02).

feudal foi um dos motivos que estimulou a emigração. Na estrutura feudal, o camponês, como servo, ocupava uma terra que podia transmitir aos seus descendentes. A partir das mudanças, o camponês teria a possibilidade de tornar-se proprietário dessa terra, com a condição de ceder 1/3 ao seu senhor. Para o médio camponês, essa mudança foi muito importante, pois ele teria terras suficientes para produzir e alimentar a sua família, ao contrário dos pequenos camponeses, que se viram reduzidos a uma pequena área de terras para ser explorada, sendo obrigados a se empregar como trabalhadores agrícolas. A propriedade desse pequeno camponês ficava ainda mais reduzida a partir da divisão de heranças, o que impossibilitava definitivamente a sobrevivência no campo.

As correntes imigratórias foram oriundas também de uma política intencional de governo, quando em 1808, o governo português realizou a abertura dos portos brasileiros para as nações consideradas "amigas". Portugal não ia bem economicamente e em troca de ajuda da Inglaterra possibilitou a entrada de produtos ingleses no Brasil, colônia portuguesa na época. A Inglaterra havia perdido seu maior campo de negócios, já que a Europa, por ordens de Napoleão, fechou o comércio para o continente inglês. O Brasil ainda estava com o sistema escravocrata vigente, o que era um obstáculo para a expansão da Inglaterra, já que os escravos não tinham poder aquisitivo, nem cultural, para a compra dos produtos ingleses. Assim, a Inglaterra pressionou para que houvesse o fim do tráfico de trabalhadores escravos. Este foi um importante momento de transformação do regime de trabalho na sociedade brasileira.

O Brasil, que vivia a sua emancipação política¹⁰ na segunda década de 1800, caracterizou-se como um receptor de imigrantes das mais diversas nacionalidades, uma vez que ofereceu condições a esses imigrantes para que eles pudessem se instalar em solo brasileiro e buscar uma nova vida. A mão-de-obra do imigrante era considerada uma alternativa vantajosa, pois era reconhecido no europeu um elemento apto para ocupar as atividades agrícolas. (BUENO, 2006). Além disso, entre o final da Monarquia e o início da República, uma sociedade brasileira constituída por burocratas, intelectuais e cientistas majoritariamente brancos desejava formar uma “civilização europeia” no Brasil, a partir de um projeto de branqueamento em que a vinda de imigrantes europeus poderia cumprir o objetivo. (BUENO, 2011). Assim, D. João VI, em 1808, baixou um decreto: que fossem dadas terras a não portugueses e imigrantes para que se dedicassem à atividade agrícola ou de povoamento.

¹⁰ A Corte Portuguesa transferiu-se para o Brasil, o que marcou o início do processo que culminou com a Proclamação da Independência do país, em 1822, porém, somente em 1889 ocorreu a transição oficial da monarquia para a república.

Em 1824, iniciou-se a temporada de chegada dos primeiros imigrantes alemães ao Brasil, mais especificamente ao sul do país, na Real Feitoria do Linho Cânhamo (onde hoje se localiza a cidade de São Leopoldo, no estado do Rio Grande do Sul), local em que foi criada a primeira colônia alemã. De São Leopoldo, os imigrantes alemães foram direcionados para núcleos em diferentes lugares do país com o intuito de povoar lugares considerados “vazios demográficos” (GREGORY, 2013, grifo do autor); para o trabalho no campo, como colonos ou nas fazendas de café como assalariados; ou ainda à cidade, como trabalhadores especializados. (NEUMANN, 2009). Eles tinham diferentes profissões e habilidades, o que demonstra o perfil heterogêneo dessas migrações. (NEUMANN, 2014). Eram sapateiros, operários de indústrias, tecelões, carpinteiros, ferreiros, dentre outros. Paralelo ao setor público de imigração, atuou também o setor privado com a venda de lotes para os imigrantes recém-chegados. Os imigrantes com melhores condições financeiras recebiam essa oferta para compra, enquanto os imigrantes desfavorecidos economicamente eram instalados nas colônias públicas. Esses imigrantes deram origem a núcleos em torno dos quais se desenvolveu a vida política e administrativa, formando vilas, que mais tarde se transformaram nas sedes dos atuais municípios, como é o caso de Chapada, interesse central deste estudo.

Com a colonização oficial, o governo brasileiro visava garantir a posse e a exploração de regiões conturbadas por questões de limites, além das regiões menos povoadas. Para a província isso também convinha, pois, a produção que ocorreria nesses lugares seria essencialmente de gêneros alimentícios, o que não interferiria em outras atividades comerciais. Ao contrário, contribuiria para o desenvolvimento econômico dessas regiões. Os imigrantes, que vieram de diferentes regiões da Alemanha, encontraram grande êxito nas áreas ausentes de grandes propriedades, o que propiciou a formação da pequena propriedade. (FAUSEL, 1961). Diferente de outras regiões do país, onde o imigrante trabalhou como assalariado, no RS ele veio para colonizar, ou seja, entrava no país com posse de terra e fixava-se nela como proprietário.

Durante a Revolução Farroupilha (1835)¹¹, houve interrupção da vinda de imigrantes. Com o término da guerra civil, novamente vieram mais imigrantes ao estado gaúcho. Entretanto, nesse período, o sistema de imigração não estava funcionando no Brasil e muitos

¹¹ O governo central brasileiro iniciou a cobrança de altas taxas sobre os produtos sul rio-grandenses, como o charque, o sal, a erva-mate, o couro, o sebo, dentre outros, o que incentivava a importação dos produtos vindos da Bacia do Prata. A partir disso, eclodiu a Revolução Farroupilha (ou Guerra dos Farrapos), que perdurou de 1835 a 1845 e foi liderada pela classe dominante gaúcha, formada por fazendeiros de gado, que usaram parte da população das camadas pobres gaúchas para lutar nos confrontos. Foi um dos conflitos mais extensos da história do Brasil.

ficaram abandonados. Alemães que estavam há mais tempo no estado aproveitaram a situação e venderam áreas que ainda tinham mato para que os recém-chegados abrissem picadas e organizassem as terras para plantio e sua consequente sobrevivência. A Constituição da época também dificultou a adaptação dos imigrantes, uma vez que impossibilitou o colono de naturalizar-se, o que impedia a sua participação e integração na vida comunitária e política da província. Em 1854, essa situação já estava regularizada e a mudança em pauta foi a não mais doação de terras, mas, sim, a venda para os imigrantes recém-chegados, ou seja, a formação de colônias privadas.

Mediante essa instalação de um contingente significativo de imigrantes alemães, deu-se início à organização das comunidades, a partir de hábitos e costumes que eles tinham no seu país de origem. A educação não recebia atenção por parte das autoridades estaduais sulistas, ou seja, “a carência ou total ausência de escolas durante o século XIX é evidente, situação que pouco mudou com a ascensão do governo republicano, tendo em vista sua premissa de deixar o ensino de livre iniciativa”. (NEUMANN, 2009, p. 172). Assim, as escolas foram organizadas dentro das próprias colônias, com professores vindos da Alemanha. Neumann (2009) destaca que “as crianças eram tiradas cedo da escola para ajudar a trabalhar, bem como havia uma resistência generalizada dos pais em não deixar os filhos frequentarem as classes superiores. [...] Nem todos os colonos dispunham de condições financeiras para manter os filhos em uma escola particular”. (NEUMANN, 2009, p. 179-180). A situação só mudou após alguns anos, quando escolas públicas foram disponibilizadas nas colônias, porém, elas também não foram vistas de maneira positiva, pois representavam uma ameaça à manutenção da germanidade, principalmente à língua alemã.

Na saúde acontecia fato semelhante: médicos vindos do país germânico atendiam seus conterrâneos. Na política, os imigrantes alemães não se envolviam com a causa, pois não tinham benefícios diretos com as eleições, logo não viam sentido nessa participação, principalmente pelo fato de que muito do que se prometeu não foi cumprido. O sonho da América, enfim, não pareceu ser tão perfeito quanto se dizia. Muitos colonos não tinham acesso às terras, ou não recebiam as ferramentas e as sementes prometidas. Não tiveram acolhimento por parte da sua nova pátria. Tudo isso acarretou colônias que se fecharam em sua cultura e em sua organização advindas do país de origem. Essas colônias foram o princípio da origem de muitos dos municípios gaúchos que existem atualmente, como é o caso de Chapada, espaço geográfico desta pesquisa e sobre o qual se discorre a seguir.

2.2 A FORMAÇÃO DE CHAPADA E A INFLUÊNCIA ALEMÃ

No Rio Grande do Sul, as iniciativas pública e privada foram responsáveis por encaminhar famílias à metade norte do estado, principalmente para atender a ideia de colonização da região dos Sete Povos das Missões¹², que há muito tempo preocupava a administração colonial do Brasil. Para inaugurar esse deslocamento do eixo colonial de São Leopoldo ao norte do estado, em 1890, foi fundada a colônia Ijuí, no município de Cruz Alta. Ambas (São Leopoldo e Ijuí) tiveram funções similares, mas, conforme Neumann (2009, p. 15), “enquanto São Leopoldo era o centro de irradiação das chamadas colônias antigas, ou colônias velhas, Ijuí seria o centro de irradiação das colônias novas, no Norte e Noroeste do estado”. Isso fez com que os imigrantes alemães se instalassem em terras pertencentes ao município de Palmeira e que, mais tarde, pertenceriam ao município de Chapada.

Em torno de 1915, chegaram as primeiras famílias de alemães a Chapada. Não diferente de outras regiões do país, antes da chegada dos imigrantes já havia ocupação de grupos de etnias variadas (principalmente indígenas) no local. Registros dão conta da colonização de Tesouras¹³, em 1915, a partir do colonizador Miguel Matt¹⁴. Em 1920, havia o registro de 300 habitantes. Já em 1921¹⁵, “iniciou-se **outra** colonização ao norte de Tesouras, mais ou menos na região hoje denominada Linha Modelo, na época *Kaudebach*”. (STEFFEN, R.; STEFFEN, I.; STEFFEN, N., 1984, p. 12, grifo nosso). O interesse pela colonização por parte do colonizador Guilherme Sudbrack aumentou, o que provocou a

colonização de nova gleba, ainda mais ao norte de *Tesouras*, área hoje ocupada pela cidade de *Chapada e arredores*, cujos donos anteriores eram uruguaios, residentes em Montevideú, Julio e Firmino Garcia. Novamente Nicolau Kasper foi

¹² Região também conhecida como povos, doutrinas ou missões, onde os espanhóis construíram reduções jesuíticas, em que jesuítas (ou padres da Companhia de Jesus) eram responsáveis pela catequização/conversão dos índios à religião católica. A região era causa de inúmeras divergências entre Portugal e Espanha, provocando vários confrontos. Na Europa, as duas nações também tinham muitas divergências, o que em 1801 fez com que uma pequena tropa portuguesa invadisse as reduções, derrotasse os espanhóis e anexasse definitivamente esse território ao Brasil.

¹³ Tesouras, atualmente, é um dos maiores distritos do município de Chapada, porém, no período citado, integrava o município de Palmeira (a partir de 1944 começou a ser chamado Palmeira das Missões).

¹⁴ As citações dos nomes de Miguel Matt e em seguida de Guilherme Sudbrack devem-se ao fato de que eles foram os colonizadores que conduziram famílias ao município de Chapada. Pode-se dizer que eram “empresários da colonização”, de modo que, além de direcionar as famílias, foram responsáveis por todos os trâmites para que elas se alocassem nos locais previamente destinados. Essa colonização foi particular, ou seja, os imigrantes pagaram pelas terras adquiridas.

¹⁵ Período em que o atual distrito chapadense denominado Tesouras passou a distrito de Palmeira.

intermediário-vendedor e o primeiro morador de Chapada. O agrimensor era o Sr. Alfredo Closs. Ambos eram também responsáveis pela abertura de estradas e picadas. (STEFFEN, R.; STEFFEN, I.; STEFFEN, N., 1984, p. 12, grifo nosso).

A partir disso, vários outros locais da região foram ocupados, principalmente às margens do Rio da Várzea. Os imigrantes abriram estradas, construíram moradias e iniciaram o cultivo de cereais, como milho e feijão, além do fumo. O excedente era vendido em Pinheiro Marcado¹⁶, de onde era enviado pela linha férrea até grandes centros consumidores. A grande produção relacionada à qualidade do solo era notícia levada aos diversos locais do RS, o que motivou a vinda de novas levas de imigrantes (STEFFEN, R.; STEFFEN, I.; STEFFEN, N., 1984), oriundos de Lajeado, São Sebastião do Caí, Nova Petrópolis, São Leopoldo e Montenegro. Essas cidades, naquela época, eram conhecidas como *Alt Kolonie* (Colônia Velha). Esses sujeitos trouxeram consigo toda uma bagagem cultural, seus costumes, suas festas (*Kerb*), jogos (*Schoffkopp*¹⁷), além da experiência no cultivo da terra. Ademais, trouxeram o dialeto alemão (STEFFEN, R.; STEFFEN, I.; STEFFEN, N., 1984), um dialeto que hoje é influenciado pelo português.

Em Chapada, a proibição do uso da língua alemã na Era Vargas fez com que, tal qual aconteceu na Colônia Velha, os grupos fechassem-se em suas organizações. Tanto que a organização do sistema educacional foi feita a partir do pagamento de professores pelos pais dos alunos. A empresa colonizadora¹⁸, inclusive, construiu uma casa para servir de escola, sendo que em 1923, ela começou a funcionar com atuação do professor Antônio Ott Filho. As aulas eram ministradas em língua alemã e em portuguesa, além de ambas as línguas serem ensinadas. Já em 1939, foi instalada uma escola de freiras, da congregação das irmãs Notre Dame, de Passo Fundo. Depois da emancipação de Chapada, em 1959, sentiu-se a necessidade de uma escola pública, que foi construída num terreno doado pela comissão colonizadora.

É importante destacar que na época do fluxo imigratório alemão, de acordo com a Revista do Cinquentenário (2009, p. 10),

¹⁶ Distrito do município de Carazinho – RS que faz divisa com Chapada.

¹⁷ Jogo de cartas que recebeu inúmeras variações ao longo da história. Sua base consiste em cada jogador receber seis cartas. O primeiro lança uma carta qualquer e os demais, em ordem, devem mostrar uma carta com o mesmo naipe, se tiverem. A pessoa que apresentar a maior vence e joga outra carta, e assim sucessivamente até acabarem as seis. O vencedor é quem somar a maior pontuação.

¹⁸ Como anteriormente citado, a área hoje pertencente ao município de Chapada foi colonizada por imigrantes alemães direcionados a partir de colonizadores, isto é, pessoas que trabalhavam em empresas colonizadoras, que obtinham lucros a partir da venda de terras.

Chapada constituía juntamente com os atuais municípios de Iraí, Três Passos, Frederico Westhephalen [sic], Seberi, Tenente Portela, Campo Novo, Humaitá, Crissiumal, Santo Augusto, e também Palmeira das Missões, num total 13.324 km², o terceiro distrito de Cruz Alta que, por sua vez, integrava, até 1830, a comuna de São Francisco de Borja.

Em 6 de maio de 1874, por decreto do governo da então Província de São Pedro do Sul, Palmeira das Missões desmembrou-se de Cruz Alta. Dessa forma Chapada, ou seja, Tesouras, que antigamente era sede do território chapadense, passou a ser o Primeiro Distrito de Palmeira das Missões.

O início do processo de emancipação político-administrativo do município de Chapada deu-se em 1921, quando Tesouras (antiga sede da cidade e atual distrito chapadense) foi elevada à categoria de distrito de Palmeira das Missões. (STEFFEN, R.; STEFFEN, I.; STEFFEN, N., 1984). Com o crescente desenvolvimento de Chapada, em 1957 iniciou-se a organização de uma comissão emancipacionista. Essa equipe teve a tarefa de divulgar nas diversas comunidades o que se pretendia, ou seja, a emancipação político-administrativa e qual era a importância disso. A comissão teve participação de sujeitos de famílias chapadenses diversas, tanto da área rural, quanto da área urbana, principalmente de origem alemã, como Padre Waldemar Engster, Beno Haubert, Leonel Mattjie, Eugênio Koop, Lindolfo Weber, Theobaldo Schneider, Ignácio Klein, Nicolau Ott, Lauro Scheibe, Carlos Luft, Felipe Willibaldo Steffen, dentre outros. (STEFFEN, R.; STEFFEN, I.; STEFFEN, N., 1984). Diferente do que acontecia no âmbito estadual e federal, no âmbito municipal os imigrantes encontraram sentido na participação política, pois era um meio de obter mais poder econômico e social.

A emancipação foi efetivada em 1959, sendo que no mesmo ano já se realizou a primeira campanha política para a escolha de prefeito, vice e vereadores. O primeiro prefeito foi Félix Antônio Porciúncula Sampaio (1959-1963), seguido por José Adelmo Ledur (1963-1969), Osvaldo Vicente Hoff (1969-1973), Ermindo Kunrath (1973-1977), Jorge Hofer (1977-1983), Milton Kissman Kamphorst (1983-1988), Agenor Finck (1989-1992), Jorge Hofer (1993-1996), Agenor Finck (1997-2000), Carlos Alzenir Catto (2001-2008), Gelson Miguel Scherer (2009-2010), Paulo Jair Costa Campana (2010), Larri Lui (2010-2012) e Carlos Alzenir Catto (2013 até os dias atuais).

No processo industrial, logo nos primeiros anos iniciou o funcionamento de uma serraria pertencente a Carlos Subdrack, seguida pela ferraria de José Schols. A primeira fábrica de tijolos foi instalada por João Steffen e a primeira fábrica de telhas por Henrique Richter. Ricardo Berend foi o primeiro dono de uma sapataria; Cristiano Kempf, de um moinho; Theobaldo Krombauer, de açougue; Alfredo Winck, de uma carpintaria; a primeira

cervejaria foi de propriedade de José Stein; a funilaria, de José Goergen; a queijaria, de Hugo Sauer; a atafona, de Osvaldo Richter; fábrica de alambiques, de Edmundo Kunrath; fábrica de óleo de amendoim, de Theodoro Schonhalz; selaria e curtume, de Alfredo Lavall. A primeira produção de luz elétrica era de propriedade particular de Carlos Mattjie. (STEFFEN, R.; STEFFEN, I.; STEFFEN, N., 1984). Como se vê, pelos sobrenomes, os empreendimentos eram de famílias germânicas. Destacamos que os nomes citados acima, juntamente com os das pessoas que participaram da comissão emancipacionista e os ex-prefeitos são importantes para esta pesquisa, uma vez que configuraram o ponto de partida para se chegar às pessoas entrevistadas.

O município de Chapada também teve forte influência dos imigrantes na sua principal atividade econômica, ou seja, a agricultura. A principal atividade econômica do município ainda hoje é baseada na agricultura, com destaque para a produção da soja e do leite. Os imigrantes foram responsáveis pelo desenvolvimento econômico e social da região ao abrir estradas, organizar locais para plantio, construir engenhos, moinhos, dentre outros. Criaram-se inúmeras alternativas para que a vida no novo local fosse viabilizada.

Conhecida como a “simpatia do alto Uruguai”, Chapada recebeu imigrantes de duas etnias: alemã e italiana. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2014), o município chapadense, em 2015, teve uma estimativa de 9.613 habitantes, sendo que de acordo com o Censo Demográfico de 2010 (9.377 habitantes), 65%¹⁹ são de origem alemã. (IBGE, 2011). A expressiva presença da etnia alemã é constatada pelos diferentes hábitos culturais que se evidenciam no município, principalmente, pela comunicação por uma variante do alemão. Entretanto, o hábito de comunicação por meio do dialeto alemão evidencia-se mais frequentemente nos círculos de pessoas idosas (a partir de 60 anos), que são filhos ou netos de imigrantes, além de um pouco entre as pessoas de meia idade (entre 40 e 60). As gerações seguintes parecem não mais utilizar o alemão para a comunicação. Isso pode ser percebido nas ruas, nos eventos sociais, nas escolas etc.

Em relação às expressões culturais, Chapada sempre teve marcada a influência alemã com os bailes de *kerb*, festivais de *chopp*, baile do colono e do motorista, que foram as responsáveis pela origem da *Chapadafest*. Os bailes de *kerb* foram a maneira que os imigrantes encontraram para recordar as festividades germânicas. Com

¹⁹ O Censo Demográfico de 2010 é o último que teve seus dados completos divulgados, por isso a utilização dessa porcentagem conforme essa versão. O número de habitantes correspondente a 2015 é apenas uma estimativa realizada pelo IBGE.

características familiares, durava[m] três dias, durante o dia festejavam nas famílias, pela manhã na Igreja, com missa e culto e, à noite, se realizava o baile. Em geral se comemorava o aniversário de inauguração da Capela ou do Padroeiro. Em cada localidade, o *kerb* passou a ter particularidades em suas atividades, sendo que as famílias nestes dias enfeitavam as casas e usavam roupas festivas. (REVISTA DO CINQUENTENÁRIO, 2009, p. 10).

Além disso, as festas de *kerb* tinham muita fartura de alimentos e bebidas. Muitas famílias reuniam-se e faziam as festas juntas, sempre com muita hospitalidade. Entretanto, há algumas décadas que as festas de *kerb* não são mais realizadas no município. Em 1990, junto com a inauguração do Ginásio Municipal 03 de junho, surgiu a *Chapadafest*, uma festa alternativa para o resgate da cultura germânica que, conforme os criadores, estava se perdendo nas comunidades. O evento consolidou-se como a maior festa típica da região, existindo até hoje e sendo realizado sempre em meados de janeiro. Em 2017, foi realizada a 28ª edição do evento. Os bailes em salões, as comidas, o *chopp*, os trajes, as flores, o clima de festa e de alegria são tentativas de resgate das antigas festas de *kerb* e da cultura alemã trazida pelos imigrantes.

Ademais, no município, em 2017, iniciou-se a escolha do *puppie* (menino) e da *mädchen* (menina) da *Kinder Chapadafest*, isto é, escolha do menino e da menina soberanos infantis. Nas escolas municipais, em 2016, foi realizada pela primeira vez a *Kinder Fest*, evento que movimentou a comunidade escolar com festividades alusivas à imigração alemã, como formas de resgate da cultura e da identidade germânica. Atividades que também reforçam a preocupação de algumas pessoas da comunidade chapadense em relação à perda de hábitos considerados essencialmente germânicos, que representariam uma perda das características principais do ser germânico em Chapada.

Percebe-se que há esforço da comunidade em tentar manter suas raízes identitárias, ao mesmo tempo que precisam adaptar-se às novas culturas e determinações sociais, como foi o caso dos imigrantes germânicos ao aportar no Brasil. É importante lembrar que há um jogo de forças nesse processo, que reflete diretamente no uso do idioma, uma vez que ele é um dos principais fatores de reconhecimento identitário. É na língua que, muitas vezes, o poder se inscreve. Esses aspectos serão abordados na seção seguinte, com destaque para a relação entre língua, identidade, cultura e poder.

2.3 LÍNGUA, CULTURA E PODER: RELAÇÕES NA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES

Esta seção reflete sobre os conceitos de identidade, língua, cultura e poder relacionados com o contexto da imigração alemã no Brasil. Ao discorrermos sobre a questão do deslocamento dos imigrantes alemães para cá, bem como sua permanência no país, é necessário reconhecer a ampla presença de descendentes por todo o território, em grupos menos homogêneos, mas que mantiveram, adaptaram e reconstruíram suas características de identidade germânica. (GREGORY, 2013). Ao abordar o conceito de identidade, é importante considerá-lo por meio das marcas de diferença, sendo que muitas delas, principalmente em grupos étnicos, são consideradas mais importantes do que outras, em lugares e momentos particulares. (WOODWARD, 2011). A conservação de certos hábitos, principalmente no que concerne ao linguístico e às festividades, parece ser o que marca essa identidade germânica em Chapada. Assim, a identidade não se mostra apenas pelo que ela é, mas, sim, é compreendida pelo que ela não é.

Mudanças e transformações globais na história mundial de imigrações têm direcionado a discussão sobre "as questões de identidade e as lutas pela afirmação e manutenção das identidades nacionais e étnicas". (WOODWARD, 2011, p. 25). Nesse contexto, relaciona-se a discussão a que se propõe este trabalho, em compreender a trajetória de desuso do dialeto de língua alemã em Chapada, identificando os principais fatores que desencadearam e vêm desencadeando tal fenômeno. O imigrante, bem como seus descendentes, relaciona-se com o dialeto como um símbolo, de modo que há pessoas que poderiam falá-lo, porém não o fazem, o que reafirma o caráter simbólico de um elemento da identidade que pode estar se perdendo. A construção da identidade é simbólica e social, pois ela não existe separada, sendo vivida no discurso, no uso em comunidade, a partir de uma representação do eu para o outro. Silva (2011) destaca que a identidade, numa primeira acepção, poderia ser vista como "aquilo que se é" e exemplifica: "sou brasileiro, sou negro, sou homossexual [...]". (SILVA, 2011, p. 74). A diferença estaria no que o outro é, numa autorreferenciação.

Nesse sentido de autorreferenciação e afirmação, Silva (2011) sentencia que ao afirmar "sou brasileiro", estamos nos referindo a uma cadeia de "negações". Ser alemão (ou descendente de) compreenderia "não ser brasileiro", "não ser chinês", carregado ainda de outros significados e elementos simbólicos relacionados com elementos da germanidade. Identidade e diferença são inseparáveis. Assim, "ao afirmar determinada identidade, podemos buscar legitimá-la por referência a um suposto e autêntico passado – possivelmente um passado glorioso, [...] um passado que parece 'real' – que poderia validar a identidade que reivindicamos". (WOODWARD, 2011, p. 28, grifo do autor). É o caso do município de

Chapada, onde alguns traços característicos dos imigrantes teutos têm se mantido, como as festas populares (a *Chapadafest*) e o dialeto alemão que continua sendo falado por alguns grupos. Esses elementos reafirmam o sentimento de valorização dos antepassados, daqueles que desbravaram novos horizontes em busca de melhores condições de vida. É o que Woodward (2011) define como buscar no passado, nos antecedentes históricos, as identidades perdidas, mesmo que isso possa ser a produção de novas identidades.

Woodward (2011) destaca a importância da conceitualização do termo identidade nas suas diversas dimensões e a sua relação com reivindicações existencialistas sobre quem pertence e quem não pertence a um determinado grupo, como nos graus de parentesco, as identidades étnicas e de raça. Nesse sentido, a identidade é uma marcação simbólica relativa a outras identidades, bem como, está

vinculada também a condições sociais e materiais. [...] o *social* e o *simbólico* referem-se a dois processos diferentes, mas cada um deles é necessário para a construção e a manutenção das identidades. A marcação simbólica é o meio pelo qual damos sentido a práticas e a relações sociais [...]. É por meio da diferenciação social que essas classificações da diferença são "vivas" nas relações sociais. [...] O nível psíquico também deve fazer parte da explicação; trata-se de uma dimensão que, juntamente com a simbólica e a social, é necessária para uma completa conceitualização da identidade. Todos esses elementos contribuem para explicar como as identidades são formadas e mantidas. (WOODWARD, 2011, p. 14-15, grifo do autor).

Esse simbólico surge aqui, no período das migrações e adaptações no novo país, com exemplos diversos. Temos a língua do imigrante desvalorizada, o que interfere na formação da identidade desse sujeito e, conseqüentemente, dos seus descendentes. Alguns valores culturais e ideológicos permaneceram, enquanto outros sofreram adaptações, o que Hall (2011, p. 109) destaca como o "jogo de modalidades específicas de poder", em que "as identidades são construídas dentro e não fora do discurso", de modo a precisar "compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formação e práticas discursivas específicas por estratégias e iniciativas específicas". (HALL, 2011, p. 109). A língua tem importante papel nas relações de poder social, político e econômico, inclusive. O preconceito é usado como uma forma de poder, de modo a diminuir determinada pessoa e/ou cultura perante outras construções. Os imigrantes, desde a saída da Alemanha, tiveram de se adaptar a diferentes normas, que mostram diferentes teores de poder.

O governo imperial não mostrou interesse na educação dos imigrantes, o que fez com que eles próprios se organizassem em relação a isso. As escolas, por muito tempo, tiveram professores da própria comunidade, e, depois, receberam outros docentes vindos da

Alemanha, cujo papel era ensinar a ler, escrever, contar e transmitir valores comunitários e culturais, para, principalmente, manter e reforçar costumes. A língua alemã ensinada nessas escolas foi a escrita, o que corresponderia ao idioma oficial da Alemanha, apesar dos primeiros colonos que chegaram ao Brasil serem só meio alfabetizados. (FAUSEL, 1961). Vários imigrantes foram alfabetizados na língua alemã com pouco conhecimento da língua oficial brasileira, o português. Tal fato estimulou a publicação de materiais na língua alemã. Entretanto, no período do Estado Novo (1937-1945), quando a campanha de identidade nacional foi intensificada (GREGORY, 2013), em Chapada, assim como nas outras comunidades alemãs do Brasil, os imigrantes foram proibidos de falar o alemão.

O *Histórico do município de Chapada* (1984) relata que aconteceram várias prisões, como foi o caso do primeiro padre a atuar na comunidade chapadense, Willibaldo Grundwald, que “teria sido preso ao sair da igreja, após pregar um sermão em alemão. Muitos colonos também teriam sido presos em flagrantes por se expressarem em alemão, onde [sic] muitos deles somente o alemão sabiam falar”. (STEFFEN, R.; STEFFEN, I.; STEFFEN, N., 1984, p. 71). Nesse período de migrações, muito se discutiu sobre a importância dos alemães no Brasil, inclusive ocorreram perseguições e repressões por motivos étnico-culturais. Gregory (2013) destaca que

como resultado do processo de nacionalização, as expressões públicas de germanidade diminuíram. A língua alemã passou a ser falada menos em público. Diminuíram também as atividades das sociedades e clubes recreativos. A educação passou a ser feita na língua portuguesa. Em certos meios, ser alemão assumia uma conotação de inferioridade, de negação, de exclusão. No entanto, a memória, que não pode ser expressa publicamente, não deixou de se manifestar, até na clandestinidade, e continuou rememorada e transmitida de geração para geração. (GREGORY, 2013, p. 25).

Muitas pessoas não conseguiam sequer transitar socialmente sem o alemão, pois era o único dialeto/língua que conheciam, fazia parte da sua identidade. Houve essa tentativa de convencimento de que a língua do outro (imigrante) é “pobre”, “feia”, “selvagem” e que para progredir seria melhor falar a língua de dominação (português). (GNERRE, 2009). Em muitos momentos, o alemão continuou a ser falado. Inclusive, esse processo permitiu que vários neologismos fossem criados a partir das palavras híbridas, de modo que “com bastante habilidade e a coragem típica do inconsciente se amalgamaram palavras portuguesas [sic] e alemãs”. (FAUSEL, 1961, p. 106). A partir do século XVIII, intensificada durante a Segunda Guerra Mundial, a imposição de uma norma social: o estabelecimento da construção de uma

identidade nacional adentrou no campo linguístico, isto é, o ideal seria que os membros da comunidade nacional falassem a mesma língua.

A imposição de uma língua, de uma norma padrão, em detrimento de outra, está diretamente ligada com práticas socioculturais, ou seja, o que chamamos de cultura letrada. A norma se impõe ao falante. De acordo com Faraco (2012, p. 39),

o domínio da cultura letrada [...] está ensopado de uma densa teia de valores que gera e mobiliza uma vasta gama de modos de ser, de agir, de pensar e, evidentemente, de dizer. [...] aquela densa teia de valores participa do processo de constituição e funcionamento do universo do imaginário social que recobre os fenômenos linguísticos.

[...]

A norma-padrão, enquanto realidade léxico-gramatical, é um fenômeno relativamente abstrato: há, em sua codificação, um processo de relativo apagamento de marcas dialetais muito salientes.

Apesar disso, uma norma padrão nunca conseguirá pôr fim à diversidade, pois teria de homogeneizar a sociedade e a cultura, além de estancar o movimento e a história. Daí a importância da Sociolinguística, que tem por objeto de estudo “os padrões de comportamento linguístico observáveis dentro de uma comunidade de fala e os formaliza analiticamente através de um sistema heterogêneo, constituído por unidades e regras variáveis” (LUCCHESI, 2012, p. 60), que atuam conjuntamente nas diversas realidades linguísticas. Signorini (2012) trabalha com a ideia da Sociolinguística que define língua e dialeto como “unidades funcionalmente hierarquizadas”. Assim, “um dialeto é uma língua ‘subdesenvolvida’ – no contexto da sociedade nacional apreendida em sua coesão sociocultural e linguística”. (SIGNORINI, 2012, p. 100). Em outras palavras, seria o entendimento da classificação laboviana de comunidade de fala, em que há variações nos graus de prestígio e status atribuídos a uma língua ou dialeto, dependendo do contexto de uso.

De acordo com Alvarez (2012, p. 184-185), “quando o indivíduo fala em determinado idioma, ele experimenta esse idioma como algo que existe fora dele, como uma realidade exterior que impõe regras que devem ser aprendidas e seguidas”. Os imigrantes, ao serem coagidos a falar o português, sofreram diversos tipos de ações (represálias, inclusive) por transgredir as normas estabelecidas da linguagem considerada culta. Esse desprezo pelo dialeto alemão intensifica o fato de a língua ser um instrumento de dominação e de discriminação, que interfere diretamente na identidade de um povo. De acordo com Hall (2006, p. 49-50),

a formação de uma cultura nacional contribuiu para criar padrões de alfabetização universais, generalizou uma única língua vernacular como meio dominante de comunicação em toda a nação, criou uma cultura homogênea e manteve instituições culturais nacionais, como, por exemplo, um sistema educacional nacional. Dessa e de outras formas, a cultura nacional se tornou uma característica-chave da industrialização e um dispositivo da modernidade.

Logo, o governo da época não teria grandes empecilhos para impor sua proposta de identidade nacional brasileira, pois adentrou diretamente nos fatos linguísticos, ao proibir o uso da língua que era falada pelos imigrantes. A relação entre migrações e fatos linguísticos é de grande importância para o desenrolar deste trabalho, pois identidade e diferença são atos de criação linguística, isto é, são criadas por meio de atos da linguagem. Identidade e diferença são produzidas em um mundo cultural e social, ou seja, "somos nós que as fabricamos, no contexto das relações culturais e sociais". (SILVA, 2011, p. 76). Nessa perspectiva, as diferentes instituições dentro das quais os indivíduos de uma comunidade vivem e convivem também interferem na construção de uma identidade. Engloba-se nisso

as famílias, os grupos de colegas, as instituições educacionais, os grupos de trabalho ou partidos políticos. Nós participamos dessas instituições ou "campos sociais", exercendo graus variados de escolha e autonomia, mas cada um deles tem um contexto material e, na verdade, um espaço e um lugar, bem como um conjunto de recursos simbólicos. Por exemplo, a casa é o espaço no qual muitas pessoas vivem suas identidades familiares. [...] Embora possamos nos ver, seguindo o senso comum, como sendo "a mesma pessoa" em todos nossos diferentes encontros e interações, não é difícil perceber que somos diferentemente posicionados, em diferentes momentos e em diferentes lugares, de acordo com os diferentes papéis sociais que estamos exercendo. Diferentes contextos sociais fazem com que nos envolvamos em diferentes significados sociais. (WOODWARD, 2011, p. 30-31, grifo do autor).

Apesar de o imigrante ser "a mesma pessoa", em cada situação ele fazia usos linguísticos diferenciados, adotando posicionamentos diferentes conforme as expectativas e restrições sociais envolvidas em cada uma das situações a que era exposto, principalmente, quanto à proibição do uso da sua língua do seu país de origem, de seus antepassados. A atuação conforme os "campos sociais" em que estavam inseridos era, assim, condicionada pelo contexto de construção de uma identidade nacional na Era Vargas. Tais experiências fizeram com que houvesse uma fragmentação na construção da identidade germânica. Ainda seguindo a linha de pensamento destacada por Woodward (2011), a vida moderna e a sua complexidade exigem, inclusive, que se assumam diferentes identidades que podem estar em conflitos, como foi o caso dos imigrantes e as situações impostas no Brasil. Foram variadas tensões em que uma identidade interferiu em outra. É a prática social simbolicamente marcada.

Alvarez (2012, p. 186) destaca, baseado nas ideias de Max Weber (1864-1920), que

as normas sociais envolvem também valores e, como tais, são objetos de lutas permanentes nas quais o que está em jogo é justamente a possibilidade de alguns indivíduos imporem determinadas formas de conduta e de pensamentos a outros, ou seja, formas de poder e de dominação. Esse caráter conflitual de toda existência social se torna ainda mais manifesto na sociedade moderna, daí a impossibilidade da busca de qualquer tipo de consenso normativo nesta sociedade.

Assim, é possível pensar a sociedade por meio da ação de agentes sociais de grande importância, pois eles orientam ações individuais, ou seja, família, escola e comunidade são responsáveis na orientação de condutas. Conforme Gregory (2013, p.22), “na maioria das vezes, o sentimento de pertencimento a uma identidade étnica é definido a partir de elementos como a língua falada no âmbito das relações familiares, os hábitos e outros costumes, os estereótipos associados à condição étnica, além de outros fatores”. A identidade e a diferença estão relacionadas ao social. Assim, a identidade na "sua definição – discursiva e linguística – está sujeita a vetores de força, a relações de poder. Elas não são simplesmente definidas; elas são impostas" (SILVA, 2011, p. 81), estão envolvidas em relações de incluir e excluir; sobre quem pertence e quem não pertence.

As dificuldades de uso da língua alemã no Brasil estavam já no meio físico que diferia daquele da Europa, o que influenciava outras mudanças culturais, inclusive com a aquisição de terminologias que preenchessem lacunas da expressão linguística, isto é, alguns objetos, por exemplo, não tinham uma nomenclatura na língua materna alemã, o que provocou a junção de elementos linguísticos para nomear o que se propunha, o que alterou a língua materna. De acordo com Fausel (1961), os primeiros imigrantes já mostravam variedades de dialetos e descendências diferentes, que, muitas vezes, já vinham com eles da Alemanha. A variedade dentro de uma comunidade linguística é comum, como o caso aqui da língua e do dialeto.

Essa questão da diversidade linguística não foi diferente com aqueles imigrantes que vieram mais tarde. Esses diferentes grupos, que seguiram rumos diferentes²⁰ dentro do estado gaúcho, demonstram que não há a possibilidade de haver uma igualdade linguística em relação ao falar alemão no Rio Grande do Sul. (FAUSEL, 1961). Isso também contribuiu para

²⁰ “Parece-nos não sem importância anotar o exemplo de São Leopoldo cuja evolução em três direções diferentes deixou seus vestígios também na língua dos três grupos em questão: os colonizadores e pioneiros continuaram desembrenhando a mata virgem e abrindo novas colônias, levando consigo a velha herança linguística e cultural; o segundo grupo, de moldes diferentes, transformou-se nos futuros comerciantes e industrialistas da capital crescente e entrou em contato contínuo com a vida econômica e, no curso do tempo, também política e cultural do país inteiro; enquanto que os restantes, muitos artesãos e a classe média da pequena vila, ficaram e por muito tempo vacilaram entre as duas formas de vida”. (FAUSEL, 1961, p. 94).

que os imigrantes, como presença estrangeira no país, tivessem de falar apenas uma língua, ou seja, a língua oficial brasileira, que consistia no português.

De acordo com Gregory (2013, p. 15),

em termos de heterogeneidade e pluralidade de nacionalidades, representadas no Brasil por fluxos quase que contínuos até 1940, o processo de imigração e colonização revela algumas características específicas nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Nestes [sic] estados, a presença de europeus não portugueses fez com que se formassem núcleos com grupos étnicos com (auto) identidades próprias e culturalmente distintos.

Apesar dessa tentativa de fechamento em seus grupos, a fusão entre germânicos e brasileiros foi inevitável. Não há como fugir das influências do contato com o outro. A cultura nacional de onde se nasce até pode constituir-se em uma das principais fontes para a formação da identidade, porém isso não é algo presente em nossos genes, mas, sim, pensamos nelas como se fossem parte de nós. (HALL, 2006). Adaptações e trocas culturais influenciam essa fusão. O casamento, por exemplo, pode ser responsável pela mistura de identidades, inclusive, nos dias de hoje. O descendente de imigrantes não é mais somente alemão, ele já tem outras interferências, ele é um pouco de cada povo que constitui a sua família, como italianos, açorianos, indígenas, africanos, dentre outros²¹. Diferentes hábitos culturais se “diluem” na sociedade, de tal forma que são incorporados pelos diferentes sujeitos sociais, embora possam ter um sentimento de maior pertença com determinada etnia. A constituição de uma identidade diferenciada tem ligação também com os meios de comunicação de massa e a globalização, que interferem fortemente nas identidades dos grupos minoritários (GREGORY, 2013), principalmente, mas que pode acontecer também em qualquer sociedade. O aumento do uso de meios de comunicação velozes e imediatos permite que o usuário saiba do que acontece em outro país, até do outro lado do mundo, em tempo real, o que permite a apreensão de diversos elementos dos mais variados povos.

Silva (2011, p. 82) propõe que "afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora", entre o que é "nós" e o que é "eles". O grupo de imigrantes, ao falar a língua portuguesa ao invés da alemã, inserido num grupo social diferente daquele de onde ele veio, teria a impressão de pertencimento ao Brasil. (BUENO, 2006). Na história de vários países, a língua tem sido um dos elementos centrais usados para se criar laços, para se constituir uma hegemonia nacional, ou seja, "a história da

²¹ Grupos que constituem a população brasileira, inclusive com a diversidade existente a partir da miscigenação entre todos esses povos.

imposição das nações modernas coincide, em grande parte, com a história de imposição de uma língua nacional única e comum". (SILVA, 2011, p. 85). É um dos símbolos construídos para a formação de uma identidade. A partir disso, ainda, constroem-se outros símbolos para identificar o pertencimento, a ideia de nacionalidade, que resulta numa identidade.

É importante destacar, conforme Gnerre (2009, p. 06), que “uma variedade linguística ‘vale’ o que ‘valem’ na sociedade os seus falantes, isto é, vale como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais [...]”. Nessa perspectiva, os imigrantes eram vistos como um grupo que veio ao Brasil para oferecer o seu trabalho, considerado de qualidade, para ocupação de vazios demográficos, além do quesito de branqueamento da sociedade brasileira. Não há o registro de que se tenha pensado neles como um povo de identidade e de cultura que pudesse ter grande importância econômica e social no país. O foco estava mais nessa mão de obra, nessa ocupação, nesse branqueamento. Eles, inicialmente, não tinham grande valia nas relações econômicas e sociais, tanto que não se envolveram nas questões políticas, inclusive com os períodos de fechamento em suas próprias comunidades. Somente mais tarde, conforme apontado anteriormente, eles começaram a se envolver em questões políticas, como foi o caso do processo de emancipação político-administrativo chapadense.

Enquanto imigrantes, eles também eram considerados uma ameaça à homogeneização da nacionalidade. Barros (2012, p. 06), ao abordar os discursos da intolerância, destaca que eles derivam do ódio “em relação ao estrangeiro, ao diferente, aos ‘maus’ usuários da língua”. Quem teria esse ódio seria o mesmo sujeito que tem “amor à pátria, à sua língua, ao seu grupo étnico, aos de sua cor, à sua religião. É esse jogo entre o querer fazer mal e o querer fazer bem que caracteriza passionalmente o sujeito apaixonado intolerante”. (BARROS, 2012, p. 06). Assim, o uso de uma variante, neste caso, da língua alemã, era elemento influente para a não possibilidade da construção de uma identidade nacional brasileira, o que deveria ser abolido, exterminado, proibido. A autora destaca ainda que “a intolerância linguística (e a de qualquer outro tipo) está fortemente relacionada com outras formas de intolerância (sobretudo racial, religiosa, sexual, política, socioeconômica)” (BARROS, 2014, p. 02), o que permite compreender que

as relações entre os usos linguísticos ou entre as várias línguas são determinadas por seu caráter público ou privado: no domínio do público, a intolerância surge quando a lei regulamenta certos usos e línguas e proíbe os demais (vejam-se, por exemplo, a proibição, por Pombal, do uso das línguas indígenas ou das línguas gerais no Brasil; a discriminação, pelo governo brasileiro, do emprego de línguas estrangeiras, na época da Segunda Guerra; ou a não aceitação do uso de termos estrangeiros, com a

lei Toubon, na França); no âmbito do privado, a intolerância aparece quando as preferências individuais ou de grupos discriminam usos e línguas e impedem que seus usuários tenham acesso a empregos, cargos ou funções (vejam-se, entre outros, a discriminação que sofrem os que usam o "r" caipira ou uma entonação que assinala determinada identidade sexual). [...]

A regulamentação linguística, no domínio do público, explica-se pelo papel que as línguas assumem na construção de impérios, nações, estados, na constituição de identidades nacional, regional, e, principalmente, na construção da língua nacional, com o apagamento das diversidades linguísticas. (BARROS, 2014, p. 02).

Nesse sentido, há o caso da língua alemã que foi proibida no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial, inclusive a proibição do seu ensino nas escolas. (BUENO, 2006). Algumas pessoas acreditavam que os imigrantes eram um perigo para a sociedade, enquanto outras, que o elemento estrangeiro era essencial para construir um país mais civilizado e desenvolvido (BUENO, 2006), o que estava relacionado ao trabalho e à raça. É inevitável que a migração tenha impacto sobre o país para onde o imigrante se dirige, ocasionando a formação de identidades plurais.

A identidade não é acabada, de acordo com Hall (2006). O autor destaca que, ao invés de “identidade”, prefere o termo “identificação”, porque é preciso “vê-la como um processo em andamento. [...] a identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de *uma falta* de inteireza que é ‘preenchida’ a partir de nosso *exterior*, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por *outros*”. (HALL, 2006, p. 39, grifo do autor.). É o que ocorreu e segue ocorrendo com os imigrantes e descendentes alemães no Brasil, pois o dialeto, dentre outros elementos que ainda se mantêm, marca a identidade germânica. No entanto, a proibição ou o preconceito em relação a esse falar, é mais um dos fatores que faz com que se queira preencher com elementos brasileiros ou ainda de outros povos, inclusive com elementos do processo de globalização, como a língua inglesa.

Silva (2011) define a identidade como não fixa, mas instável, incoerente, desunificada. Ela é "uma construção, um efeito, um processo de produção. [...] está ligada às estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas ligações com relações de poder" (SILVA, 2011, p. 96-97), isto é, as relações de atribuição de sentido ao mundo social, a disputa em torno dessa atribuição, que, muitas vezes, compete aos governos em seus respectivos países. Nessa acepção, as discussões sobre identidade estão permeadas pelos processos e práticas que se inserem na vivência dos povos, comum a todos os imigrantes, ou melhor, a todos os povos. Apesar dessa movimentação, as identidades manteriam uma ligação com o passado histórico.

Já em relação aos descendentes, "no mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural" (HALL, 2006, p. 47), o que leva a compreender muitas das mudanças que as identidades passam, isto é, mesmo sendo descendentes de alemães, a primeira característica em questão é a nacionalidade brasileira e tudo que essa identificação carrega, principalmente enquanto fator simbólico. A língua tem relação com isso, pois ela não é somente um instrumento de comunicação entre os homens. Ela constitui sentidos ideológicos, políticos e históricos que são colocados na relação com a sociedade, seja com indivíduos, seja com grupos, nessa forma de ser visto pelo outro. É no e pelo discurso que todas essas reflexões teóricas aqui empreendidas podem ser encontradas, em que manifestam as relações de poder social, político e econômico na construção da identidade dos sujeitos.

O capítulo seguinte destina-se à apresentação da Semiótica Discursiva, cujos preceitos embasam o trabalho em interface com os estudos culturais aqui abordados.

3 SEMIÓTICA DISCURSIVA: TEORIA DO TEXTO E DO DISCURSO

Este capítulo trata da Teoria Semiótica Discursiva, que conjuntamente com os estudos teóricos culturais embasam este trabalho. Apresentamos aqui os principais fundamentos mobilizados neste trabalho. Assim, na primeira seção, o destaque é para os conceitos introdutórios de texto e de discurso, bem como, de plano de conteúdo e plano de expressão. Para estudar os discursos (sentido), a Semiótica utiliza o Percurso Gerativo de Sentido (PGS), abordado na segunda seção, que é dividida em subseções acerca dos três níveis de construção de sentido: fundamental, narrativo e discursivo.

Além disso, também exploramos o conceito de isotopia, que, sumariamente, são cadeias de recorrências temáticas e figurativas presentes nos discursos. Essas recorrências nos permitirão identificar os temas mais marcadamente apontados como influenciadores do desuso da língua pelos entrevistados de diferentes gerações, relacionando-os com os temas apontados nos discursos culturais. A isotopia é destaque da terceira seção deste capítulo.

Para desenvolver o capítulo da Teoria Semiótica Discursiva, tomam-se por base os estudos de Greimas (1975, 1979), Discini (2005, 2007a, 2007b), Barros (2011, 2012, 2014) e Fiorin (2002, 2010, 2012, 2016) – os dois últimos os principais difusores da teoria no Brasil.

3.1 TEXTO E DISCURSO NA PERSPECTIVA DA SEMIÓTICA

A Semiótica Discursiva, de origem francesa, foi desenvolvida pelo lituano Algirdas Julien Greimas e colaboradores do Grupo de Investigações Sêmio-Linguísticas da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais. É também conhecida por Semiótica Greimasiana (homenagem ao seu fundador) ou Semiótica Francesa (referência ao local onde surgiu).

Para a Semiótica, o homem vive num mundo significante. Nas diversas relações diárias, os sentidos estão presentes de forma natural, ou seja, não há um universo vazio, tudo

tem significados. O mundo natural, de acordo com Greimas (1975, p. 51), "se deixa tratar como um objeto semiótico", portanto, pode ser lido como um texto. Esse texto nasce quando há união de um plano de conteúdo (discurso) com um plano de expressão (materialidade semiótica). Assim, compreende discurso e texto numa relação de interdependência, como dois lados de uma mesma moeda, em que um não existe sem o outro. Isso porque todo e qualquer discurso se materializa sempre em forma de texto. Ademais, "o texto é a manifestação de um discurso. Assim, o texto pressupõe logicamente o discurso, que é, por implicação, anterior a ele". (FIORIN, 2012, p. 148). Nesse sentido, um mesmo discurso pode concretizar-se em textos de natureza diversa, ou seja, que diferem quanto ao modo de existência semiótico.

A esse respeito Discini (2007a, p. 29) destaca que a "forma de expressão pode ser verbal, visual [...] ou sincrético, se juntar em si dois meios diferentes de expressão". Assim, num livro, por exemplo, o plano de expressão é verbal, ou seja, escrito, manifesto por uma só linguagem, o que o define como um texto verbal. Já num filme baseado nesse mesmo livro o plano de expressão será sincrético, uma vez que é formado pela linguagem verbal (falas) e não-verbal (sons, imagens, gestos etc.), ou seja, o discurso vem manifesto por várias linguagens, por diferentes substâncias de expressão. (FIORIN, 2012). Destarte, de modo bem simplificado, a Semiótica concebe o plano de conteúdo como sendo da ordem do discurso e o plano de expressão como sendo da ordem da materialidade, das formas semióticas através das quais o discurso se manifesta. Pode ser um livro, um filme, uma pintura. Sendo que cada uma dessas semioses tem elementos específicos que são acionados para a construção do sentido.

A título de ilustração, Discini (2007b) cita alguns elementos da ordem do plano de conteúdo e outros da ordem da expressão, tomando como exemplo um texto verbal escrito. Segundo a autora, são da ordem do conteúdo elementos como tempo, espaço, atores, estratégias argumentativas, temas abordados, etc. O plano de expressão engloba elementos como paragrafação, tipo de letra, pontuação, disposição dos capítulos, etc.). No texto oral, por exemplo, não se marcam parágrafos. Entretanto, isso precisa ser feito no texto escrito. Também as pausas são marcadas de forma diferente no texto oral e no escrito. Neste último, o plano de expressão exige que elas sejam marcadas com sinais de pontuação.

O texto, na perspectiva da Semiótica, constitui, ao mesmo tempo, um objeto de significação e um objeto de comunicação. Barros (2011, p. 07) destaca que a

concepção de texto, entendido como *objeto de significação*, faz que seu estudo se confunda com o exame dos processos e mecanismos que o estruturam, que o tecem

como “um todo de sentido”. A esse tipo de descrição tem-se atribuído o nome de *análise interna ou estrutural do texto*. [...]

A segunda caracterização de texto não mais o toma como *objeto de significação*, mas como *objeto de comunicação* entre dois sujeitos. Assim concebido, o texto encontra seu lugar entre os objetos culturais, inserido numa sociedade (de classes) e determinado por formações ideológicas específicas. Nesse caso, o texto precisa ser examinado em relação ao contexto sócio-histórico que o envolve e que, em última instância, lhe atribui sentido. [...] o que se costuma denominar de *análise externa do texto*. (grifo da autora).

Em outras palavras, a Semiótica se preocupa em apreender e explicar os sentidos dos textos e discursos, observando tanto os elementos internos do texto, como elementos externos a ele que implicam na construção de sentidos, como as influências sócio-históricas e as relações interdiscursivas, por exemplo.

Por óbvio, não há como separar o plano de conteúdo do plano de expressão, mas dedica-se mais atenção ao plano de expressão quando se estudam textos de natureza estética, como um poema ou uma pintura, pois é nesse plano que está o sentido da obra. (DISCINI, 2007b). Nos textos de natureza utilitária, o principal é o plano de conteúdo. Para análise dos textos e discursos, então, a Semiótica propõe que, como primeiro passo, “se faça abstração das diferentes manifestações [...] e que se examine apenas seu plano de conteúdo”. (BARROS, 2011, p. 08). Assim também o faremos nesta pesquisa, em que nos importam não as formas de manifestação do discurso, mas os discursos em si, as ideias veiculadas no plano de conteúdo.

Para estudar o plano de conteúdo dos textos e discursos, a Semiótica desenvolveu o Percorso Gerativo de Sentido, que será explicitado na sequência.

3.2 O PERCURSO GERATIVO DE SENTIDO

O Percorso Gerativo de Sentido (PGS) diz respeito ao plano de conteúdo. Ele constitui um caminho metodológico que busca explicar como o sentido é construído na perspectiva do produtor do texto e na perspectiva do leitor, uma vez que esses sujeitos (produtor e leitor) fazem caminhos inversos na produção dos sentidos. O PGS possui três níveis: fundamental, narrativo e discursivo. O percurso conduz da imanência à manifestação, quando analisado sob a perspectiva do produtor do texto, ou da manifestação à imanência, quando analisado sob a perspectiva do leitor. Greimas & Courtés (1979, p. 268-269) destacam que “a manifestação é

então – e antes de tudo – a formação do nível dos signos, ou então, se se preferir numa formulação trivial, a postulação do plano de expressão no momento da produção do enunciado e, inversamente, a atribuição do plano de conteúdo no momento de sua leitura”. Aqui será explicado o processo tomado na ótica do produtor do texto, ou seja, partindo do nível fundamental, depois o narrativo e então o discursivo. Esses níveis estão interligados e não podem ser separados, uma vez que essa noção é apenas metodológica.

De acordo com Fiorin (2016, p. 20), o percurso compreende “uma sucessão de patamares, cada um dos quais suscetível de receber uma descrição adequada, que mostra como se produz e se interpreta o sentido, num processo que vai do mais simples ao mais complexo”, ou melhor, do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto. Apesar do sentido do texto depender da relação entre os níveis, cada um deles pode ser descrito separadamente, conforme será visto em seguida.

Ademais, na Semiótica, distinguem-se dois elementos complementares: o semântico e o sintático. Assim, cada um dos três níveis (fundamental, narrativo e discursivo) têm um componente sintático e um semântico²², como veremos a seguir na apresentação dos níveis.

3.2.1 O nível fundamental

A primeira etapa do percurso, a mais simples e abstrata, é denominada nível fundamental ou das estruturas fundamentais, em que surge a significação como uma oposição semântica mínima. (BARROS, 2011). De acordo com Fiorin (2016, p. 24), "a semântica e a sintaxe do nível fundamental representam a instância inicial do percurso gerativo e procuram explicar os níveis mais abstratos da produção, do funcionamento e da interpretação do discurso". A semântica de base é formada por dois termos opostos pertencentes ao mesmo eixo semântico.

Conforme Fiorin (2016, p. 22), "é preciso que [os termos] tenham algo em comum e é sobre esse traço comum que se estabelece uma diferença". Assim, o autor exemplifica que ao

²² Como explica Fiorin (2016) a distinção entre sintaxe e semântica do discurso não significa que uma seja mais importante que outra, e sim que, por exemplo, uma mesma estrutura sintática pode receber diferentes investimentos semânticos. Por exemplo, a sintaxe de uma oração refere-se à organização, à disposição dos elementos que a compõem. Assim, a sintaxe de uma oração em ordem direta seria: sujeito + verbo + complementos + adjuntos adverbiais. Já a semântica diz respeito às escolhas enunciativas que vão recobrir essa estrutura, abrindo inúmeras possibilidades de construção de sentido: João foi aprovado na seleção de mestrado na semana passada/Maria enviou-me um e-mail na tarde de ontem...).

usarmos os termos "masculinidade" e "feminilidade", estamos adentrando no domínio semântico da sexualidade. Tais termos são, portanto, contrários, estando cada um num polo da categoria. Cada um dos termos da categoria fundamental recebe uma determinação positiva (eufórica) ou negativa (disfórica). Essa determinação está inscrita no texto, de tal modo que os termos "masculinidade" e "feminilidade", por exemplo, podem estar em diferentes textos com valorações distintas.

A sintaxe do nível fundamental abrange operações de negação e asserção de acordo com o “caminho” de sentido que estabelece em relação aos dois termos opostos no texto (A *versus* B). Conforme Fiorin (2016), um texto pode traçar o seguinte percurso: afirmação de *a*, negação de *a*, afirmação de *b*; ou então: afirmação de *b*, negação de *b* e a afirmação de *a*. Por exemplo, num texto que fale sobre vida e cujo sentido se construa sobre a categoria semântica vida *versus* morte – o percurso poderá ser: afirmação da morte, negação da morte, afirmação da vida; ou, o contrário: afirmação da vida, negação da vida, afirmação da morte.

3.2.2 O nível narrativo

O segundo nível recebe o nome de nível narrativo ou das estruturas narrativas, sendo que a narrativa é organizada do ponto de vista de um sujeito, como ele se move, qual o percurso que traça em busca daquilo que deseja (objeto-valor). Também busca explicar as relações humanas, dos homens no mundo e dos homens sobre os outros homens.

O nível narrativo configura-se em qualquer tipo de texto e não apenas nos narrativos. Isso porque, do ponto de vista da Semiótica, a narratividade está relacionada às mudanças de estado propostas num texto. Conforme destaca Fiorin (2016, p. 27-28), é preciso fazer uma distinção entre narratividade e narração:

aquela é componente de todos os textos, enquanto esta concerne a uma determinada classe de textos. A narratividade é uma transformação situada entre dois estados sucessivos e diferentes. Isso significa que ocorre uma narrativa mínima, quando se tem um estado inicial, uma transformação e um estado final. [...] Entendida como transformação de conteúdo, a narratividade é um componente da teoria do discurso. Já a narração constitui a classe de discurso em que estados e transformações estão ligados a personagens individualizadas.

Discini (2005, p. 274, grifo nosso) assim explica a narratividade em textos dissertativos, por exemplo: “Qualquer mudança de estado de um sujeito, qualquer transformação sofrida, ou *proposta para ser sofrida por ele*, representa um estágio de narratividade”. Com isso, a autora deixa claro que, mesmo sendo apenas no plano de projeto, de desejo, há sempre um sujeito do dizer que propõe uma mudança de estado a partir de um texto.

No nível narrativo, as oposições semânticas do nível fundamental são assumidas como valores para circulação entre os homens, isto é, a transformação de conteúdo pela ação dos sujeitos (BARROS, 2011). Neste nível, o texto é analisado sob a ótica de sujeitos que "disputam" valores e que se movem no sentido de alcançá-los. Esses valores recebem, neste nível, a denominação de objeto-valor (ou objeto de valor), sendo aqueles com os quais "se entra em conjunção ou disjunção na performance principal". (FIORIN, 2016, p. 37). O objeto de valor é aquilo que o sujeito deseja.

Além disso, para conseguirem realizar as transformações necessárias à obtenção dos objetos de valor, os sujeitos precisam estar dotados de vontade, ou de uma obrigação, e terem competências para tanto. Assim, chamamos de objetos-modais os elementos relacionados à vontade/obrigação e às competências para fazer a ação. Os objetos modais são o querer, o dever, o saber e o poder-fazer. São “aqueles elementos cuja aquisição é necessária para realizar a performance principal”. (FIORIN, 2016, p. 37). Assim, objeto-valor e objeto-modal são posições na sequência narrativa, sendo que o valor que um objeto assume diz respeito ao significado que tem um objeto concreto para aquele sujeito que entra em conjunção com ele.

Inclusive, o objeto-valor não necessariamente é um objeto, mas algo – um valor – com que se deseja entrar em conjunção. Pensemos na importância, ou no valor, que um carro assume para diferentes sujeitos: um pode desejá-lo por status, outro por necessidade de locomoção, outro para conseguir determinado emprego. O sujeito em disjunção com o carro o quer, porém apenas o querer não é suficiente, se não tiver o saber (como adquirir, onde comprar, qual comprar), nem o poder (dinheiro) para adquirir, não conseguirá cumprir a ação. Os objetos modais são, portanto, aqueles necessários à obtenção do objeto-valor.

A semântica do nível narrativo se ocupa dos valores inscritos nos objetos de valor e nos objetos-modais. Tomemos, por exemplo, um texto que fale sobre vida x morte. Esse texto pode apresentar o discurso de um paciente em estado terminal (sujeito) que deseja morrer para se livrar da dor. Esse doente em estado terminal pode desejar a morte (seu objeto-valor) e não

a vida. Será então, na direção da afirmação da morte que seu texto se construirá. Já um outro sujeito pode não aceitar a morte e lutar pela vida. Neste caso, será esta (a vida) seu objeto-valor, e o texto se organizará no sentido de negar a morte e afirmar a vida.

Percebe-se, porém, que, embora o paciente em estado terminal tenha o “querer-fazer” (querer morrer), é possível que não tenha, sozinho, o “poder-fazer” (poder realizar/determinar sua morte). Tal sujeito não estaria dotado, portanto, do objeto-modal necessário à obtenção do seu objeto de valor. Em contrapartida, se ele estiver dotado do saber-fazer e do poder-fazer, poderá tirar a própria vida e, assim, obter o seu objeto de valor: a morte.

A sintaxe narrativa diz respeito aos elementos e à forma de organização dessa “narrativa”. Como explica Barros (2011, p. 16), “a sintaxe narrativa deve ser pensada como um espetáculo que simula o fazer do homem que transforma o mundo. Para entender a organização da narrativa de um texto, é preciso, portanto, descrever o espetáculo, determinar seus participantes e o papel que representam na historiazinha simulada”.

A sintaxe comporta dois enunciados elementares: os enunciados de estado e os enunciados de fazer. O primeiro relaciona sujeito e objeto por meio de uma relação de junção, que poderá ser de disjunção (privação) ou de uma conjunção (posse). Essa relação de conjunção ou disjunção, segundo Greimas (1975), é necessária para interpretar a relação estrutural dos enunciados, ver como são mostradas as transformações, ou seja, a passagem de um estado de enunciado a outro.

De acordo com Fiorin (2016, p. 28-29), "como há dois tipos de enunciados de estado, existem duas espécies de narrativas mínimas: a de privação e a de liquidação de uma privação". A liquidação de uma privação consiste num estado inicial disjunto e um final conjunto, ou seja, em *a menina comprou chocolate*, um estado inicial sem chocolate chega ao estado final conjunto, de aquisição do chocolate. Já na privação sucede o contrário: do estado inicial conjunto, há um estado final disjunto. Ainda com o mesmo exemplo, *a menina perdeu seu chocolate*.

Fiorin (2016, p. 29) explica que os textos são narrativas complexas, pois vários "enunciados de fazer e de ser (de estado) estão organizados hierarquicamente. Uma narrativa complexa estrutura-se numa sequência canônica, que compreende quatro fases: a manipulação, a competência, a *performance* e a sanção". Na fase da manipulação, um sujeito (destinador) age sobre outro para levá-lo a querer ou dever fazer alguma coisa. Pode ocorrer

de o sujeito desejar fazer algo e agir por escolha própria, configurando-se, assim, a “automanipulação”.

Na segunda fase, da competência, o sujeito que irá realizar a transformação central da narrativa é dotado de um saber e/ou um poder fazer. A fase em que acontece a transformação central da narrativa, isto é, a mudança de um estado a outro, consiste na terceira fase, a *performance*. A última fase é a sanção. Nela ocorre o reconhecimento de que a *performance* se realizou, além da constatação do sujeito que realizou a transformação (FIORIN, 2016). De acordo com a *performance* que o sujeito realizou em relação às suas “obrigações contratuais”, a sanção poderá “ser positiva (recompensa) ou negativa (punição)”. (GREIMAS; COURTÉS, 1979, p. 389). Um exemplo das fases da narrativa descritas pode ser assim configurado: um estudante, motivado pelas palavras de um professor, pretende cursar vestibular para ingressar no ensino superior. Ele será manipulado/motivado pelo “querer-fazer”. A competência para buscar seu objeto de valor implicará no saber-fazer e no poder-fazer, ou seja, ele precisa saber como se inscrever e ter recursos (financeiros, por exemplo) para prestar a prova. A *performance* consistirá na realização e aprovação no exame. Como sanção, se aprovado, o discente terá o reconhecimento da família e dos amigos, ou poderá ganhar uma bolsa de estudos, etc.

Essas fases não estão sempre encadeadas numa sucessão temporal e nem se manifestam de forma explícita no texto, precisando, muitas vezes, serem recuperadas por pressuposições lógicas. Ao relatar que um garoto passou no vestibular e ganhou um carro novo, está-se falando da *performance* e da sanção, ficando as outras duas fases implicadas por pressuposição: para passar no vestibular, o garoto deve ter a manipulação e a competência necessárias.

3.2.3 O nível discursivo

No terceiro patamar, está o nível do discurso ou das estruturas discursivas, que são estruturas encarregadas de “retomar as estruturas semióticas de superfície e de ‘colocá-las em discurso’, fazendo-as passar pela instância da enunciação”. (GREIMAS; COURTÉS, 1979, p. 208). É o momento em que “a narrativa é assumida pelo sujeito da enunciação” (BARROS, 2011, p. 09) e que “as formas abstratas do nível narrativo são *revestidas* de termos que lhes dão concretude”. (FIORIN, 2016, p. 41, grifo do autor). A exemplo das duas anteriores, esta

etapa também tem seu componente semântico (semântica discursiva) e sintático (sintaxe discursiva).

A semântica discursiva se ocupa dos processos de tematização e de figurativização, os quais recobrem e veiculam os valores assumidos pelos sujeitos no discurso. Como explica Fiorin (2016), tematização e figurativização são dois níveis de concretização dos discursos: todos os textos são tematizados e esses temas podem, depois, ser recobertos por figuras. Já a sintaxe discursiva diz respeito às escolhas enunciativas do enunciador, examinando, dentre outros aspectos, a projeção das categorias de pessoa, tempo e espaço no enunciado, e os efeitos de sentido decorrentes dessas escolhas. Também são da ordem da sintaxe discursiva as estratégias argumentativas utilizadas para convencer o *tu* a quem o discurso se dirige. (FIORIN, 2016). Neste estudo, dentre os muitos mecanismos da sintaxe discursiva, interessamos apenas a categoria de pessoa, uma vez que as escolhas de projeção dessa categoria no discurso podem revelar o sentimento de exclusão ou de pertencimento de grupos sociais, por exemplo.

As explicações sobre as formas de projeção de pessoa no enunciado serão retomadas mais adiante. Por ora, voltamos às explicações sobre tematização e figurativização. Para exemplificar, pensemos no exemplo dado anteriormente, sobre alguém que deseja um carro por status. O tema, “desejo de aparentar”, poderá ser debatido de forma mais abstrata e conceitual, como num texto dissertativo, por exemplo, ou poderá vir recoberto por figuras que representem esse tema, como num texto narrativo, ou numa fábula.

A dimensão semântica do nível discursivo compreende, portanto, os temas e as figuras que se disseminam pelo texto e constroem sentidos. Esses temas e essas figuras têm relação com “os diferentes modos de pensar o mundo, fundamentados em categorizações classificatórias e resultantes da percepção humana, constroem conceitualmente o próprio mundo”. (DISCINI, 2007b, p. 283). Toda essa construção faz parte de representações, interpretações e julgamentos dos indivíduos, a partir de suas vivências de mundo, relacionadas às ideologias que permeiam as relações sociais e, de certa forma, “determinam” o que pensar e o que dizer. Em outras palavras, pode-se dizer que os temas e as figuras reproduzem nos textos o imaginário social e pontos de vista relacionados com concepções de mundo dos sujeitos.

Os **temas**, conforme Fiorin (2016), são investimentos semânticos “de natureza puramente conceptual, que não remete[m] ao mundo natural. São categorias que organizam, categorizam, ordenam os elementos do mundo natural”. (FIORIN, 2016, p. 91). Podemos citar

a elegância, a vergonha, o raciocínio, o orgulho, etc. Todo texto tem um tema e este pode ser veiculado por meio de elementos mais concretos (utilizando-se figuras do mundo real) ou de elementos mais abstratos (ideias, concepções de ordem mais abstratas). Os textos temáticos procuram explicar, classificar e ordenar a realidade significativa, estabelecendo relações e dependências, isto é, são predicativos e explicativos.

Discini (2007b, p. 270) acrescenta que os temas são conceitos de recortes simbólicos da realidade, que reconstróem o mundo, “sob a interpretação de um sujeito submetido ao ideário de formações sociais; [...] são investidos, pela enunciação, de valor eufórico ou disfórico, consolidando visões de mundo”. (DISCINI, 2007b, p. 270). Esses temas atuam a partir das categorizações do mundo por meio de conceitos de oposições. O mesmo tema pode ser figurativizado de diversos modos. Assim, na fábula muito conhecida da cigarra e da formiga, em que a formiga trabalha todo o verão no intuito de guardar mantimentos para passar o inverno, enquanto que a cigarra canta, mantém seu lazer, é possível aferir a temática da importância do trabalho frente ao lazer.

Já a **figura** remete a algo existente no mundo natural. Logo, "é todo conteúdo de qualquer língua natural ou de qualquer sistema de representação que tem um correspondente perceptível no mundo natural". (FIORIN, 2016, p. 91). De tal forma, é possível englobar também o mundo natural construído, ou seja, aquilo que o homem produziu enquanto ser de cultura, de modo que permite englobar as unidades semânticas que acionam a percepção tátil, auditiva, olfativa, visual (DISCINI, 2007b). Ainda levando em conta a fábula da cigarra e da formiga, podem-se relacionar as figuras, respectivamente, formiga e cigarra, aos temas do trabalho e do lazer, além de que as ações concretas por elas desempenhadas na fábula também remetem a um e a outro tema. Assim, dependendo do grau de concretude dos elementos semânticos, haverá textos predominantemente temáticos e textos predominantemente figurativos.

De acordo com Barros (2011, p. 68), “o sujeito da enunciação assegura, graças aos percursos temáticos e figurativos, a coerência semântica do discurso e cria, com a concretização figurativa do conteúdo, efeitos de sentido sobretudo de realidade”. A recorrência de um tema no discurso depende, assim, da conversão dos sujeitos (do nível narrativo) em atores que cumprem papéis temáticos e da determinação de coordenadas espaço-temporais para os percursos narrativos.

Ainda conforme Fiorin (2016, p. 94), “um mesmo esquema narrativo pode ser tematizado de diferentes maneiras. A disjunção com a vida pode tematizar-se como morte

natural, assassinato, morte acidental, etc.”. Da mesma forma, cada tema poderá ser figurativizado de diferentes formas, como o amor pode ser representado figurativamente por corações vermelhos, por casais de mãos dadas, etc.

Lexemas abstratos, ao manifestarem um tema mais geral, constituirão, num texto verbal, o percurso temático. Se figuras forem utilizadas para tanto, tem-se um percurso figurativo recobrando um percurso temático. Variados temas, articulados às figuras, são transmitidos de geração para geração, a partir de uma manipulação inconsciente. Discini (2007b) destaca também o discurso do senso comum, “modalizado por um *crer* poder ser, um *crer* dever ser, um *crer* querer ser segundo valores tidos como inquestionáveis”, como um exemplo para a cristalização de temas e figuras que “fundamentam sistemas de preconceitos”. (DISCINI, 2007b, p. 284). Sistemas de preconceitos são manifestados nos discursos, perceptíveis pelos temas e pelas figuras cristalizadas e que testemunham o capital simbólico da própria língua, que vai significar de acordo com as ideologias do indivíduo que faz uso dessa língua.

Explicados os mecanismos da semântica do discurso (tematização e figurativização), passamos agora a explicar sobre o mecanismo da sintaxe discursiva que nos ajudará na análise: a projeção da categoria de pessoa no enunciado. Como já apontamos anteriormente, a forma de projeção das categorias da enunciação (pessoa, tempo e espaço) e muitos outros recursos argumentativos são da ordem da sintaxe do discurso e abordados nos estudos semióticos. No entanto, vamos nos ater aqui apenas ao estudo da categoria de pessoa, já que ela deixa entrever o sentimento de pertencimento ou exclusão de grupos sociais e, assim, interessa-nos analisá-la no discurso dos sujeitos entrevistados.

Apesar da transcrição realizada das entrevistas, elas são, em sua gênese, conversações em que, de acordo com Crestani (2010), as pessoas se assumem enquanto sujeitos que enunciam, isto é, “há um *Eu* que fala para um *Tu* (e estes se alternam) num mesmo espaço e num mesmo tempo em que a enunciação se realiza”. (CRESTANI, 2010, p. 42, grifos do autor). Assim, no enunciado, evidenciam-se marcas “dessas pessoas nas formas verbais (desinências número-pessoais: fui, foste, fomos), nos pronomes possessivos, nos demonstrativos, nos termos que remetem a uma conversa que ocorre entre EU e TU, aqui e agora” (CRESTANI, 2010, p. 42), configurando o que se costuma chamar de discursos em primeira pessoa.

Possuímos a construção de dois tipos básicos de discurso, ou seja, os de primeira pessoa e os de terceira pessoa. No primeiro caso, “o *eu* coloca-se no interior do discurso”,

enquanto que no segundo caso, “ausenta-se dele” (FIORIN, 2016, p. 64) e representa o outro, a não-pessoa. De acordo com Fiorin (2010, p. 164, grifos do autor),

a 3ª pessoa é a única com que qualquer coisa é predicada verbalmente. Com efeito, uma vez que ela não implica nenhuma pessoa, pode representar qualquer sujeito ou nenhum e esse sujeito, expresso ou não, não é jamais instaurado como participante da enunciação. Por essas razões, a chamada categoria de pessoa possui, para Benveniste, duas correlações: 1) a da *personalidade*, em que se opõem *pessoa (eu/tu)* e *não pessoa (ele)*, ou seja, participantes da enunciação e elementos do enunciado; 2) a da *subjetividade*, em que se contrapõem *eu vs tu*; a primeira pessoa é subjetiva e a segunda é pessoa *não subjetiva*. (1966, 230-232).

Nesse contexto, ao estudar a enunciação, a Semiótica diferencia textos enunciativos e textos enuncivos. Os enunciativos são os textos em que se instauram debreagens enunciativas de pessoa, tempo e espaço. Por exemplo, num enunciado como “Eu moro aqui”, vêm marcada a pessoa subjetiva *eu*, o tempo do agora (no verbo *moro*) e o aqui da enunciação. Já num texto enuncivo, aparecem debreagens enuncivas, ou seja, que apagam as marcas da enunciação e projetam o texto em 3ª pessoa. Como exemplo, podemos citar o enunciado “Outubro é o mês das crianças”. Essas debreagens enuncivas, como explica Crestani (2014), são comuns em notícias jornalísticas, quando o narrador as utiliza para falar de um *ele*, no espaço do *lá* e no tempo do *então*, evitando marcas que deixem entrever apreciações de ordem subjetiva.

Como são três as categorias da enunciação – pessoa, tempo, espaço –, as marcas enunciativas ou enuncivas projetadas nos textos podem ser de pessoa, de tempo, de espaço. Vamos abordar, no entanto, apenas a de pessoa²³.

No que tange à categoria de pessoa, partindo dos estudos de Benveniste (1995/1966)²⁴, Fiorin (2010) explica que os pronomes pessoais “eu, tu, nós, vós/vocês” são considerados, todos, como pessoas enunciativas, porque neles estão implicados o sujeito que fala e o sujeito para quem se fala, ou seja, neles estão implicadas a relação eu-tu, que sempre são participantes da comunicação.

Já “ele/eles/ela/elas” são consideradas enuncivas, porque marcam o sujeito de quem se fala, ou ainda, designa qualquer ser ou não designa ser nenhum. (FIORIN, 2010). Usa-se a 3ª pessoa, quando a pessoa não é determinada. Importante destacar que há três conjuntos de morfemas que servem para expressar a pessoa, sendo os pronomes pessoais retos e oblíquos;

²³ Para um estudo detalhado das formas de projeção dessas categorias no enunciado e dos efeitos de sentido que elas produzem, veja-se a obra *As Astúcias da Enunciação*, de José Luiz Fiorin (2002).

²⁴ Embora parta dos estudos benvenistianos, a Semiótica Discursiva desenvolveu outros conceitos para estudar os fenômenos enunciativos, a exemplo das categorias enunciativo/enuncivo aplicadas às debreagens.

os pronomes possessivos e as desinências número-pessoais dos verbos. Os pronomes possessivos, inclusive, significam posse, assinalam relações, marcam pertenças, denotam relações afetivas, os quais também interessam nesse estudo, por exemplo, conforme destaca Fiorin (2010), quando está junto de nome designativo de instituição, marca pertença (minha escola, meu regimento).

Fiorin (2016) explica que os temas e as figuras de um discurso convergem para um determinado ponto, assim, "as diversas leituras que o texto aceita já estão inscritas nele como possibilidades". (FIORIN, 2016, p. 112). Tais possibilidades vêm marcadas pelas recorrências temáticas e figurativas dentro do texto, conceito conhecido como isotopia e que será ampliado a seguir.

3.3 ISOTOPIA

A diversidade de leituras que um texto permite está inscrita nele por recorrências temáticas e figurativas, ou seja, o texto apresenta possibilidades de leituras a partir dessas marcas, que são conhecidas por isotopia. Ela consiste na "reiteração, num discurso, dos mesmos traços semânticos, o que sustenta a coerência temática e figurativa. A isotopia funda a homogeneidade de leitura". (DISCINI, 2007b, p. 275). É um fenômeno que dá coerência semântica a um texto, que faz dele uma unidade com reiterações, redundâncias, repetições, ou seja, a recorrência de traços semânticos e figurativos ao longo do discurso orienta a leitura que se deve fazer do texto.

O conceito de isotopia caracteriza-se pela sua importância para analisar discursos, uma vez que "permite determinar o (s) plano (s) de leitura dos textos, controlar a interpretação dos textos plurissignificativos e definir os mecanismos de construção de certos tipos de discurso". (FIORIN, 2016, p. 117). Ao levar em consideração a ideia de que no quadro da semântica discursiva há uma relação entre o componente figurativo e o componente temático, Greimas & Courtés (1979) consideram distinções em que as isotopias figurativas sustentam configurações discursivas, enquanto que as isotopias temáticas estão situadas num nível mais profundo do percurso gerativo, ou seja, como já explicamos, as figuras recobrem temas.

Esse conceito de isotopia nos é importante porque, no trabalho com recortes de discurso dos entrevistados, o que propomos é a observação e a análise das recorrências temáticas, ou seja, se vários entrevistados falarem, por exemplo, que na escola se proibia o

uso de uma língua que não fosse a portuguesa, - tal como apontam os discursos culturais abordados, será possível aferir, a partir dessa recorrência temática, um importante fator relacionado ao desuso do dialeto alemão em Chapada. Diferente se apenas um sujeito apontar tal aspecto, pois não haverá recorrência discursiva. Assim, essas recorrências temáticas conduzem aos fatores que ocasionaram esse desuso.

Após especificados os aspectos que embasarão a análise, discorreremos a respeito dos sujeitos e dos procedimentos de metodologia da pesquisa, expostos no capítulo a seguir.

4 OS PROCEDIMENTOS DA PESQUISA

A investigação ora em foco é ancorada por procedimentos metodológicos que serão expostos neste capítulo. Além dos métodos de pesquisa, serão apresentados os instrumentos de coleta e também os passos seguidos na transcrição e na análise do *corpus*.

4.1 A NATUREZA DA PESQUISA

Quanto aos objetivos, esta pesquisa configura-se como explicativa, pois, conforme Prodanov e Freitas (2013), a pesquisa explicativa procura identificar os fatores que causam um determinado fenômeno ao aprofundar o conhecimento na realidade em questão. Este trabalho busca compreender a trajetória de desuso do dialeto de língua alemã em Chapada, identificando os principais fatores que desencadearam e vêm desencadeando tal fenômeno.

O trabalho também é descritivo, pois trabalha com dados e fatos colhidos da realidade (CERVO; BERVIAN, 2002), de modo que esta investigação analisa recortes discursivos (dados) advindos das entrevistas realizadas com esses descendentes. Ainda conforme Cervo e Bervian (2002), este tipo de pesquisa caracteriza-se na observação, no registro, na análise e na correlação de fatos ou fenômenos (variáveis) sem manipulá-los, ou seja, "busca conhecer as diversas situações e relações que ocorrem na vida social, política, econômica e demais aspectos do comportamento humano, tanto do indivíduo tomado isoladamente como de grupos e comunidades [...]". (CERVO; BERVIAN, 2002, p. 66). Ademais, por meio das entrevistas, em correlação com os estudos culturais aqui abordados, deseja-se compreender esse desuso.

A pesquisa aqui apresentada, configura-se como um estudo de caso, em que a coleta de dados se dá por meio de pesquisa de campo, mais especificamente pela entrevista com sujeitos. Refere-se ao primeiro pois

o estudo de caso consiste em coletar e analisar informações sobre determinado indivíduo, uma família, um grupo ou uma comunidade, a fim de estudar aspectos variados de sua vida, de acordo com o assunto da pesquisa. É um tipo de pesquisa qualitativa e/ou quantitativa, entendido como uma categoria de investigação que tem como objeto o estudo de uma unidade de forma aprofundada, podendo tratar-se de um sujeito, de um grupo de pessoas, de uma comunidade etc. (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 60).

Desse modo, enfoca uma realidade específica, de um grupo de sujeitos em particular: a comunidade de descendentes alemães do município de Chapada, mais especificamente, relacionado ao desuso de um dialeto de língua alemã. O pesquisador tem pouco controle sobre os eventos e o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos no contexto da vida real, por tratar-se de uma pesquisa sobre um determinado indivíduo ou grupo e o exame dos elementos da vida dos descendentes (PRODANOV; FREITAS, 2013), o que pode inclusive permitir a descoberta de aspectos que não foram previstos inicialmente, que não foram apresentados nas hipóteses. Além disso, o estudo de caso é realizado num ambiente natural e o pesquisador recorre a múltiplos dados e métodos de coletas, como entrevistas, questionários, registros de áudio e vídeo, diários, documentos, entre outros.

Em relação ao segundo, o estudo de campo, procura o aprofundamento de uma realidade específica. Nesse sentido, requer fases da pesquisa, sendo

em primeiro lugar, a realização de uma pesquisa bibliográfica sobre o tema em questão. Ela servirá, como primeiro passo, para sabermos em que estado se encontra atualmente o problema, que trabalhos já foram realizados a respeito e quais são as opiniões reinantes sobre o assunto. Como segundo passo, permitirá que estabeleçamos um modelo teórico inicial de referência, da mesma forma que auxiliará na determinação das variáveis e na elaboração do plano geral da pesquisa. Em segundo lugar, de acordo com a natureza da pesquisa, determinamos as técnicas que serão empregadas na coleta de dados e na definição da amostra, que deverá ser representativa e suficiente para apoiar as conclusões. Por último, antes que realizemos a coleta de dados, é preciso estabelecer as técnicas de registro desses dados como também as técnicas que serão utilizadas em sua análise posterior. (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 59).

Quanto à abordagem do problema, é qualitativa, pois apesar de o trabalho ser realizado com uma amostragem de pessoas, trata-se da interpretação dos fenômenos relacionados a esse grupo e à atribuição de significados, numa ligação direta com o ambiente onde a pesquisa se realiza. (PRODANOV; FREITAS, 2013). A seguir, ampliam-se as informações sobre as técnicas e os sujeitos participantes.

4.2 COLETA DE DADOS E SUJEITOS PARTICIPANTES

Os procedimentos técnicos estão divididos em dois grupos: baseados em fontes de papel e fornecidos por pessoas. (PRODANOV; FREITAS, 2013). Assim, a primeira parte do trabalho é de ordem bibliográfica, elaborada a partir de materiais já publicados sobre o tema de investigação, e constitui-se como o referencial teórico que embasa a pesquisa e procura explicar o problema através das contribuições culturais existentes sobre o assunto. (CERVO; BERVIAN, 2002). A segunda parte do trabalho, de ordem prática, consistiu na coleta de dados por meio de entrevistas com sujeitos.

De acordo com Krug (2004), para chegar a esses sujeitos há certa dificuldade, sendo importante valeremo-nos de experiências de pesquisas similares e buscar o que mais se ajusta à pesquisa. Nesse sentido, Labov (2001) é citado no trabalho de Krug (2004), em relação à importância de se contatar pessoas que se disponibilizem a indicar contatos, ou seja, pessoas que participam de instituições sociais e que tenham conhecimento de um grande número de sujeitos, como padres, pastores, professores, presidentes de sociedade. Inicialmente, levamos em conta nomes completos com marcas germânicas (sobrenomes, principalmente) presentes no *Histórico do Município de Chapada* (1984), citados como as primeiras famílias a terem

estabelecimentos comerciais no município, seguidos por pessoas e famílias que tenham relação com o processo emancipatório do município, além dos primeiros governantes municipais. Todas essas pessoas deveriam ter alguma marca germânica no nome/sobrenome.

A partir disso, convidamos pessoas dessas famílias para a participação na pesquisa, pela entrevista, em data e local de sua preferência. Os sujeitos convidados podiam desistir da pesquisa a qualquer momento, além de que os nomes estão ocultos, de modo que utilizamos códigos para se lhes referir no texto. Assim, os nomes e sobrenomes estão representados pelas respectivas iniciais, enquanto que o número logo em seguida representa o grupo etário ao qual o entrevistado pertence, ou seja, o grupo 1 é dos 60 (sessenta) anos em diante; o grupo 2, entre 40 (quarenta) e 60 (sessenta); e, o grupo 3, entre 20 (vinte) e 40 (quarenta) anos, que também serão especificados, respectivamente, por geração 01, geração 02 e geração 03. É nesse último grupo (03) que se observa, de modo mais intenso, o desuso do dialeto de língua alemã em sua comunicação, o que despertou o interesse central nesta pesquisa.

Ao nos referirmos aos discursos dos sujeitos que participaram da pesquisa, os números 01, 02 e 03 serão utilizados para identificar o grupo ao qual o sujeito pertence. Após esse número será utilizado um código de letras, que corresponde às iniciais do nome do entrevistado, seguido por outros dois números que correspondem à idade do sujeito. Segue exemplo do sujeito identificado como 1DO63, que é sujeito do grupo 1 (dos 60 anos em diante); DO: código correspondente às iniciais do nome do entrevistado; e, 63 (sessenta e três): idade do entrevistado.

Aspectos concernentes à pesquisa e aos comportamentos do pesquisador e do entrevistado são mencionados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que foi assinado pelos participantes em duas vias, sendo uma entregue a eles e a outra permanecendo em poder do pesquisador. O modelo do termo constitui o Apêndice 01. Este trabalho possui aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), conforme autorização que constitui o Anexo 01.

As entrevistas foram realizadas por meio de perguntas semiestruturadas com possibilidade de respostas abertas (Apêndice 02), a um universo de quinze descendentes de imigrantes alemães, de diferentes faixas etárias que pertencem à mesma família: cinco descendentes da faixa etária dos 20 aos 40 anos; cinco dos 40 aos 60; e, cinco dos 60 em diante. Os sujeitos componentes da primeira geração (de 60 anos em diante) são filhos ou netos dos primeiros proprietários de estabelecimentos comerciais de Chapada, dos emancipacionistas do município chapadense ou dos primeiros governantes; os da segunda

geração (de 40 a 60 anos) são filhos, netos ou sobrinhos dessa primeira; os da terceira geração (de 20 a 40 anos) são também netos, bisnetos ou sobrinhos da primeira. Optamos pela separação nesses grupos etários com o objetivo de atingir diferentes gerações e vivências, possibilitando a compreensão de fatores diversos que interferem no (des) uso do dialeto alemão. Essa amostragem justifica-se pela operacionalização das entrevistas, transcrições e posterior análise, uma vez que, por se tratar de entrevista aberta, um número maior de entrevistados demandaria um tempo muito maior para a realização desta pesquisa.

Para todos os públicos foi interrogado, inicialmente, em relação à idade do entrevistado para que se pudesse encaixar nos grupos pertinentes para a análise, seguido pelo questionamento quanto ao conhecimento da língua alemã, ou seja, se fala ou compreende o alemão. Para as pessoas com 60 anos em diante, além das perguntas padrão, foi solicitado que comentassem um pouco sobre como foi o processo de aprendizagem do alemão, com quem, como é o uso na família, como foi na infância, no comércio, na escola, com os filhos e os netos. Há semelhança de algumas perguntas em virtude dos objetivos desse estudo, em compreender a trajetória de desuso do dialeto de língua alemã em Chapada, identificando os principais fatores que desencadearam e vêm desencadeando tal fenômeno.

Ao público de 40 aos 60 anos, além das perguntas já especificadas, foi solicitado que contasse um pouco a respeito de como apropriou-se do alemão, com quem, como que é o uso na família, como foi na infância, na comunidade, no comércio, na escola. No caso de os entrevistados não comentarem nada imediatamente, foram interrogados posteriormente sobre a existência de algum tipo de preconceito pelo fato de usar o alemão, seja na família, na escola, no comércio ou na comunidade.

Para o grupo dos 20 aos 40 anos foram dois direcionamentos. Se o entrevistado respondeu que não fala alemão, ele foi conduzido a contar sobre como aprendeu o alemão, com quem, como é o uso desse idioma na família e na comunidade. Se o entrevistado disse que não usa ou não sabe, a entrevista seguiu com reflexão sobre o uso do alemão por parte da comunidade e da família (avós/pais falavam/falam/tentaram lhes ensinar). Também se aprendeu outra língua na família, na comunidade ou na escola.

O uso de apenas uma questão central, além daquelas sobre a idade e o conhecimento da língua alemã, justifica-se pelo fato de que com perguntas fechadas correríamos o risco de realizar um direcionamento muito restrito. Essa possibilidade de uma única pergunta permitiu ao sujeito falar sobre ela, de modo a facilitar na análise, pois fomos identificando temas dentro de um único, embora longo texto, sem necessidade de explicar o teor de cada pergunta

e de cada resposta. Inclusive, em alguns casos, foi necessário realizar interferências nas falas, o que somente as entrevistas semiestruturadas com possibilidades de respostas abertas permitem, para que as respostas fossem conduzidas no sentido proposto pelos questionamentos, devido à fuga do tema proposto. Numa interação face a face, como é o caso das entrevistas, Crestani (2010, p. 40) destaca também que há a alternância de turnos de fala, compreendidos como “cada intervenção do falante na sequência da interação. Os turnos se constituem a partir de uma relação responsiva e dialogal, em que ouvinte e falante interagem e passam ou tomam a palavra para, juntos, construir o sentido do enunciado”, o que em muitos momentos foi necessário, em virtude dessa fuga dos entrevistados para outras temáticas, que, embora importantes, não eram o interesse central desta pesquisa.

As entrevistas foram gravadas em áudio, depois transcritas (Apêndice 03) para se proceder aos recortes e à análise. A primeira comunicação com o entrevistado foi realizada a partir de contato telefônico com os possíveis entrevistados, quando se explicou sobre o trabalho em andamento e a importância daquele sujeito para a continuidade dele, sendo que o trabalho tinha relação com o uso da língua alemã no município. Apesar de tratar-se de uma entrevista, tentou-se criar um ambiente em que ela se desse de forma espontânea. Importante citar que vários dos entrevistados prepararam-se anteriormente, manuseando anotações ou até o *Histórico do Município de Chapada* (1984). Outro ponto importante das condições de produção das entrevistas é o grau de envolvimento afetivo e emocional em relação ao entrevistador, o que pode ter inibido ou desinibido o momento de produção do discurso. A pesquisadora, sendo cidadã de um município com pequeno número de habitantes e sujeito ativo na sociedade chapadense, envolvida em inúmeras atividades sociais, além das questões de empregos/trabalhos, oportunizou que todos os entrevistados já a conhecessem, bem como, a sua família, o que facilitou o contato com as pessoas e a disponibilidade de concessão da entrevista por parte delas.

A transcrição realizada tomou como base normas e códigos utilizados pelo projeto NURC. Optamos, porém, por fazer uma adaptação do quadro de transcrição do projeto para este estudo, mantendo no quadro adaptado as regras e os códigos do NURC que consideramos mais significativos para os propósitos deste estudo e suprimindo alguns outros. Compreendemos que numa transcrição nunca se conseguirá a totalidade, mas, sim, apenas o recorte do discurso, o que torna essa prática ainda mais singular. Além disso, os recortes que foram feitos consistem em escolhas do pesquisador-transcritor. Nesse sentido, Diedrich (2017) aponta para fatos principais do trabalho do transcritor em que “relações de

interpretância mobilizadas na transcrição, [...] caracterizam o ato do pesquisador transcritor”. (DIEDRICH, 2017, p. 712). A autora destaca a ideia de que a transcrição não constitui um trabalho pronto, mas, sim, que há um trabalho intenso de interpretação por parte do pesquisador.

O Quadro 1 apresenta as normas para transcrição:

Quadro 1 – Normas para transcrição

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO*
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	do nível de renda... () nível de renda nominal...
Entonação enfática	Maiúscula	porque as pessoas reTÊM moeda
Interrogação	?	e o Banco... Central... certo?
Qualquer pausa	...	são três motivos... ou três razões... que fazem com que se retenha moeda... existe uma... retenção
Comentários descritivos do transcritor ²⁵	((minúscula))	((tossiu))

Fonte: Adaptado de: PRETTI (1999, p. 11-12).

Pretti (1999) também traz outras observações importantes desse processo de transcrição seguido pelo projeto NURC, de modo que

1. Iniciais maiúsculas: só para nomes próprios ou para siglas (USP, etc.);
2. Fáticos: *ah, éh, ahn, ehn, uhn, tá* (não por está: *tá?* você está brava?)
3. Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados.
4. Números: por extenso.
5. Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa).
6. Não se anota o *cadenciamento da frase*.
7. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: *oh:::...(alongamento e pausa)*.
8. Não se utilizam sinais de *pausa*, típicos da língua escrita, como ponto-e-vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de *pausa*. (PRETTI, 1999, p. 12).

²⁵ Também usaremos para explicar expressões que possam ser desconhecidas ao leitor.

Diedrich (2017, p. 714) afirma que “uma experiência na linguagem não poderá jamais ser registrada por completo, pois ela extrapola o âmbito do registro e se constitui na efemeridade do aqui e do agora de cada enunciação”, o que reforça as interferências que o transcritor faz a partir do seu olhar interpretativo, já que o pesquisador tem atitudes a tomar frente aos fatos da pesquisa em questão, inclusive podendo-se afirmar como constituindo uma nova enunciação (DIEDRICH, 2017), o que justifica também a dificuldade em se adotar um modelo de transcrição único ou definido previamente. São todos atos enunciativos únicos, que voltam a ser recriados. A transcrição é uma recriação, pois tenta-se reconstituir as condições de produção. É um trabalho de transformação do falado para o escrito.

Mais ainda, por tratar-se de uma entrevista com diferentes gerações, as pessoas podem colocar-se frente às perguntas de diferentes modos, inclusive nesse quesito dos mais velhos que falam o alemão, mas que, talvez, ao falar com os mais jovens optam pelo uso do português, uma vez que o jovem não pode fazer essa alternância, pois não compreende ou não fala o alemão (neste caso, o pesquisador, apesar de conhecer o dialeto, conduziu a entrevista em língua portuguesa). O transcritor pesquisador assume “a função de interpretar o dizer do outro” (DIEDRICH, 2017, p. 732) que está inserido na cultura da qual faz parte. É importante destacar que as gravações serão destruídas, por questões concernentes ao Comitê de Ética.

4.3 PASSOS E CATEGORIAS DE ANÁLISE

Com base na Teoria Semiótica Discursiva analisamos os discursos, relacionando-os aos estudos culturais. Como leitores, realizamos o percurso inverso ao do produtor do texto: partimos do nível discursivo e vamos em direção ao fundamental, para, assim, apreender as estruturas mais profundas que subjazem às construções discursivas. A partir da análise do nível discursivo, buscamos identificar, no discurso dos entrevistados, em interface com os dos estudos culturais, temas recorrentes (cadeias isotópicas) associados ao desuso da língua alemã na comunidade. Também observamos as marcas de pessoa, as quais são significativas para perceber o sentimento de pertencimento ou exclusão de um grupo social.

O nível narrativo nos permitiu compreender a trajetória desse fenômeno como um grande texto, observando os valores desejados por diferentes sujeitos envolvidos no processo e os jogos de força que atuam para que as transformações aconteçam ou não. Por fim, o nível

fundamental permitiu identificar oposições semânticas que estão no cerne desses discursos e, portanto, relacionadas ao processo de desuso da língua.

Relembramos que trabalhamos com as seguintes hipóteses, tecidas a partir das leituras preliminares, enfocando os discursos culturais:

- a) desvalorização linguística relacionada às situações de poder econômico e social;
- b) preconceito linguístico relativo aos sotaques, à pronúncia, à mistura de expressões que ocasionam a formação de novas palavras, entre outros;
- c) influência/interferência e aculturação pela instituição escolar;
- d) uso do dialeto alemão restrito à oralidade depois de algumas gerações, o que estimula a perda de traços característicos, uma vez que os falantes não possuem registro escrito;
- e) difusão das tecnologias e a globalização, que permitem o contato com a multiculturalidade e a diversidade existente no mundo.

Essas hipóteses levantadas estão aqui como um pano de fundo, uma vez que objetivamos confirmá-las ou refutá-las a partir das análises dos recortes dos discursos dos sujeitos em consonância com as leituras preliminares realizadas. Na medida em que fomos tecendo a análise dos discursos dos sujeitos, fomos também correlacionando os temas que apareceram nesses discursos com os fatores apontados nos estudos culturais, que constituem algumas das hipóteses (a, b, c, d, e) acima configuradas.

Abaixo o quadro de orientação com os passos para a análise:

Quadro 2 – Passos para a análise

Análise discursiva	Categorias de análise
Nível discursivo	Categoria de pessoa (eu/nós x eles = pertencimento x exclusão de um grupo social) Isotopias temáticas (entre os discursos dos sujeitos entrevistados e entre esses e os discursos culturais = identificação de fatores que influenciaram o desuso da língua)
Nível narrativo	Sujeito destinador ²⁶ (manipulador e julgador) Sujeito manipulado Objetos valores desejados

²⁶ Sujeito destinador é o actante narrativo “que determina os valores em jogo e que dota o destinatário sujeito da competência modal necessária ao fazer (destinador-manipulador) e o sanciona, recompensando-o ou punindo-o pelas ações realizadas (destinador julgador)”. (BARROS, 2011, p. 85).

	Transformações de estado/ações operadas Narrativa de privação ou liquidação da privação
Nível fundamental	Categoria semântica sobre a qual se erigem os discursos analisados (A x B)

5 RECORTES DISCURSIVOS DE SUJEITOS TEUTO-BRASILEIROS CHAPADENSES: O DESUSO DO DIALETO ALEMÃO

Neste capítulo, desenvolvemos a análise dos recortes discursivos resultantes da transcrição das entrevistas realizadas com sujeitos teuto-brasileiros chapadenses, a fim de compreender a trajetória de desuso do dialeto de língua alemã em Chapada, identificando os

principais fatores que desencadearam e vêm desencadeando tal fenômeno. Esses descendentes participantes das entrevistas têm relação ou com os primeiros comerciantes alemães do município de Chapada, ou com a comissão emancipacionista, ou ainda com os governantes, conforme já especificado anteriormente, sendo que foram divididos em três grupos de acordo com a faixa etária²⁷.

Por entender que o texto nasce da união de um plano de conteúdo (discurso) com um plano de expressão (materialidade semiótica), texto e discurso encontram-se numa relação de interdependência, pois todo discurso se materializa em forma de um texto. Por isso, a importância de se analisar o texto como “um todo de sentido” (BARROS, 2011, p. 07) e como um objeto de comunicação entre dois sujeitos, pois está situado em um lugar, entre objetos culturais, com determinadas formações ideológicas, o que nos permite depreender que está em relação com um contexto sócio-histórico (BARROS, 2011), isto é, cada sujeito entrevistado conviveu com diferentes gerações e realidades, aspectos esses que interferem na constituição dos seus discursos.

Nesse sentido, buscou-se, nos discursos dos entrevistados, identificar temáticas – de ordem geral e/ou particulares desta comunidade – relacionadas ao desuso do dialeto de língua alemã em Chapada. Para tanto, partimos do nível discursivo, onde se materializam os temas e se concretizam pontos de vista subjetivos que interessam ser investigados neste trabalho. Também abordaremos, o nível narrativo, que possibilita entender tal fenômeno (de desuso da língua) nos moldes de uma estrutura narrativa, em que sujeitos e antissujeitos disputam valores e efetuam transformações no sentido de obtê-los. Por fim, o nível fundamental possibilitará perceber as oposições semânticas de base sobre as quais se estrutura o processo de desuso da língua alemã no espaço escolhido para a realização deste estudo. Assim, os preceitos da Semiótica, além de nos auxiliarem a identificar os fatores responsáveis pelo desuso do dialeto alemão na comunidade, contribuem para compreendermos, também, a trajetória da língua alemã no município de Chapada.

Na análise, apresentamos a interpretação dos discursos seguida dos recortes discursivos em que as temáticas abordadas puderam ser evidenciadas. Inicialmente,

²⁷ Relembramos que dividimos os entrevistados em três grupos a partir da faixa etária, ou seja, dos 60 anos em diante (grupo 01); dos 40 aos 60 anos (grupo 02); e, dos 20 aos 40 anos (grupo 03), que também serão especificados, respectivamente, por geração 01, geração 02 e geração 03. Ao nos referirmos aos discursos dos sujeitos que participaram da pesquisa, os números 01, 02 e 03 serão utilizados para identificar o grupo ao qual o sujeito pertence. Após esse número será utilizado um código de letras, que corresponde às iniciais do nome do entrevistado, seguido por outros dois números que correspondem à idade do sujeito. Segue exemplo do sujeito identificado como 1DO63, que é sujeito do grupo 1 (dos 60 anos em diante); DO: código correspondente às iniciais do nome do entrevistado; e, 63 (sessenta e três): idade do entrevistado.

analisamos recortes discursivos do grupo 01, seguidos pelo grupo 02 e depois 03, sendo que em alguns momentos, as gerações e seus discursos são relacionados entre si em virtude de recorrências constatadas, isto é, as isotopias.

5.1 ANÁLISE DO NÍVEL DISCURSIVO

Iniciamos a análise com os recortes discursivos do primeiro grupo, isto é, do dos entrevistados com idade a partir dos 60 anos, de modo a identificar os temas que veiculam valores assumidos pelos sujeitos nos discursos. Esses temas constituem e constroem o mundo dos seres humanos, isto é, as representações, as interpretações e os julgamentos relacionados às vivências sociais dos sujeitos, que determinam o pensar e o dizer. (DISCINI, 2007b). Em outras palavras, pode-se dizer que as pessoas reproduzem o imaginário social e os pontos de vista de acordo com as suas concepções.

5.1.1 A partir dos sessenta anos: a primeira geração entrevistada

Conversamos com cinco pessoas entre 61 e 83 anos. Ao serem interrogados se falavam alemão, três disseram que entendem e/ou falam o alemão, enquanto os outros dois sabem “apenas um pouco”, o que chama atenção, pois esperávamos que nessa geração todos soubessem o dialeto:

INS62: ((faz uma pausa reflexiva e inicia a fala em tom de dúvida)) a... bem não... mas entendo TUDO...

GK: entende tudo?

INS62: tudo... tudo...

GK: sim...

INS62: algumas palavras... outras não... depois que... que tu tiver alinhado as coisa... daí vai... mas mesmo assim... falar eu falo... acho que falo bem... até quando vem os agricultores aqui que eu sei que é ALEMÃO ((o entrevistado possui um escritório que presta assistência aos agricultores))... eu já recebo eles falando em alemão... né? e daí eles continuam no papo... né? algumas palavras entram... que eu tenho que procurar... né? aí entra o português no meio... mas SENÃO tranquilo o alemão... tranquilo...

falo... leio... escrevo... escrevo... mas com erros de ortografia... então... a escrita não é boa... mas... falá e... a leitura é importante... [...]. (1JH83).

o dialeto assim... BEM... não... não MUITO BEM... me enrolo no clássico... né? aí eu não sei... mas no dialeto eu me defendo bem... (1ES61).

IDO63: sim...

GK: bem? mais ou menos?

1DO63: BEM... tudo exatamente não... porque às vezes quando eu ouço filmes e coloco a opção em língua alemã né? daí às vezes eu tenho dificuldade... porque dá a impressão de que estão falando muito rápido... daí para conectar tudo... mas muita coisa eu entendo... a linguagem... [...].

tudo em alemão ((alemão))... [...]. (1IR68).

Quando solicitados a falarem sobre como aprenderam o alemão, com quem, como é o uso na família, como foi na infância, no comércio, na escola, com os filhos e os netos, duas instituições sociais tiveram papel de destaque no discurso dos sujeitos desse grupo: a família e a escola. Inclusive, tais fatores já foram apontados nas hipóteses deste trabalho e também confirmados pelas teorias culturais e identitárias abordadas. Os sujeitos entrevistados foram unânimes na afirmação de que o alemão era usado em casa, na infância, para a comunicação, mais do que o português. Além disso, quando se falava com os avós era utilizado basicamente o alemão, pois, achava-se que em português não seriam compreendidos pela geração idosa, uma vez que os avós dessa geração, de modo geral, não sabiam a língua portuguesa. Os cinco entrevistados dessa geração mencionaram o fato de na escola ter sido privilegiado o ensino da língua portuguesa e não da alemã, inclusive com destaque para a língua inglesa já alguns anos mais tarde. Além disso, citaram que a língua utilizada nas vivências familiares era o alemão e que aprenderam o dialeto nesse ambiente familiar, como comprovam os trechos abaixo:

[...] *a gente aprendeu a falar só alemão em casa... aí quando a gente ia no jardim da infância e depois na escola que a gente tomou conhecimento da língua ((portuguesa))... [...]* a gente tomou conhecimento da língua... do português... também pelas amizades que a gente tinha... e as pessoas aqui que não entendiam o alemão... [...]. (1DO63).

[...] *a gente falava só alemão... eu aprendi a falar em português quando eu tinha... uns quatro... cinco anos já... no início foi só o dialeto alemão... né? assim... até interessante que tem histórias que a gente não sabia nem traduzir... né? pro português... mesmo quando eu iniciei... a estudar... (1ES61).*

[...]

GK: e na tua infância, I? vocês falavam tudo em alemão?

1IR68: [...] *eu fui alfabetizado no português na escola...*

GK: a... sim... na escola daí era em português?

1IR68: NÃO... nós sim... nós era... tanto meus irmãos ((irmão))... todos... a escola foi... em português... né? mas em casa era só alemão que nós falava...[...].

quando eu fui para a escola já era tudo português... [...] EU APRENDI antes de ir para a escola... *com cinco anos eu comecei a lê primeiro e depois a escrever alemão... antes de eu ir para a escola eu sabia... português eu aprendi na aula... e o meu pai já tinha me ensinado alguma coisa... [...]. (1JH83).*

[...] *dentro da casa predominava o alemão... eu vim pra Chapada ((morava na área rural do município))... sou de 54... eu vim estudar aqui em Chapada em 65... bom... daí praticamente o alemão terminou... né? era só... aqui... aqui no colégio... mas quando a gente ia para casa... aí predominava o alemão... né? (1NS62).*

1ES61 destacou que quando ia à escola nenhuma língua, além da portuguesa, era ensinada. Muitas pessoas somente tiveram contato com o idioma lusitano quando ingressaram numa instituição formal de ensino, conforme 1IR68 também destacou. Fica claro o quanto o alemão estava presente na vivência familiar dessa geração que hoje apresenta mais de 60 anos, sendo que o contato mais intenso com o português se deu com o ingresso no ensino formalizado. Os imigrantes, ao virem para o Brasil, trouxeram inúmeros hábitos culturais do seu país de origem, porém, ao mesmo tempo, tiveram de se adaptar às regras sociais impostas pela nova realidade. Desse modo, o aprendizado da língua portuguesa na escola permitiu uma nova experiência para a inserção desses sujeitos na sociedade brasileira.

O sujeito 1DO63 contou que anos atrás, quando ele já era adulto e professor numa instituição de ensino, houve votação com participação dos pais para definir quais línguas seriam ensinadas na principal escola do município, de modo que, pela maioria dos alunos na época pretenderem estudar em outros lugares, isto é, para fora de Chapada, a opção do inglês venceu:

[...] [foi aprovada] uma lei que poderia... ao invés de outra língua estrangeira [poderia] o alemão nos municípios.. daí foi feita uma pesquisa em Chapada com os alunos... mas é que daí teve influência de professoras que como os filhos iam estudar adiante *deram a entender que o alemão não era muito importante...* [...]. (1DO63).

Esse sujeito apesar de ser professor e ter um filho, não se identifica como fazendo parte desse grupo que preferiu o inglês, o que permite compreender sua exclusão desse grupo de docentes, pois é a favor do ensino de alemão. A situação demonstra que a escola interferiu na continuidade do uso do alemão, por meio da preferência de não o ensinar. Nesse sentido, também, os pais já viam no dialeto um elemento desnecessário para a vivência em sociedade, uma vez que o português prevalecia na comunidade em geral, inclusive em outros lugares do estado e, portanto, a não importância do seu uso e do seu aprendizado. Neste período permitiu-se um diálogo com os pais para definir o que seria ensinado nas instituições de ensino, no que se refere às línguas, diferentemente do que ocorreu durante a Segunda Guerra Mundial, quando a proibição do ensino de línguas estrangeiras foi uma imposição governamental.

De acordo com Bueno (2006), no período da Segunda Guerra Mundial o alemão foi proibido de ser usado no dia a dia, sendo que essa proibição se estendia ao ensino nas escolas. Neumann (2009) aborda sobre o ensino de livre iniciativa, uma vez que os governos não se interessaram pela educação dos primeiros imigrantes alemães que vieram ao Brasil. Porém, nesse período apontado no recorte discursivo da entrevista, a livre iniciativa possibilitou que

os pais optassem pelo inglês e não pelo alemão. Muito mais do que uma determinação governamental, os próprios pais optaram pela não continuidade do ensino do alemão.

Outro entrevistado (1JH83), comentou a respeito do seu pai, como ele aprendeu português, foi professor e como o sujeito entrevistado aprendeu alemão em casa e português na escola. Além disso, sua mãe nunca aprendeu português, de modo que a comunicação desse sujeito com ela sempre foi em alemão, o que permitiu o aprendizado da língua germânica e sua vivência por um importante período de sua vida:

1JH83: [...] mas em trinta e quatro quando ele [o pai] fez o concurso em Palmeira ele começou a lecionar em português também... português e alemão...

GK: a... sim... ele já sabia o português... tinha feito em Porto Alegre...

1JH83: sim... ele tinha feito no Instituto Champanhá ((Champagnat)) em Porto Alegre... *minha mãe não... minha mãe nunca aprendeu...* [...] *quando eu fui para a escola já era tudo português...* [...] MAS EU APRENDI antes de ir para a escola... *com cinco anos eu comecei a lê primeiro e depois a escrever alemão...* antes de eu ir para a escola eu sabia... *português eu aprendi na aula...*[...].

Percebe-se o espaço escolar fortemente marcado pela manifestação de um poder linguístico conferido à língua portuguesa. Era essa a língua ensinada, era essa a que deveria ser usada em sociedade. Essa manifestação era tão forte que para as pessoas que não estavam em idade escolar, mas com interesse e condições financeiras, já existiam cursos para aprender português, conforme recorte discursivo trazido anteriormente. No caso desse sujeito entrevistado, ele aprendeu a falar, ler e escrever em alemão em casa e somente com o ingresso na escola aprendeu o português.

1NS62 falou sobre a continuidade do ensino de uma língua:

[...] naquela época depois já em 69 quando eu fui estudar no colégio agrícola em Palmeira das Missões... daí até às vezes nós questionava... que... não vamos botar um número alto... mas... *mais da metade eram de origem alemão... né?* daí *nós tinha no currículo escolar inglês...* né? a gente fica pensando... *o que que eu aprendi do inglês?* mas nem um bom dia eu não sei... agora *se alguém tivesse dado continuidade ao alemão porque era o que a gente já sabia de repente poderia saber bem...* porque ler ler eu não sei... nem escrever nada...

Esse sujeito critica a descontinuidade do ensino de uma língua, bem como, da ineficiência do ensino da língua inglesa nas escolas, uma vez que ela não teve um uso efetivo por grande parte dos estudantes da época, além da questão de que se o alemão, que já estava presente na convivência dos alunos, tivesse sido ensinado, teria tido maior sucesso.

Esses depoimentos apontam a obrigatoriedade de aprendizagem e uso da língua portuguesa pelos imigrantes. Obrigatoriedade essa imposta, na prática, por meio da escola, denotando uma das formas de exercício de poder do governo da época. Faz-se aqui referência a Woodward (2011), uma vez que ela aborda sobre essa questão da afirmação de identidade,

sendo que, de acordo com o discurso anteriormente apresentado, houve uma negação de uma identidade, isto é, os estudantes por serem de origem alemã, deveriam ter sequência em estudos dessa matriz e não inglesa como era apresentada nas instituições escolares. Ao aprender o inglês, entendem que estariam aprendendo algo que não é da sua cultura de origem e que naquele momento não tinha importância para a vivência em sociedade.

Chama atenção que o sujeito 1NS62, nesse recorte discursivo, usa a primeira pessoa do plural em vários momentos, ao invés de usar no singular, relacionando essa vivência a um grupo e não a uma individualidade, isto é, mais jovens, naquele período, passaram pela mesma experiência de sair de casa, ir para uma instituição em que o alemão não era usado. O “nós”, em alguns momentos, inclusive, é substituído, por “a gente”, reconhecendo da mesma forma um grupo, como se vê no discurso de 1DO63:

[...] na verdade *a gente aprendeu a falar só alemão em casa... aí quando a gente ia no jardim da infância e depois na escola que a gente tomou conhecimento da língua... [...] a gente aprendeu a falar o português na escola... [...] [o alemão] a gente aprendeu DIRETO NA FAMÍLIA.*

Os entrevistados constantemente abordaram histórias de pessoas da sua família ou de sua convivência e não apenas a sua própria história para ilustrar a relação com o alemão. 1NS62 falou sobre a sua mãe e sua vivência com o alemão, num período em que ela não sabia falar o português:

[...] a minha mãe... quando ela foi morar lá no São João ((localidade do interior do município de Chapada)) que ela casou com o meu pai... *ela não sabia nem pedir água em brasileiro... né? [...] aí o pai aprendeu a falar lá mesmo em português... mas os primeiros anos dentro da própria casa quando a mãe CASOU... só era só alemão... né? (1NS62).*

Importante destacar a expressão usada pelo entrevistado para se referir à língua portuguesa: brasileiro. Falava-se brasileiro na compreensão dele e não português, pois entendia-se como sendo a língua do Brasil e não de seu país colonizador, Portugal.

Outras gerações, inclusive, não tiveram facilidade no aprendizado de português, pois em virtude de não estarem em idade escolar, essa língua do país para onde se deslocaram teve de ser aprendida com outros sujeitos da comunidade, ou seja, vizinhos, dentre outros. Todo esse contexto apresentado vem ao encontro da hipótese expressa no início deste trabalho ao relacionar o desuso do alemão com a desvalorização linguística relacionada às situações de poder econômico e social, de modo que a escola, sendo um dos aparelhos estatais, teve forte interferência.

Ainda em relação ao sentimento dos pais para com a língua usada, dos entrevistados, três destacaram que o alemão era falado em casa para que os filhos não entendessem, ou seja, a redução do emprego da língua germânica no meio familiar. 1DO63 destaca:

[...] às vezes... a gente falava alemão para que os filhos não entendessem... alguma coisa que não podiam ouvir...

Esse sujeito, assim como apontado anteriormente, faz uso da expressão “a gente”, o que permite compreender dentro do seu contexto de vida que essa atitude de falar alemão para que os filhos não soubessem sobre o que se falava como sendo de um grupo de pais. O sujeito conhecia em sua vivência outras pessoas que agiam da mesma forma. Outros dois entrevistados destacaram que também faziam isso. 1ES61, ao ser interrogado quanto ao uso da língua alemã para comunicar-se em casa, destacou que usava alemão “para elas [as filhas] *não entenderem* ((risos))...”. Outro entrevistado, o 1NS62, também citou a respeito desse uso por parte dos pais:

entender até que eles [os filhos] entendem se tu for perguntar alguma coisa para eles... até entendem... o pior é falar... falar... só não digo besteira... mas exatamente aquilo que eles [os filhos] sempre dizem... *aquilo que nós [os filhos] sabemos falar alemão é aquilo que o pai e a mãe não queriam que nós escutasse* ((fala como se fosse o filho falando))... daí... *aqueles palavrões... ou se a gente queria falar uma coisinha que não queria que eles escutassem a gente falava em alemão... [...]*. (1NS62).

Esse aspecto do uso por parte dos pais para que os filhos não entendessem não está apresentado nas teorias que ancoram esse trabalho, apresentando-se, então, como um novo elemento da pesquisa aqui desenvolvida. Inclusive demonstra, conforme o sujeito 1NS62, que mesmo os filhos não sabendo do que se tratava a conversa, eles aprenderam um vocabulário em específico, pois era o momento em que ouviam as palavras alemãs. Inclusive, é importante destacar que, pela análise desses trechos, podemos depreender que os filhos dessa 1ª geração (60 anos em diante) já foram escolarizados em língua portuguesa, sendo essa a língua assimilada. Os filhos desse grupo 01, de acordo com os relatos, já não entendem o alemão em sua totalidade. Isso mostra que num curto espaço de uma geração, evidencia-se o predomínio do português sobre a língua alemã.

Os efeitos da Segunda Guerra Mundial, com destaque para a proibição do uso da língua alemã no Brasil durante a Era Vargas, já trazidos nos estudos culturais e históricos deste trabalho, e que também fazem parte das nossas hipóteses, foram abordados pela 1ª geração:

em quarenta e três ((43))... quando o Brasil entrô... na guerrA... *contra a AlemANHA*... é... *o alemão ficou proibido... proibido e perseguido*... então teve vários casos... por exemplo aqui ((Chapada))... de pessoas inclusive... daqui que perseguiam... [...] teve quem foi levado preso... [...] mas o que eu quero dizer é que como *houve a perseguição*... então *começou a se retrair isso*... as pessoas que tinham um mínimo de condições pra aprender o português... o mínimo possível... eles forçaram isso para aprender... (1IR68).

Esse sujeito, apesar de ter nascido quando a Segunda Guerra Mundial já havia sido encerrada, conviveu com os rastros deixados por ela, isto é, relata um fato que ouviu na sua vivência familiar. Tanto que ao usar a expressão “eles” em “eles forçaram isso para aprender”, o sujeito entrevistado não se identifica com esse grupo que tentou aprender o português, mas, sim, faz referência a essas outras pessoas que tentaram aprender o português de alguma forma, para que não sofressem ainda mais as consequências desse conflito militar global. 1JH83 relata um episódio semelhante:

[...] quando estourou a guerra foi tudo proibido... MEU PAI FOI lá onde hoje é o Barzotto... ali na frente tinha uma árvore... tinha um brasileiro chamado C... ele tava vendendo uma máquina para o velho S... *o S não sabia português... e o outro não sabia alemão... o meu pai interpretou o negócio... aí veio um policial e prenderam o homem*... meu pai tava do lado... () levaram ele preso pra Palmeira... mas aí a elite de Chapada foi junto a Palmeira e voltaram com meu pai... eles tinham uma certa influência... *isso era uma perseguição maluca*... bah... eu me lembro... até não sei como se chama em português aqueles negócios... tipo uns bordados na parede... *eles arrancaram*... tinha dizeres como Deus proteja essa casa... o livro de reza da minha mãe... arrancavam as folhas e jogavam... *era uma loucura essa perseguição às de origem alemã*... isso muita gente não sabe e não conta... o que o F ((por questões de identidade e reconhecimento omite-se o nome)) fez... ou tu não sabe? faqueou um S ((uso de sobrenome alemão de uma família chapadense))... porque falou em ()... ele tinha um bar ali... onde hoje é a S ((estabelecimento comercial atual))... *ali eles falaram alemão e correu a faca no abdômen do... arrancavam os bigode com alicate de quem falava alemão*... ()... e olha só... Chapada foi distrito de Tesouras... daí no tempo da guerra não chamava mais Tesouras... era Cairé ((correspondente a “cai de ré”, como forma pejorativa))... *tudo que lembrava alguma coisa das imigração dos alemães eles tiravam*... não só aqui... em todo Rio Grande... em todo sul do país... *a perseguição foi terrível*... foi no tempo da ditadura Vargas... ()... ali sim que *judiavam*... barbaridade... do K *prenderam e arrancaram o bigode à alicate*... ()...[...]. (1JH83).

Nesses dois trechos, podemos identificar o tema da repressão coercitiva instituída pelo estado/nação ao uso da língua alemã em determinado período histórico. Isso está relacionado ao que já foi exposto na base teórica deste trabalho: sujeitos com descendência germânica, pelo fato de o Brasil ter entrado na guerra contra a Alemanha, sofreram ataques diversos. Assim, a proibição da marca de uma identidade, ou seja, a língua, era um dos elementos que marcava essa descendência. Mais do que uma lei expressa, agressões físicas fizeram parte desse contexto. Havia, inclusive, pessoas responsáveis por cuidar desse uso ou ainda pessoas que, influenciadas pelas ideias governamentais, pelo contexto da Segunda Guerra Mundial, por tudo o que a Alemanha representava naquele momento, viram nessas atitudes a forma de diminuir os alemães e suas formas de expressão, pois agora representavam uma ameaça ao país.

Steffen (1984) faz referência às prisões que ocorreram em Chapada em virtude de os sujeitos usarem o alemão na sua comunicação, além dessas perseguições e repressões por motivos étnicos e culturais. Destacamos aqui, a partir do recorte discursivo anterior, que a polícia é outro aparelho do estado e exercia seu poder por meio da repressão. Assim, até o momento, possuímos a escola e a polícia como sujeitos destinadores (manipuladores e julgadores) relacionados ao desuso. Quando o sujeito entrevistado fala que “eles arrancaram”, o uso do pronome “eles” e os verbos na sequência na terceira pessoa do plural (“arrancavam as folhas”, “jogavam”, “arrancavam os bigode com alicate”, “tudo que lembrava alguma coisa das imigração dos alemães eles tiravam”, “judiavam”, “prenderam”...), identificamos um outro que não pertence ao grupo dos alemães e/ou descendentes, mas que atuou de modo a se opor aos sujeitos teuto-brasileiros. Esse “eles” eram os que faziam mal ao grupo germânico. A moral da comunidade alemã foi atacada de tal forma que, como tratado nos estudos de Woodward (2011), foi necessário assumir uma identidade diferente, mas que poderia estar em conflito com suas convicções próprias. Os alemães, neste caso, não tendo grande poder social, seguiram o que foi imposto, principalmente pelo medo das repressões.

Retomando os estudos de Hall (2011), temos presente aqui o que ele chama de “modalidade dos jogos específicos de poder”, ou seja, identidades que foram sendo construídas dentro desse discurso de proibição do uso do dialeto alemão, produzidas num contexto histórico que não apresentava outras condições aos falantes. Caso eles soubessem falar o português, talvez não tivessem sofrido tantas repressões. Esse relato ligado à proibição do uso do alemão provocou o que Gregory (2013) também aponta em seus estudos: a redução do uso do alemão em público, que, por consequência, ocasionou a redução dos clubes, isto é, dos locais em que os grupos se reuniam para práticas desportivas, tanto de homens, quanto de mulheres.

A educação passou a ser feita integralmente em língua portuguesa. No entanto, anteriormente à Era Vargas, no período do Império, por exemplo, tinha-se o ensino do latim, do grego, do francês, do alemão, do inglês e do italiano. (LEFFA, 1999). Com ingresso do Brasil na Segunda Guerra Mundial ao lado dos Aliados (União Soviética, Estados Unidos, Império Britânico, China) contra o Eixo (Alemanha, Itália e Japão), essas línguas dos países inimigos foram proibidas aqui, anexa ainda à ideia do nacionalismo pregada por Vargas. Assim, considerado um sujeito manipulador de fácil acesso e que pudesse contribuir na formação de uma nacionalidade brasileira seria a educação escolar, inclusive pelo fato de que neste mesmo período a educação tornou-se obrigatória. (LEFFA, 1999). Essa

institucionalização da língua portuguesa em detrimento da alemã, com o decorrer do tempo, foi responsável pelo que Faraco (2012) trata como processo de apagamento das marcas dialetais, mesmo daquelas palavras que já haviam sido criadas num processo de mistura entre o português e o alemão. A escola impôs o domínio de uma cultura letrada, que naquele momento, a partir do ensino do português, e mais tarde do inglês, apresentavam-se como os ideais para a sociedade. Enfim, uma norma imposta ao falante, a qual, embora não tenha conseguido colocar um término total na diversidade existente, estabeleceu variações de prestígio e status no uso da língua, uma vez que designou a portuguesa como a mais importante e necessária.

A partir dessa vivência, também importa destacar o discurso de IES61, que relacionou o falar alemão a certo preconceito existente:

olha... eu acho assim um tanto *porque É BREGA... né? diria... pagar mico... né?*

O sujeito utiliza gírias para se referir ao fato de ser “feito falar em alemão”. Assim, em alguns ambientes, por parte de algumas pessoas que o aprenderam, ainda se fala o dialeto, enquanto que em outros não. Woodward (2011) refere-se a isso com a ideia de que “diferentes contextos sociais fazem com que nos envolvamos em diferentes significados sociais” (p. 30-31), ou seja, por consequência, há diferentes usos. Com algumas pessoas se fala, enquanto que com outras não, em virtude do ambiente ou da relação que se tem com aquelas pessoas. Há uma constante troca de turnos e línguas entre alguns sujeitos, conforme será abordado mais adiante.

A não aceitação da língua dos imigrantes para ser ensinada na escola, uma língua vista como feia, de um povo que não tem poder na sociedade, visto como um povo inimigo, contribui para ocasionar o que presenciamos na comunidade em questão: o desuso. Na escola não se ensinou o alemão como segunda língua, focou-se no inglês. Os imigrantes e a primeira geração de descendentes só falavam alemão em casa, porém, nas gerações seguintes, em muitas famílias, os pais não usavam o dialeto na comunicação, preferindo o português, a não ser que fossem falar algo que os filhos não deveriam entender. Essa redução do uso da língua germânica no contexto familiar é um fator significativo para o desuso do alemão. Mais adiante traremos exemplos disso.

Hall (2006) refere-se a essas vivências a partir da ideia de que ao tentar formar uma cultura nacional homogênea, criaram-se padrões de alfabetização que auxiliaram na generalização de uma língua vernacular, tornando-se inclusive esse dispositivo marca da

modernidade. Assim, constitui-se a vivência nessas instituições que interferem e continuam interferindo na formação de uma identidade (SILVA, 2011), que não é mais estritamente alemã. Ela é composta de uma miscigenação entre os diversos elementos da cultura brasileira. Barros (2012) também faz referência à proibição da língua numa consideração de que aquele sujeito usuário da “língua diferente” é alvo de intolerância. É visto como um mau usuário da língua nacional considerada como vernacular e marca da identidade brasileira.

Nesse grupo 1 – 60 anos em diante – também se evidenciou a temática da ausência de interlocutores com quem dialogar na língua alemã como um dos fatores de desuso da língua. O fato de, com o passar do tempo, a língua portuguesa ser a língua predominante na comunicação, dos grupos não permanecerem mais fechados e conviverem com toda a diversidade existente na região, fez com que quem ainda desejava falar em alemão, não tivesse com quem se comunicar. O desuso foi, com o passar do tempo, cada vez maior, porque as gerações seguintes já não falavam alemão, mas, sim, o português. Muitas vezes, por conveniência, optou-se pelo português. Isso se observou no discurso de dois dos sujeitos entrevistados, principalmente no que concerne com a realidade atual. 1DO63 em seu discurso, salientou que:

[...] ultimamente a gente não tá mais falando porque quase não tem mais ninguém né? [...] e tinha um padre que rezava uma missa em alemão... uma vez por mês... eu ia sempre... porque daí eu... a... e eu aprendi a ler com as cartas que a minha mãe ganhava das minhas tias... daí ela deixava eu ler... a.. no coral eu também ajudei a cantar em alemão... uma pena... poucas pessoas sabem falar... e eu não tenho muitas na minha convivência... daí a gente perde a prática... falta essa vivência... o único jeito de aprender é ter ali todo dia... (1DO63).

O sujeito novamente usa a expressão “a gente”, marcando, por meio dela, uma experiência da ordem de uma coletividade, ao invés de individual, ou seja, não seria apenas ele que não estaria mais falando, mas, sim, um grupo de sujeitos que, como ele, não tem com quem falar o idioma. Esse fenômeno mostra mais uma vez a importância das instituições sociais e dos grupos de vivência do sujeito, uma vez que são neles que o aprendizado linguístico e a motivação ocorrem, principalmente, para os jovens. Esse sujeito, ao participar do coral, de missas, ao ler cartas que a mãe permitia, teve oportunidades de maior convivência com o dialeto em sua infância, bem como, em parte da sua vida adulta, sendo que somente na atualidade possui dificuldade em ter com quem falar, ou seja, hoje são restritas as oportunidades de encontro com a língua alemã na sua convivência em sociedade.

Outra temática que apareceu no discurso de um dos entrevistados foi a dificuldade de comunicação desencadeada por não saber o português. Um entrevistado relatou que sua mãe,

por não saber se comunicar em português, sempre precisou do auxílio dos filhos para essa intermediação. A ida à consulta médica é vista pelo sujeito 1IR68 como um problema:

[...] tanto que quando *nós levava pro médico sempre era um problema...* o médico falava pra nós... nós falava pra ela... ela falava pra nós... nós falava pro médico... a mãe era uma dificuldade...

Referir-se ao uso do alemão como algo dificultoso, que não permitia à mãe do sujeito uma consulta médica sem o apoio dos filhos, retrata a dificuldade desses sujeitos sem conhecimento do português em se adaptar e estabelecer relações em outra comunidade linguística. 1DO63 aborda ainda sobre os diferentes dialetos, mostrando a diversidade dentro da própria língua alemã:

[...] minha mãe falava o alemão do... porque os descendentes da... da minha mãe... que são os Rockembach... os ascendentes... eles vieram de uma região da Alemanha e o meu pai... os ancestrais dele vieram da região que hoje é a Áustria... então eles falavam diferente... e continuavam falando diferente e nós aprendemos as duas maneiras... [...].

Fausel (1961) cita que os primeiros imigrantes já vinham ao Brasil com dialetos diferentes e descendências diferenciadas, como o que foi apontado por este sujeito. Fausel (1961) destaca ainda essa questão como um dos motivos de se aprender o português por parte desses imigrantes, já que uma unidade linguística facilitaria a comunicação e o trânsito em sociedade. Essa ideia também é defendida por Silva (2011), que observa a imposição de uma língua única e comum, como um símbolo de construção da identidade, que dessa vez relaciona-se com o país onde se está morando e não daquele de onde veio, uma imposição que veio por parte de um governo.

Ainda em relação à influência da família quanto ao uso da língua alemã, um dos entrevistados citou o fato de não usar mais o alemão por ter ido estudar longe de casa. 1NS62 apontou que se tivesse permanecido com sua família teria uma vivência maior com a língua do imigrante. Entretanto, estavam em outra realidade que não apresentava essa vivência, o que ocasionou o afastamento da convivência com o alemão. 1NS62 comentou que isso ocorreu também com seu filho mais velho:

é que naquela época depois já em 69 quando eu fui estudar no colégio agrícola em Palmeira das Missões... [...] Já o D... pouca chance... porque saiu cedo de casa... quando ele era piazote saiu de casa... então... daí também não aprendeu muito... e agora pergunta... aqui na nossa Chapada... Carazinho... Passo Fundo... tem cursos assim como tem de inglês? tem cursos em alemão?. (1NS62).

Há por parte desse sujeito, o reconhecimento de que o filho perdeu muito dessa possibilidade de aprender o alemão por ter saído cedo de casa. Também há essa crítica em relação aos cursos existentes, uma vez que o foco é naqueles de língua inglesa na região, o que demonstra o poder do inglês, bem como do país ao qual se relaciona (EUA). Seguimos agora para a análise dos recortes discursivos da segunda geração.

5.1.2 Entre quarenta e sessenta anos: a segunda geração entrevistada

O segundo grupo, definido pela faixa etária dos 40 aos 60 anos, constitui-se de cinco sujeitos de 42 a 55 anos. Quando interrogados se sabiam falar ou entendiam o alemão, as respostas foram diversas, sendo que apenas o sujeito de 53 anos fala e compreende a totalidade, enquanto os outros quatro sujeitos disseram que compreendem, mas falam apenas algumas expressões, conforme pode ser observado nos recortes dos discursos:

2VH53: *FALO...*

GK: fala? compreende tudo? cem por cento?

2VH53: é... não bem gramatical... mais ou menos... *QUASE gramatical... mas falo bem...*

GK: fala bem?

2VH53: sim...

2ER55: *falo e compreendo... mal...*

GK: mal?

2ER55: mas falo...

sim... compreendo... o problema é falá... porque entender eu entendo... bastante... eu disse... se eu tivesse ficado mais uma semana duas na Alemanha eu ia conseguir falar... (2CH45).

sim... eu entendo todo ele... só que... eu falava bastante quando... a minha mãe ainda era viva... daí a gente falava... que nem eu e ela... basicamente tudo em alemão... [...] mas vamos dizer assim... entender eu entendo TUDO... só no falar... às vezes... eu me atrapalho um pouco... porque daí... vamos dizer... tu acaba praticando menos e... aí já dificulta um pouco... mas entender... eu entendo todo ele... falo... só que as vez eu me enrolo um pouco... depende a frase... [...] no entender... eu me defendo tranquilamente... com quem tu conversar isso... sem problema e falo também... só às vez tu se enrola um pouco... (2ESS48).

tipo... eu sei... eu entendo... bastante assim... sabe? tanto o alemão quanto o italiano... mas falar mesmo BEM pouquinho... só o básico assim da coisa... (2IC42).

Esses dados nos importam, pois mostram que a geração logo abaixo dos 60 anos não sabe falar o alemão, enquanto que a geração anterior a eles ainda sabia. Além disso, já podemos adiantar, a partir desses recortes, temáticas apontadas por essa geração, que serão ampliadas a seguir, como a presença de duas etnias numa mesma família, conforme o discurso

de 2IC42; a questão de não ter mais com quem se comunicar no dialeto, apontado pelo sujeito 2ESS48; já o sujeito 2VH53 relaciona seu “falar bem” ao fato de ser “quase gramatical”, isto é, “falar bem” para ele está relacionado à pureza da língua, sem espaço para variantes, para o dialeto, o que se relaciona ao preconceito para com a diversidade existente.

Em relação às temáticas apontadas pelos entrevistados, quando interrogados quanto ao uso do alemão, como aprenderam, com quem, como é o uso na família, na infância, na comunidade, no comércio, na escola, quatro deles deram destaque à escola, ou seja, ao fato de nela não ser usado o dialeto, muito menos a língua alemã ser ensinada, já com o foco na língua inglesa, conforme apontam os recortes discursivos logo adiante. Isso reafirma o que Alvarez (2012) relacionou com as ideias de Max Weber, sendo necessário pensar a sociedade a partir da ação de agentes sociais que orientam condutas, ou seja, sujeitos tanto da escola quanto da família, por exemplo, são agentes sociais que orientam condutas, mostram formas de agir em sociedade, que são vistas de modo positivo ou negativo, de acordo com a visão de mundo que esses sujeitos compartilham.

2VH53 inclusive fez críticas em relação ao ensino do inglês nas escolas atualmente, pois acredita que com o ensino do alemão, esse trabalho linguístico com os discentes obteria melhores resultados:

[...] é um ERRO que nós temo no Brasil... *a nossa gurizada aqui devia tá falando o alemão... né? a... que o inglês é mais importante... não discuto que o inglês é o mais importante... o problema é que no inglês se faz de conta que se dá aula de inglês... NINGUÉM VAI APRENDER NADA com aquelas aulinha... se desse essas aulas de aleMÃO... pra essa gurizada que vem do interior... eles falariam alemão... eles têm o alemão... eles têm a... a... a... o principal... (2VH53).*

Esse sujeito é o único entrevistado dessa geração que fala e entende o alemão em sua totalidade. Ele direciona um olhar crítico à não possibilidade de se ensinar o alemão nas escolas, acreditando, ainda, ser inútil o ensino de inglês da forma como ele é trabalhado. Gregory (2013) traz a ideia de pertencimento a uma etnia a partir da língua que se usa e dos costumes preservados. Neste caso, a escola tenta impor um outro pertencimento, isto é, a uma língua que é falada mundialmente e deixa de lado aquela trazida pelos imigrantes e que ainda é usada, mesmo que reduzidamente, nas famílias dos discentes.

Esse contexto permite uma construção de identidade diferente da geração anterior. Ainda em relação ao recorte discursivo, o sujeito tem uma confiança naquela base linguística do alemão que, mesmo enfraquecida, os alunos trazem de casa. Quando ele se refere ao interior, o faz pelo fato de que a maior parte dos sujeitos que ainda usam o dialeto atualmente estão concentrados na área rural, uma vivência que até pouco tempo era mais fechada em

grupos e possibilitava um maior contato com o dialeto. Esse mesmo sujeito descendente de alemães também salientou sua dificuldade com o aprendizado do português quando na infância foi à escola, já que:

quando eu era criança falava TUDO em alemão... falava pouco português... né? daí quando entrei no colégio... por causa da dificuldade... muita dificuldade no colégio... sabe? trocá letras... sabe? (2VH53).

Essa dificuldade relatada é importante para compreender a temática do preconceito que será abordada a seguir e foi relatada por três entrevistados. O entrevistado ao reconhecer que realizava troca de letras, demonstra a resistência que existia para com quem não usava o português correto, isto é, somente era aceito aquele desprovido de marcas dialetais, o português “puro”, vernacular.

Ainda em relação à vivência escolar, 2CH45 relata que “na escola eu nunca tive assim um CONTATO com o alemão...”, reforçando esse desuso por parte da instituição, mesmo sem ser um componente curricular, também por parte dos alunos, professores e funcionários que frequentavam o local. 2ESS47 salientou que:

[...] muito depende eu acho de incentivo... assim se incentivaria mais... que aqui vamos dizer... aqui... quanto escola... como... *só se fala inglês... curso de inglês... tá... e o alemão praticamente não existe... se tivesse incentivaria... acho que é um pouco por aí também... né?*

Mais uma vez a ideia de que o inglês tomou conta das vivências e das experiências do alunado, pelo fato do poder mundial que os Estados Unidos possuem. No período em que foi permitido à Inglaterra a venda dos seus produtos no Brasil, ela apresentava-se como uma grande potência mundial também. Mais tarde, o mesmo aconteceu com os Estados Unidos, que conseguiu sair fortalecido de crises, bem como das guerras que ocorreram. 2IC42 destaca inclusive que os colegas já vinham de casa com a ideia de que o inglês tinha mais importância:

[...] é que nem a... a... P... a galera deles ALI... *já tinha o ingLÊS que era muito forte... né? eles tinham mais... eu acho... eles tinham mais influência na época... [...].*

O recorte discursivo deste sujeito que usa o pronome “eles” ao se referir a um determinado grupo de jovens que tinha o inglês muito forte em sua vivência demonstra que ele não se inclui nessa vivência. Importante salientar que esse mesmo sujeito afirmou em sua entrevista que morava na área rural do município e só depois mudou-se para a área urbana, o

que reforça a ideia de que a instituição escolar impôs o inglês, bem como a importância do conhecimento dessa língua com tanta importância mundial.

Outro tema apontado com relevância por esta segunda geração foi o do preconceito ligado ao medo de falar, seja por certa vergonha, seja apenas por receio. Tanto que o preconceito tem mais destaque anos atrás do que na atualidade, ou seja, nesta segunda geração (40 aos 60 anos) essa temática vem mais marcada, conforme podemos aferir no discurso de 2ER55:

[...] e aí na nossa *adolescência* a gente tinha até *verGOnha*... NOSSA... *hoje em dia é um orgulho quem sabe falar [o alemão]... nem que seja mal... né?*"

O sujeito utiliza a 1ª pessoa do plural, marcando o pertencimento a um grupo de sujeitos que, como ele, tinham “vergonha de falar”. Havia uma preocupação em não ficar com o sotaque de alemão, contudo, atualmente, mesmo quem fala só um pouco, tem orgulho disso, pois há poucas pessoas da comunidade que têm conhecimento do idioma. Muitos gostariam de ter, porém pelos diversos motivos já apontados, isso não é possível, não há essa oportunidade. O sujeito 2CH45 também refere o receio em falar, seja a língua inglesa, seja a alemã:

2CH45: [...] e que nem o inglês... *eu tenho assim um receio sabe? de falá... um medo de errá...*

GK: e no alemão tu não tem esse medo?

2CH45: ME... TAMBÉM... NOS DOIS... nas duas línguas..

A prevalência do português na sociedade brasileira da época restringiu o uso de outra língua, inclusive pelo fato de existir o preconceito, o julgamento por parte de quem não usava uma língua diferente da portuguesa. Há a constante do “erro”, conforme apontado pelos sujeitos entrevistados. Esse erro, neste caso, pode ser relacionado ao que Silva (2011) chama de pertencimento, à demarcação do que é “nós” e do que é “eles”. Mais ainda, o sujeito encaixa-se no contexto de ser brasileiro, sendo apenas uma identidade, igual a das outras pessoas que moram no Brasil e não mais com uma identidade dividida entre ser alemão ou ser brasileiro, uma consciência de que haverá uma aceitação. Silva (2011) também destaca o uso de uma língua nacional como a responsável por criar laços, por construir uma hegemonia nacional, o que era um dos objetivos do governo da época com a proibição do uso das línguas dos imigrantes.

Quando 2IC42 foi interrogado quanto à existência de algum tipo de preconceito, ela destacou que existia, com exemplos de expressões usadas:

i... meu... TINHA... às vezes dizia... e aí? alles gut? ((tudo bem?))... sabe? me bobeando... né? tentava... eu me lembro que eu era amiga da filha do doutor LV... a PV... que eles eram alemão... () mas *não eram alemoadas iguais de Chapada na época que falavam...* a... aquela alemoadas de Chapada... sabe? e daí... a L... filha do C... *elas davam risada...* ah... *O QUE TU QUER... I? ficar se BOBEANDO com esses alemão? o que parece isso?* sabe? bem... *tinha um pouco de preconceito...* [...] a gente se deixa levar pelos amigos muitas vezes... pelo que os outros pensam... sabe? deixar de aprender a falar duas línguas... porque... aí... por... que os outros vão dizer... porque tua colega tá rindo... tá... né? *vergonha...* umas coisas bem... é que nem... tipo assim... ó... *eu morava no interior também... é que nem o interior... eu me lembro quando eu vim morar para a cidade... nossa... eu era uma colona...* entende? [...]. (2IC42).

Esse trecho nos remete a concepções de Hall (2006) sobre o processo de identificação. No caso desse sujeito, ele não quis ser identificado como sendo parte do grupo da “alemoada”, uma “colona”, sendo que isso está diretamente ligado com preconceitos enraizados na mentalidade daquele grupo. Há uma falta de identificação, que seria preenchida com o uso do português. Retornando a Silva (2011), é o que ele entende por constituição da identidade a partir de sistemas de representação, o que compete, em certos países, ao governo, que dá sentidos ao mundo social, sendo, neste caso, a apresentação de uma proibição (Era Vargas), que com o tempo transformou-se numa forma de preconceito pela sociedade devido à imposição do poder governamental.

2IC42 também conta outra experiência sobre seus pais serem de etnias diferentes, isto é, um alemão e o outro italiano, o que também contribuiu para o não aprendizado (dessas duas línguas inclusive):

o meu pai falava em it... ((interrompeu a palavra, mas se referia ao italiano)) só que minha mãe era alemoa e o meu pai italiano... o meu pai FALAVA COM A MINHA NONA... com o nono... com eles... O ITALIANO... só que daí quando chegava em casa não falava porque a mãe não entendia... e a mãe a mesma coisa... né? falava o alemão com o vô, com os irmãos... e... mas... com o pai... o pai NÃO ENTENDIA NADA... daí o pai dizia... mas essa alemoadas... e a mãe... mas esses gringos... entende? daí era... gerava aquela coisa... daí nós pequeno pensava... bom... o que é melhor... o que é pior... melhor É PORTUGUÊS... né? nós sabendo falar português chega... (2IC42).

Esse tema dos casamentos entre etnias variadas e a vivência entre essa diversidade de etnias também implica num fator de desuso da língua, uma vez que o sujeito não tem alguém da sua etnia com conhecimento linguístico para falar no idioma alemão (ousamos, inclusive, citar neste caso o italiano também). Nesse trecho evidencia-se uma temática que não fora apontada como uma das hipóteses iniciais deste estudo, mas que foi trazida no referencial teórico a partir das ideias de Hall (2006). Segundo o autor, acontece a mistura de identidades a partir das diferenças culturais que se diluem na sociedade e que começam a ser incorporados pelos diferentes sujeitos sociais.

No caso deste sujeito da entrevista, com a situação em que o pai descendia de uma etnia e falava determinada língua, já a mãe, outra, dentre as duas, optaram pela língua portuguesa, já que era aquela também ensinada na escola. Apesar disso, em alguns casos pode ocorrer o pertencimento maior à etnia de imigração do que à nacional, porém, formas de poder econômico, político ou social poderão pesar mais na escolha em sociedade. Mais uma vez esse sujeito utiliza a 1ª pessoa do plural para demarcar um grupo, neste caso, possivelmente familiar, e não apenas a si mesmo, como sendo um sujeito que tem essas vivências.

O preconceito em relação ao sotaque é um dos elementos destacados pela Sociolinguística. Percebemos isso ao analisar o recorte discursivo do sujeito 2ER55, que, inclusive, cita mais uma vez a escola nesse contexto:

nós... eu aprendi a falar o erre ((letra R)) graças a uma irmã que no colégio naQUEla época... HOJE eu vejo jovens aqui em Chapada que eu fico ABISMADA... falando coRendo... teRa... Rápido... ((reforça a pronúncia da letra R)) e não é só de origem alemã... essa irmã gravou... fazia nós falarmos areia... arara... teRRA... sabe? e daí nós tínhamos que nos ouví... eu nunca mais esqueci na vida... né? claro que de vez em quando você dava uma arranhada mas assim por... né? mas eu sabia o que era o certo....

Esse sujeito apresenta uma das tarefas da escola na época, que era padronizar, inclusive, a oralidade. Educadores impuseram o “falar correto”, aquele sem sotaque, sem marcas orais que permitem identificar de imediato o grupo do qual o sujeito descende, sem reconhecer a diversidade existente. Lucchesi (2012) aborda sobre essa diversidade no sentido de que uma norma padrão nunca vai terminar com a diversidade existente. Importante relembrar os conceitos de língua e dialeto. Conforme Signorini (2012), o dialeto seria uma língua subdesenvolvida no contexto de uma sociedade nacional. Assim, criam-se identidades que aprendem sobre a existência de um certo e um errado no uso de uma língua, o que amplia o preconceito existente. Silva (2011) afirma isso com a ideia de que toda essa questão de identidade e diferença é criada no contexto de relações culturais e sociais. Elas não existem naturalmente, são partes de um mundo cultural e social, que têm a influência das variadas instituições sociais existentes.

Outro tema de destaque neste grupo, presente no discurso dos descendentes, foi o fato dos descendentes teutos e também falantes da língua germânica não terem com quem falar. Percebe-se que os sujeitos aprenderam alemão na infância, porém, em virtude da diminuição do número de falantes, bem como, das vivências permeadas pelo dialeto, o hábito começou a se perder, conforme demonstram os recortes discursivos abaixo:

na escola eu nunca tive assim um CONTATO com o alemão... a... mas o que eu sei hoje é porque a minha vó né? enquanto vivia conversava muito em alemão com a minha mãe... com as minhas tias... então a gente sempre estava ali no meio... então o que eu sei hoje é pelo fato de ela falar... delas falarem né? aí também depois quando ela faleceu daí a gente não tinha mais... né? contato... um pouco ainda a minha mãe e a minha tia ainda que conversavam mas daí também depois não... cessou.... (2CH45).

[...] eu falava bastante quando... a minha mãe ainda era viva... daí a gente falava... que nem eu e ela... basicamente tudo em alemão... aprendi o alemão na infância... daí hoje já dificulta um pouco... porque hoje tu... que nem aqui em casa... com o L e com o B... com os filhos... e com a S... já não entendem... a gente praticamente já não fala... [...]... tu acaba praticando menos e... aí já dificulta um pouco... (2ESS47).

O tema de não ter com quem conversar é recorrente, ou seja, já foi apontado pelos sujeitos da primeira geração e aqui volta a ser reafirmado. O fato de esses sujeitos não terem com quem conversar está interligado com elementos anteriores, como o preconceito, a proibição, a convivência num contexto em que existia a diversidade de etnias e origens, o que impedia o uso apenas do alemão, sendo necessário adaptar-se à realidade social. Isso fez com que não se usasse o alemão formal, mas, em muitos casos um dialeto ou ainda o próprio português com adaptações. Fato é que houve mistura das línguas com a criação de novas expressões para nomear aqueles elementos que não tinham um nome numa língua ou na outra. O número de pessoas que usa o dialeto se reduz e, com isso, aqueles que ainda sabem também não usam na comunicação, o que contribui para o desuso. Nesse sentido, 2IC42 destacou em seu discurso:

a vó sempre conta... contava... né? que ela tinha sofrido muito para falar português porque ela falava só alemão... né? e onde ela morava nas colônia velha... muita gente se comunicava só em alemão... daí aqui ela se obrigou a aprender o português... ela aprendeu um pouco do português por causa dos vizinhos ali... no São João... os brasileiros...

Esse recorte discursivo mostra a situação da avó do sujeito entrevistado que se obrigou a aprender o português com os vizinhos, do jeito que fosse possível, uma vez que não conseguia comunicar-se apenas com o alemão. Essa necessidade de aprender o português devido à imposição, à necessidade de comunicação, mostrada por esse discurso, remete mais uma vez ao discurso da primeira geração, uma vez que 1NS62 já havia falado sobre esse mesmo fato em relação a sua mãe. Além disso, 2IC42 repete o discurso, possivelmente dos seus familiares, ao se referir à etnia dos sujeitos com quem a avó aprendeu português: os brasileiros. A seguir, apresentamos a análise dos recortes discursivos da terceira geração.

5.1.3 Entre os vinte e os quarenta anos: a terceira geração entrevistada

O terceiro grupo de descendentes de imigrantes alemães, definido na faixa etária dos 20 aos 40 anos, com o qual foram realizadas entrevistas, constitui-se de cinco sujeitos entre 24 e 37 anos. Desses, quando interrogados sobre saberem falar ou compreender o alemão, dois sujeitos disseram que compreendem e falam pouco, enquanto os outros três definiram-se inicialmente como nada sabendo e, logo em seguida, comentaram que sabiam expressões básicas de cumprimentos, por exemplo, o que pode ser verificado nos recortes discursivos a seguir:

3AH37: *MUIt*o pouco...

GK: pouco?

3AH37: *mu*ito pouco... *eu falo pouco e entendo um pouco só...*

GK: fala ou compreende o alemão?

3DS34: *não...*

GK: nada?

3DS34: *nada...*

GK: nenhuma palavrinha?

3DS34: *só algumas palavras... básicas... bom dia... boa tardi...*

GK: entende? compreende?

3GS32: *algumas palavras assim... porque geralmente assim... na minha família... né? eles falam meio misturado o alemão e o português... né? então... assim... às vez a gente entende porque umas palavras a gente sabe em alemão e as outras eles falam em português... então a gente vai meio que ligando assim e entende um pouco... né? e também assim... [...].*

GK: [...]. fala ou compreende alemão?

3GI24: *NÃO...*

GK: não...

3GI24: *SÓ... tipo... mais no contexto às vezes... hoje tipo quando algum... muito... tipo expressões... mais de... a... como é que eu vou explicar... é tipo... ai... ai... não sei explicar...*

GK: *uma ou outra expressão do dia a dia talvez... em casa... que vocês usam...*

3GI24: *é... muito pouquinho...*

GK: tu fala ou compreende alemão?

3RR33: *MUIt*o pouco...

GK: pouco?

3RR33: *mu*ito pouco...

O sujeito 3GS32 aponta sobre a mistura de expressões portuguesas e alemãs no contexto de comunicação familiar, o que vai ao encontro de uma de nossas hipóteses sobre essa diversidade e a conseqüente mistura, que, inclusive, produz novas expressões. Entretanto, de modo geral, nessas primeiras respostas já podemos perceber como o alemão não está presente nas vivências dos sujeitos desse terceiro grupo.

Na sequência, os sujeitos deste terceiro grupo foram instigados a comentar sobre o uso do alemão, como que aprendeu, com quem, como é o uso na família, na infância, na comunidade, no comércio, na escola. Os sujeitos que não sabiam o alemão, foram instigados a falar sobre o uso da língua germânica na sua comunidade e na sua família, bem como se os pais/avós tentaram ensinar, como foi essa vivência, além do ensino de alguma outra língua, que não a alemã e a portuguesa.

Os entrevistados dessa terceira geração realizaram menções à instituição familiar com maior frequência, diferentemente das anteriores que se referiram mais à escola. Nesse sentido, o tema que foi apresentado pelos cinco sujeitos faz menção aos pais que não tinham interesse de ensinar aos seus filhos ou ainda usavam o alemão em ocasiões em que não desejavam que os sucessores compreendessem/soubessem sobre o que se falava. 3GI24 destaca:

tipo... *eles falavam em alemão quando não era pra entendê...* tipo... daí tipo... quando era para falar de nós... o que nós tava aprontando... que isso... que aquilo... *daí não era pra nós entendê...* aí falava entre eles em alemão...

Esse tema da língua alemã ser usada para que os mais novos não compreendessem sobre o que se falava já foi destacado pela primeira geração (60 anos em diante), sendo reafirmado pelo sujeito dessa terceira geração, o que demonstra a redução do uso do dialeto no ambiente familiar. Outro recorte discursivo, do sujeito 3GI24, traz uma ideia importante da relação entre gerações, uma vez que ele afirma que sua avó falava em português com os netos e usava o alemão apenas com os filhos. Logo, não havia um esforço próprio da geração mais nova em aprender a língua germânica, mas, sim, o uso do português por parte dos idosos, que sabiam também falar o alemão:

EU acho que tipo porque... *tu acaba aprendendo o que tu usa...* tipo... e... como... *com o português tu se comunicava...* no... *na própria escola* tu... era só português... tipo... *tu não ia ter uso específico pra o alemão* porque... tipo... a vó... *a vó todo mundo fala português...* então tipo... pra nós eles... nós falava em português tava show... tanto que tipo... *tu vai aprendendo o que tu vai precisando pro teu uso...* tipo... pros joguinho... *às vezes o joguinho era só em inglês...* aí tu tipo... tu não tinha nenhuma noção... mas tipo... tu começava... isso aqui é próximo... tipo... sabia noções básicas né?

GK: sim... tua vó falava sempre em português com vocês?

3GI24: sim... aham... (3GI24).

O sujeito relaciona o fato de não ter aprendido o alemão por não ser necessário em sua convivência, pois todas as pessoas que sabiam o alemão, também sabiam o português, sendo que a comunicação ocorria na língua oficial do Brasil. O interesse maior era pelo inglês, pois, como ele cita, era utilizado nos jogos, logo, tomado como mais importante do que o alemão, ou seja, tinha uma utilidade. Assim, entendemos que não havia um momento na vivência

desse sujeito em que fosse necessário o uso do alemão. O inglês, porém, era relacionado aos jogos, ao interesse do sujeito em determinada fase da vida. Apesar disso, na vivência geral, ainda era o português o mais importante e o mais usado.

Percebemos que nessa terceira geração já há uma influência maior do uso do inglês em detrimento de qualquer outra língua, mesmo da alemã que seria a constitutiva da identidade étnica. Assim, apontamos essa influência aqui como um tema, principalmente pela recorrência nos discursos dos sujeitos entrevistados, que, inclusive, apontam ser a língua inglesa mais importante do que outras, como podemos verificar no discurso de 3DS34 em relação à importância do inglês em sua área de atuação profissional:

hoje eu acho o inglês mais importante... até tô cursando... porque a área que eu escolhi pra trabalhá o inglês é fundamental... que é a área de engenharia né? meus irmãos também não falam nada di alemão mas o F ((referência ao irmão do meio)) fala bem o inglês... fluenti...

Esse recorte discursivo reafirma mais uma vez a importância do inglês na concepção dos sujeitos desse grupo etário, inclusive com as questões profissionais atuais. Percebemos que isso não está presente apenas na vivência desse sujeito, mas também na do irmão, conforme apontado.

3DS34 retoma a ideia de os pais falarem em alemão quando os filhos não deviam entender o teor da conversa. Ele destaca o fato de que acredita que poderia ser favorecido profissionalmente ao ter aprendido a língua germânica, mas como apontado anteriormente, é no inglês que ele está se aperfeiçoando:

o alemão só é faladu pelos meus pais quandu a genti não podia... entender a conversa delis... então... não aprendi nada... [...] não fui motivadu em casa e hoje veju que se tivessi aprendidu... né? de repenti algumas coisas profissionalmenti tinha me favorecidu... (3DS34).

A esse respeito, 3RR33 destaca que:

[...] então assim... a minha vó só falava alemão... o pai... é... falava alemão com a vó e tal... mas com nós não falava alemão... então o contato dos pais com os filhos... entendeu? dos meus pais comigo... com os meus irmãos... sempre era falado português... sempre português... nunca pergunTAVA em alemão ou... então de certa forma... é... não se estimuLAVA a falar alemão...

Apesar de a avó desse sujeito não ter conhecimento da língua portuguesa, os netos não interagiam com ela em alemão. Ele reafirma o uso do português nessas relações entre gerações, bem como aborda sobre a falta de algum estímulo para que o aprendizado ocorresse de fato. Woodward (2011) destaca, em seus estudos sobre identidade, que há uma

identificação simbólica sobre pertencer ou não a determinada etnia e, conseqüentemente, viver aqueles traços identificados como pertencentes àquela identidade. De certa forma, os pais, ao não falarem alemão com seus filhos, não permitiram que eles vivessem esse aspecto da cultura alemã nas suas relações sociais, não havia como manter essa identidade germânica, pois um dos elementos constitutivos (o dialeto) desse “ser teuto” não estava sendo mantido, de modo a formar uma nova identidade relacionada ao “ser brasileiro, apenas descendente de alemães”. Isso correlaciona-se com a ideia de Woodward (2011, p. 14-15) sobre os “elementos que contribuem para explicar como as identidades são formadas e mantidas” ou, neste caso, apenas formadas e não mantidas.

Nessa perspectiva, o mesmo sujeito 3RR33 fala sobre a mentalidade infantil que ainda não tem consciência sobre as línguas e suas importâncias num contexto de sociedade, sendo que, muitas vezes, nem sabem diferenciar uma de outra, dependendo da faixa etária:

[...] a gente era CRIANÇA... em casa... se tu não tem um estímulo de fora... por que é que tu vai aprender ALEMÃO? *o que me motivaria a aprender ALEMÃO lá quando eu tinha os meus sete... seis... sete... oito anos de idade... né? então... talvez... tentava conversar com a vó... então a gente tenTAVA... pegava uma palavra... mas normalmente... é... a gente tinha a mãe intermediando... então aí tu tava lá com a vó... tu pedia alguma coisa... a vó falava... tu não entendia... E A MÃE TRADUZIA... então o que acontece? tu acaba perdendo... então... assim... é... um fato... é talvez um fato da gente... não ser... ((interrupção de um funcionário da empresa onde o entrevistado trabalha que adentrou a sala para pedir uma assinatura)) *uma parcela talvez seja o próprio fato da gente não ir atrás... mas eu acho que muito por eu não aprender o... por não ter aprendido a falar o alemão... é o fato dos meus pais não terem isso como costume... falar com nós... então... entre eles... eles falavam entre eles... eu lembro... muito raramente... mas quando se falava com nós... tu vai não sei o que... era tudo em português... não se falava em alemão... tu acaba não... talvez um pouco pode ser... (3RR33).**

Nesta família, mesmo a avó falando em alemão, havia a mãe que intermediava o diálogo, não sendo “necessário” aprender a língua germânica. Esse tema também apareceu no discurso do sujeito anterior (3GI24), que destacou não ter uma real necessidade de aprender o alemão, ao contrário do português que é de uso comum na sociedade. 3RR33 também afirma não querer culpar de todo a sua família, ao citar o exemplo de que seu pai devia ter sofrido muito ao estudar e saber falar apenas o alemão, sendo que o ensino formal era em português. Destarte, em virtude do preconceito existente na sociedade, esse sujeito entende que o pai não incentivou o aprendizado do alemão como uma forma de proteção para que os filhos não passassem pelas mesmas dificuldades que ele passou na sua vivência social. O sujeito 3RR33 prossegue:

e aí não quero... [...] *a gente não pode também culpar... o pai... né? mas o pai conta... na verdade a primeira língua que ele aprendeu foi o ALEMÃO... né? ele foi aprender o português na esCOLa... ENTÃO assim... ele conta assim... que ele enfrentou bastante dificuldade... né? dificuldade porque do ensino formal é português... então até... imagina tu já tava lá com seis... sete... seis anos... por aí... cinco anos... quando começava a ir na*

escola... daí até... *tu ter que viver num universo que tu não entende ninguém...* então ASSIM... *eu acredito que ele soFREU um pouco...* daí talvez isso ficou... mas bah... né? se eu fazer isso com os filhos... TAMBÉM vão passar por isso... então talvez por isso que ele inconscientemente acabaram não exercitando MUITO a... o alemão com NÓS... né? com os filhos... talvez seja... embora o pai nunca tenha me falado isso... *ele fala que ele sofreu porque só sabia falar alemão... é... talvez o próprio preconceito...*

A questão de não compreender o que o outro fala é parte de um esforço do imigrante em participar dessa sociedade, da qual não entende, nem fala a língua considerada padrão. É um sentir deslocado de tudo que o linguístico permite enquanto trânsito em sociedade. A temática do preconceito volta a ser citada também por este grupo. 3AH37 traz exemplo da sua infância e de como era visto quem usava o alemão, sempre com algo relacionado a menosprezar quem usava:

[...] quando a gente era pequeno... *a gente tinha preconceito com o alemão* porque chamavam... *porque os colonos falam em alemão né? aí chamavam de colono... nós não queria sê colono...* não queria aprendê o alemão... [...] *não queria uma identificação com eles né? [...] eu perdi daí também o contato com o meu vô... com meus avós porque eu não falava alemão... e eles só falavam em alemão... e pode vê... o pessoal do interior aprendeu... por que? porque não tinha ninguém que gozava... e tudo...* (3AH37).

Esse recorte discursivo mostra um sujeito que reconhece que era preconceituoso, mas que também se arrepende de não ter aprendido, admirando as pessoas que são da área rural e que aprenderam. A repetição do “a gente” em substituição ao “nós” traz mais uma vez um fato que ocorria com um grupo, não apenas com o sujeito entrevistado. Além disso, temos aqui uma recorrência temática, uma vez que o “não querer ser colono”, não querer essa identificação, se insere no tema do preconceito, que já foi apontado no discurso de sujeitos das gerações anteriores.

Como já especificado anteriormente, os grupos que se mantiveram mais fechados conseguiram aprender e manter por mais tempo esse uso. Inclusive, por esse sujeito não ter aprendido, perdeu até a oportunidade de maior convivência com seus avós, pois eles somente falavam em alemão. Uma falha entre gerações que não possibilitou a continuidade do uso da língua germânica. Nesse sentido, cabe aqui a abordagem de Silva (2011) sobre autorreferenciação e afirmação, pois ao afirmar “sou colono”, refere-se a toda uma “cadeia de negações”, bem como características dessa identidade, que neste contexto apresentado tem teor negativo, mais especificamente pejorativo, elemento que ainda nos dias atuais está marcado na comunidade chapadense, por carregar significados e elementos simbólicos relacionados com elementos da germanidade, de ser do interior, da zona rural.

3GS32 identifica também o desinteresse da sua própria geração:

[...] aquela questão... acho que antigamente... não tinha esse hábito... né? *achava feio o alemão*... então não tinha vontade de aprender... [...].

Gregory (2013) destaca que o sentimento de pertencimento a alguma identidade étnica é definido a partir de elementos como a língua que é falada no âmbito familiar. Entretanto, levando em consideração o caso exposto, o sujeito não se sente pertencente à etnia alemã, pois elementos sociais o levavam a crer que a língua era feia, além de que em casa também não ocorria o uso efetivo. A imposição de uma identidade, de acordo com Silva (2011), faz parte das atitudes de quem tem o poder, o que incentiva o processo de aculturação, de modo que o fenômeno resultante do contato entre todos esses grupos sociais diferenciados permite a absorção de valores pertencentes a outros grupos, isto é, a cultura da qual se origina perde significado e importância, sendo substituído pela outra, ou ainda, ocorre uma mescla entre culturas. Esse processo está fortemente presente nesta terceira geração, principalmente por ser a geração que tem maior possibilidade de contato com culturas diversas pelo fenômeno da globalização, por meio da difusão das tecnologias, do uso da *Internet*, o que também se refere ao recorte discursivo do sujeito 3GI24, anteriormente apresentado a respeito da necessidade de aprender o inglês por conta dos jogos.

Quando interrogado em relação à escola, o sujeito 3GS32 também cita que havia o preconceito:

3GS32: [...] na escola... eu tinha colegas... só que assim... eles não falavam SÓ alemão... eles falavam os dois... português e alemão... e *daí eles tinham muito sotaque*... né? então *o pessoal acabava assim rindo... tirando... piada e coisa*... né?

GK: fazendo brincadeira?

3GS32: *fazendo brincadeira*...

Outra vez a questão do sotaque como motivo de brincadeira entre as pessoas, sendo neste caso no espaço escolar. Os sujeitos que usavam o dialeto, sabiam o português, porém apesar do conhecimento de uma outra língua, o sotaque era motivo de brincadeiras por parte dos colegas, que menosprezavam esses sujeitos. Reiterando as ideias de Alvarez (2012), estava em jogo a possibilidade de alguns sujeitos imporem certas normas de conduta e pensamento a outros, ou seja, uma forma de poder e dominação. As escolas, conforme apontado no referencial teórico, por certo tempo, tiveram professores alemães, vindos da Alemanha. O governo imperial não demonstrava interesse na educação daqueles sujeitos. Entretanto, com o passar do tempo, percebeu-se que a escola era uma importante instituição para se firmar alguns valores comunitários, ensinar a ler e a escrever, de modo a reforçar costumes. (FAUSEL, 1961). Dentre os valores impostos pelo governo da época, os sujeitos

teuto-brasileiros em certos meios tinham uma conotação de inferioridade, de negação, de exclusão. (GREGORY, 2013). 3RR33 também relaciona o seu período escolar com o constrangimento ao usar o alemão:

não... não... na minha turma... não... talvez até pudesse tê... mas assim... não se falava... tipo assim... no ambiente escolar... lá no recreio ou durante a aula... né? ninguém... *ninguém falava em alemão...* até porque... *é... talvez até porque fosse vergonhoso isso...* talvez até *as pessoas tinham VERGONHA de falar em alemão...*

Tudo isso tem relação com o que Gnerre (2009) aborda sobre a tentativa de convencimento de que a língua do outro é feia, pobre e que para se obter maior sucesso, o ideal seria ter conhecimento da língua portuguesa. A vergonha de falar usando o dialeto provém das convivências do falante, o que pode ser identificado como intolerância linguística inclusive. Barros (2014) aponta que a padronização de uma forma linguística única tem relação com a construção de impérios, nações, com a construção de uma identidade nacional única, o que resulta no apagamento das diversidades.

A questão do preconceito foi abordada pelo sujeito 3AH37:

[...] e os meus pais também não se interessaram muito em ensiná e *como eu tinha esse preconceito não aprendi...* daí eu aprendi pouco porque eles continuam falando né?

Neste caso, além do desinteresse dos pais abordado pelo sujeito, ele próprio admite que tinha preconceito e por isso não se interessava em aprender. Essa restrição fazia parte da sociedade como um todo e não apenas na chapadense, conforme pode ser percebido no recorte discursivo de 3RR33:

o pai é o único que... *o pai e a minha tia () são os únicos que fizeram curso superior... os únicos que foram estudar fora...* então talvez... porque os outros tiveram ensino primário só... né? *então ele deve ter tido uma certa dificuldade... o próprio preconceito...* que a genti falou... na época já devia ter... *não saber falar bem o português e tal...* então tem todo um preconceito por trás disso também... *é... ainda mais em curso superior... ainda mais fora de Chapada...* então isso talvez possa ter sido o fato por meu pai ter tido esse comportamento... de não falar mais diretamente com nós em alemão quando criança...

3GS32 aborda outra visão em relação ao uso do alemão na família, de modo que os membros usavam as línguas misturadas, isto é, o português e o alemão:

porque geralmente assim... *na minha família...* né? *eles falam meio misturado o alemão e o português...* né? então... assim... às vez a gente entende porque umas palavras a gente sabe em alemão e as outras eles falam em português...

Essa vivência, conforme já apontado anteriormente, proporcionou a mistura de expressões, o que deu origem às novas palavras. Mais ainda, enriqueceu as línguas. Hall (2006) salienta que as culturas nacionais, onde o sujeito nasce, constituem-se como a principal fonte de identidade cultural. Assim, todos esses descendentes dos imigrantes alemães, por terem nascido no Brasil, levam a pátria brasileira como a sua primeira indicação de identidade, para depois, como identidade secundária, adotar a alemã, sendo manifestada não necessariamente pela língua, mas por outros elementos já citados no decorrer do trabalho, como festividades, hábitos alimentares, dentre outros.

A temática da necessidade de sair de casa para estudar, perdendo assim a oportunidade de um aprendizado da língua alemã pelo convívio familiar, também apareceu no discurso de sujeitos dessa terceira geração. 3DS34 cita inclusive o que seu pai pertencente à primeira geração abordou na entrevista, essa saída de casa quando mais novo:

[...] *com quinze anos fui estudar em Panambi...* [...] *pensando aqui... meu pai saiu com doze anos de casa... eu com quinze anos já saí também... mas de repente o momento que eu ia aprender...*

3RR33 também atribui grande parte do fato de não ter aprendido o alemão por ter saído de casa ainda jovem para estudar e foi para um ambiente em que não havia o contato com a língua alemã, do contrário se tivesse ficado em casa com seus pais e sua avó:

[...] outro problema também que *eu muito novo já saí de casa... fui estudar fora... né? ainda antes... no PRIMEIRO GRAU... saí... tá? na verdade... no SEGUNDO grau... eu cursei fora de Chapada... né? depois faculdade... e aí foi... então tu acaba perdendo esse pequeno contato que eu tinha com a língua alemã... justamente por causa da minha vó... da mãe do pai... né?*

Ele reforça esse argumento ao citar o exemplo do seu irmão:

[...] *eu acho que o que mais aprendeu alemão dos meus irmãos foi o R... nunca estudou fora... ele sempre morou em casa... foi o que mais conviveu com a vó... e a vó só falava alemão... hoje ele também não sabe muito... se a gente não exercita... não fala com frequência... tu acaba perdendo... a língua... né?*

Como citado anteriormente, essa geração relaciona de modo intenso a ligação do aprendizado do alemão com a convivência próxima de seus pais e avós, além do fato de não ter a convivência em outras ocasiões com a língua germânica.

Nessa geração, apenas um sujeito citou a mistura de etnias como sendo um fator importante desse desuso, do fato de não ter aprendido, o que também foi apontado por um sujeito na geração anterior. 3DS34 diz que:

por parti da N ((referência a avó materna))... *de repenti por ela ser francesa... eu nunca escutei a N falar em alemão...*

O sujeito que teve essa vivência de miscigenação das etnias, saiu de casa muito jovem, o que demonstra como a diversidade de atividades atualmente existentes pode fazer com que se tenham essas novas experiências, porém não contribuem para a construção da questão da identidade alemã em si (ou ainda de outras identidades únicas). Um misto de motivos que justificariam o fato dele não ter aprendido o alemão. Gregory (2013) frisa que no mundo moderno permeado pela globalização e pelos meios de comunicação de massa, torna-se difícil manter uma identidade nacional única. Inclusive, no caso dos alemães e seus descendentes, não somente a imposição de uma cultura brasileira foi a responsável pelo desuso da língua e, sim, elementos do mundo atual, a partir do contato com os diferentes povos de todos os hemisférios do planeta.

Nesses recortes discursivos que foram analisados, pudemos encontrar algumas isotopias temáticas, isto é, alguns temas recorrentes dentro do mesmo grupo ou ainda apontados pelos sujeitos em mais de um grupo. Foram recorrentes dentro das três gerações, temas que relacionam o desuso da língua às forças exercidas pelas instituições sociais, isto é, pelas famílias e pela escola, sendo que, por trás da escola, temos presente o governo e suas formas de atuação. Essa forma de atuação, que proibiu o uso do alemão em determinado momento da história, inclusive com perseguições às famílias teuto-brasileiras, fez com que dentro do ambiente familiar fosse reduzido o uso da língua germânica, grande parte em virtude desse medo, de possíveis repressões. Nesse sentido ainda, diversos sujeitos relataram a dificuldade de comunicação ao ingressar na escola, onde não havia alemão e, sim, o português, quando essas pessoas vinham de suas casas, sabendo falar apenas a língua germânica em muitos dos casos.

Dessa forma, as razões pelas quais o dialeto de língua alemã caiu em desuso em Chapada, a partir das isotopias temáticas verificadas no discurso dos sujeitos da geração dos 60 anos em diante são:

- a influência da escola enquanto lugar de institucionalização e valorização da língua nacional e exclusão do dialeto alemão: apesar de o alemão ter sido a língua usada para a comunicação em casa, na infância, na escola não era privilegiada da mesma forma, ou seja, o ingresso na escola era permeado pelo aprendizado do português. Inclusive, foi na instituição escolar que ocorreu o primeiro contato com o ensino formalizado da língua lusitana;

- a proibição do uso do alemão e a perseguição aos germânicos na Era Vargas;
- a redução do emprego da língua germânica no meio familiar. Um reflexo do cerceamento ao uso da língua no meio social, os pais não ensinavam os filhos e não estimulavam o seu uso em casa. Nesse sentido, o uso do alemão com o objetivo de que os filhos não entendessem sobre o que os pais falavam;
- a saída de casa para estudar, de modo que com o afastamento da família os sujeitos não estavam mais numa realidade social em que o alemão era usado.

Inclusive, cabe salientarmos que o primeiro item apontado é recorrente nos discursos dos cinco sujeitos entrevistados dessa geração a partir dos 60 anos.

Já nos discursos dos sujeitos da geração dos 40 aos 60 anos foram recorrentes os seguintes temas:

- o preconceito com quem falava alemão ou apresentava sotaque;
- a ausência de interlocutores para falar em alemão;
- a institucionalização do inglês como língua estrangeira nas escolas, em detrimento à alemã.

Nesse grupo, dos 40 aos 60 anos, o tema do preconceito para com quem falava alemão ou ainda apresentava sotaque foi recorrente nos recortes discursivos de todos os entrevistados.

Em relação às isotopias temáticas depreendidas dos discursos da geração mais jovem de entrevistados, isto é, dos 20 aos 40 anos, reiteramos as seguintes:

- a redução do emprego da língua germânica no meio familiar;
- o preconceito com quem falava alemão ou apresentava sotaque;
- a institucionalização do inglês como língua estrangeira nas escolas, em detrimento à alemã;
- a utilização da língua portuguesa nas conversas familiares (entre pais e filhos, avós e netos). A conversa com as pessoas mais velhas, que eram as que sabiam o alemão, era realizada em português, uma vez que os idosos usavam a língua portuguesa para conversar com seus netos, não sendo necessário um esforço por parte deles para aprender a língua alemã em sua totalidade e usá-la nesse contexto. Nas vezes em que ainda se usava o alemão nesses diálogos eram apenas algumas expressões misturadas com o português;

- a saída de casa desses sujeitos para estudar, de modo que com o afastamento da família não estavam mais numa realidade social em que o alemão era usado.

Nesse sentido, salientamos que o tema referente à redução do emprego da língua germânica no meio familiar foi enfatizado nesta geração dos 20 aos 40 anos, bem como, em

relação ao preconceito com quem falava ou apresentava o sotaque. Além disso, houve isotopias temáticas entre as gerações, ou seja, duas gerações tiveram temas recorrentes entre si. Evidenciamos que o tema relacionado a redução do emprego da língua germânica no meio familiar está presente nos discursos da geração dos 60 anos em diante, sendo que eles fizeram isso na posição de pais e na geração dos 20 aos 40 anos, eles sofreram essa ação por parte dos seus pais. Ademais, esse tema não foi apontado no referencial teórico que embasa este trabalho, nem nas hipóteses, de modo a ser um novo elemento que essa pesquisa identificou.

Foram recorrentes os seguintes temas entre as gerações:

- a ausência de interlocutores para falar alemão (gerações dos 40 aos 60 e dos 60 anos em diante);

- a saída de casa desses sujeitos para estudar, de modo que com o afastamento da família não estavam mais numa realidade social em que o alemão era usado (gerações dos 60 em diante e dos 20 aos 40 anos);

- a família composta por duas etnias, isto é, alemão e italiano ou alemão e francês (gerações dos 40 aos 60 e dos 20 aos 40 anos);

- o preconceito com quem falava alemão ou apresentava sotaque (dos 40 aos 60 e dos 20 aos 40 anos);

- a institucionalização do inglês como língua estrangeira nas escolas, em detrimento à alemã (40 aos 60 e dos 20 aos 40 anos).

A coibição do uso da língua no meio social, ocorrido a partir da Era Vargas e seu projeto de nacionalização, foi citada somente pelos sujeitos da primeira geração (60 anos em diante), porém, entendemos este como um dos fatores mais importantes, ao qual estão relacionados a redução no uso da língua em ambiente familiar e o preconceito linguístico, ou seja, foi a partir dessa proibição que se desenvolveram as demais situações.

Concluída a análise do nível discursivo, analisamos agora, o nível narrativo.

5.2 ANÁLISE DO NÍVEL NARRATIVO

O nível narrativo subsidia a compreensão desses discursos como uma grande narrativa, possibilitando entender como se deu a transformação do uso para o desuso da língua, ou seja, que sujeitos, transformações e valores implicam nesse processo. A narrativa é organizada do ponto de vista de um sujeito. No caso das entrevistas, apresentamos o ponto de vista dos

nossos entrevistados (e de tudo o que eles ouviram dos seus antepassados) em relação à vinda e convivência dos imigrantes no Brasil.

Nessa narrativa, evidenciam-se sujeitos que disputam valores e que se movem no sentido de alcançá-los. (BARROS, 2011). O sujeito imigrante alemão moveu-se ao Brasil em busca de um objeto-valor. Gregory (2013) aponta o crescimento industrial da Alemanha, guerras, o desenvolvimento do transporte ferroviário e da navegação a vapor, a suspensão do tráfico de escravos negros, como os principais fatores que incentivaram essa saída dos alemães. A partir disso, esses sujeitos vislumbraram na vinda para cá como uma maneira de alcançarem o que desejavam: melhores condições de vida e oportunidade de crescimento.

Diante da situação desoladora em que se encontravam no país de origem e com o Brasil abrindo suas portas, oferecendo terras, sementes e ferramentas, os imigrantes, movidos pelo querer-fazer e dotados, então, do poder-fazer e do saber-fazer – as competências necessárias para iniciar nova vida no Brasil – vieram para o país em busca da realização dos seus sonhos. Em terras brasileiras, alcançaram seus objetivos, entrando então, em conjunção com o objeto-valor que desejavam. Em relação à comunidade alemã em Chapada, essa conjunção com melhores condições de vida se comprova pelo relato histórico – apontado nos estudos de Steffen (1984) e Neumann (2009)²⁸ – de que as primeiras lojas de comércio e primeiras fábricas pertenciam às famílias alemães que colonizaram o município, assim como, de que se construíram escolas em que, inicialmente, os próprios alemães atuavam como professores.

A propósito, essa transformação se explicita também no recorte discursivo do sujeito 1JH83, que fala sobre a vinda dos seus antepassados:

[...] então *depois da guerra perdida a Alemanha cheia de fome... miséria... né?* [...] bloquearam todos os mares.... não vinha mais alimento... *não vinha o necessário que precisava pra vivê... então tinha desemprego... fome... miséria... então entre sete rapazes daquela cidadezinha... meu pai era do SUL da Alemanha... uma cidade pequena... pegaram um trem foram para Genova na Itália... eles ainda tinham dinheiro pra pagá passagem... LÁ ajudaram a carregá um navio CARGUEIRO que vinha pro Brasil... o navio chamava rei Vitória... me lembro disso... ele contava... né? veio até Santos... Santos desembarcaram do navio grande... começaram... ajudaram a carregar um navio () costeiro no Brasil com banana pra Porto Alegri... aí ele veio em Porto Alegri...*

²⁸ Steffen (1984) destaca sobre o início dos empreendimentos em Chapada, sendo que a maioria das indústrias eram de famílias germânicas. Após um tempo, conforme Neumann (2009) aborda, criaram comunidades fechadas e a partir de hábitos e costumes que tinham em seu país de origem, tentavam preservar sua cultura, com destaque para o dialeto da língua alemã. (STEFFEN, 1984). A organização do sistema educacional foi feita a partir do pagamento de professores pelos pais dos alunos. A empresa colonizadora, inclusive, construiu uma casa para servir de escola, sendo que em 1923 ela começou a funcionar com atuação do professor Antônio Ott Filho. Já em 1939, foi instalada uma escola de freiras, da congregação das irmãs Notre Dame de Passo Fundo. Depois da emancipação de Chapada, em 1959, sentiu-se a necessidade de uma escola pública, que foi construída num terreno doado pela comissão colonizadora. (STEFFEN, 1984).

desembarco... LÁ JÁ TINHA UM CONHECIDO... sobrenome Mentz... tinha vindo há muitos anos antes... e arrumou um lugar ali no Instituto Champanhá ((Champagnat))... dos marista... ficô dois anos lá... *aprendeu o português* ()... era homem de grande conhecimento... ele tinha feito técnico agrícola... depois foi para a faculdade ((estudos de técnico agrícola e faculdade na Alemanha))... NO PRIMEIRO ANO DA FACULDADE FOI convocado pra guerra... aí ele aprendeu e *faltavam professores no interior de São Leopoldo... um lugar chamado Picada Café... lá ele foi* e... contratado como professor... depois mais uma... uma... () tinha duas escolas... trabalhô LÁ... e LÁ... tinha um senhor Steffen... que era o J Steffen... avô do V ((pessoa bem conhecida e prestigiada no município))... ele conhecia o trabalho do meu pai... [...].

A história da língua alemã no Brasil faz parte dessa narrativa maior da vinda dos imigrantes teutos ao Brasil. Nessa mudança para cá, ao mesmo tempo em que obtiveram melhores condições de vida, ou seja, alcançaram o objeto-valor, as comunidades alemãs também tiveram de se submeter às coerções político-sociais relacionadas à construção do que se chamava a “identidade brasileira”, tão enfatizada na Era Vargas. Percebemos, a partir dos relatos dos sujeitos entrevistados, que quando os imigrantes vieram ao país, eles falavam o alemão e viviam, de certa forma, harmonicamente na sociedade brasileira, ou seja, o uso era consensual. A partir de certo momento político, em que se tentou forjar a construção de uma identidade dita “brasileira”, bem como, pelos resquícios da guerra, as expressões culturais relacionadas ao alemão tiveram de ser reduzidas, principalmente no que concerne ao uso do alemão na comunicação, que não foi mais consensual.

Assim, o mesmo agente destinador (manipulador e julgador), isto é, o governo, que antes instigou a vinda dos imigrantes alemães para o Brasil, agora coibia o uso do principal elemento identitário do povo alemão: a língua. Esse sujeito destinador (governo) exerceu seu poder de manipulação, principalmente, por meio das escolas, em que se proibia o uso de outra língua que não o português (inclusive com a institucionalização, mais tarde, da língua inglesa no ambiente escolar), e pela força coercitiva do poder de polícia, já que muitos relataram que eram vítimas de represálias e até prisão se falassem alemão. Nesse sentido, o sujeito destinador (governo) utilizou-se de mecanismos para manipular esses imigrantes de forma a “colaborarem” para que aquele atingisse seu objeto-valor: a construção de uma identidade nacional brasileira, através, principalmente, da unificação da língua, neste caso, a portuguesa.

1IR68 destaca em relação à vinda dos seus antepassados:

[...] então quando eles vieram para Chapada botou um moinho... botou uma atafona e botou uma olaria... então *toda a família trabalhava em torno disso...* [...] quando a mãe ia nas loja... *tinha uma mulher que ficava caminhando de lá e para cá para ficar cuidando para ver se alguém falava alemon ((alemão))...* a mãe ficava quieta... *ela assim como outras pessoas não sabiam falar o português...* a coisa era assim... por isso ficou resguardado... *teve quem foi levado preso...*

A escola e a polícia (a serviço do governo) encarregaram-se de promover uma “aculturação linguística” por meio da coibição do uso da língua alemã. Isso teve reflexos no meio familiar e social, como apontados pelos sujeitos das três gerações, os quais relataram que seus antepassados (pais, avós e bisavós), pelas represálias sofridas em virtude do uso da língua alemã, não lhes ensinavam o dialeto, o que ocasionou redução do uso do alemão no ambiente familiar. Também o uso desse dialeto de língua alemã, tendo em conta a repressão e a discriminação sofrida, passa a ser motivo de preconceito, de exclusão social. Percebemos que num curto período de tempo, ou seja, no espaço de uma ou duas gerações, os sujeitos, de modo geral, já não utilizaram mais o idioma, nem sequer nas conversas familiares. Os sujeitos entrevistados da geração dos 60 anos em diante, na Era Vargas, quando as proibições tiveram seu início, eram jovens, mas em seus discursos ficam evidentes os reflexos desse período. Os pais, que sofriam as coerções político-sociais, não queriam que os seus filhos, a exemplo deles, sofressem represálias pelo uso da língua, de modo que o emprego dela no meio familiar e social foi-se reduzindo significativamente. Essa não utilização do alemão nem no seio familiar se manifestou de forma latente nos discursos dos sujeitos das gerações seguintes.

Podemos afirmar que a intolerância linguística, ou seja, a proibição da língua falada pelos alemães configura-se como uma sanção imposta a esse grupo de sujeitos por serem eles tomados como maus cumpridores das regras, isto é, não falavam o português, não contribuíam para que houvesse a pureza na língua e a formação identitária desejada. Barros (2014) destaca tratar-se de uma punição, uma vez que colocavam em risco a construção da identidade nacional.

Destaca-se aqui a mudança de perspectiva com que o imigrante passou a ser visto: se antes, quando as imigrações foram incentivadas pelo governo, o imigrante era visto de forma positiva, como um sujeito capaz de promover o branqueamento da população brasileira e contribuir para desenvolvimento econômico do país, neste outro momento da história ele é um elemento negativo na sociedade, já que apresenta riscos em relação à homogeneidade da língua. (BARROS, 2014). A partir do momento em que o sujeito destinador implanta um programa de nacionalização, as alteridades são vistas de modo negativo para a homogeneização da cultura, conseqüentemente da língua.

Do ponto de vista dos sujeitos alemães, sujeitos manipulados, essa trajetória caracteriza uma narrativa de privação, uma vez que precisaram abdicar da mais forte expressão cultural constitutiva de sua identidade, a língua. Entretanto, se olharmos do ponto de vista do sujeito destinador, ocorreu uma narrativa de liquidação da privação, pois se obteve

a aculturação linguística dos descendentes de alemães, que passaram a utilizar o português como língua padrão e, em muitos casos, única. Assim, consolidou-se, em alguma medida, o desejo de unificação nacional em torno da língua.

Percebemos que os mais antigos ainda querem preservar o idioma, porém a geração mais nova não demonstra esse interesse. Primeiro, porque já não tiveram essa influência por parte dos pais/familiares; segundo, porque já nasceram num contexto marcado por outras manifestações culturais, resultado do processo de globalização e dos reflexos históricos. Assim, nessa geração dos mais novos, o dialeto não se sustenta mais porque não se vislumbra nele uma utilidade comunicativa, como se vislumbra no aprendizado do inglês, por exemplo. Relembramos o discurso do sujeito 3GI24 que cita que o interesse em aprender o inglês existia pelo fato de que os jogos eram nessa língua, isto é, jogos que existem mundialmente e que são apresentados na língua inglesa, que domina essa área dos “*games*”.

Apresentamos, a seguir, as oposições semânticas que fundamentam a história do desuso do dialeto de língua alemã.

5.3 ANÁLISE DO NÍVEL FUNDAMENTAL

Por fim, o nível fundamental concentra as oposições semânticas de base sobre as quais se estrutura a história do desuso da língua alemã no espaço escolhido para realização deste estudo. A principal categoria semântica identificada é a da identidade *versus* alteridade, sendo que a construção de uma identidade (brasileira e não alemã) era valorada positivamente (eufórica) e a expressão da alteridade, valorada negativamente (disfórica). Era desejável uma certa “unidade” nacional e isso implicava a exclusão dos mecanismos de representação de alteridade, como o uso de outras línguas. Nesse sentido, a alteridade, valorada disforicamente, está para a exclusão, assim como a identidade, valorada euforicamente, está para a inclusão. São excluídos, discriminados, são alvos de preconceito, aqueles que não se encaixam nos padrões identitários tidos como corretos, certos, desejáveis pelo governo, sujeito destinador dessa narrativa.

O percurso que se evidencia nessa grande história do desuso da língua alemã é o seguinte: com a vinda dos imigrantes para o Brasil, afirma-se a alteridade, ou seja, havia uma diversidade de etnias => com o cerceamento das expressões culturais, principalmente do uso da língua, nega-se a alteridade => e, então, afirma-se a identidade, representada, principalmente, pela língua em comum, o português.

Esse elemento identitário “unificador” (a língua nacional) está de tal forma consolidado nas gerações atuais que elas não demonstram interesse pela língua alemã, mas sim pela língua inglesa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muito antes de se tornar estudo acadêmico, o tema aqui explorado fez parte das minhas inquietações pessoais enquanto descendente de imigrantes alemães (que fala poucas expressões, mas compreende bem o dialeto), membro ativo da comunidade, docente (Letras – Português/Inglês), nascida e residente no município de Chapada, onde percebia o desuso do dialeto de língua alemã por parte, principalmente, dos mais jovens. Desde quando este estudo ainda era um projeto até este momento de tecer as considerações finais, muito do que se planejou teve de ser adaptado em virtude de fatos que foram surgindo no decorrer da caminhada. Isso faz parte do fazer acadêmico, do fazer de pesquisador, que precisa estar atento e aberto a essas vicissitudes.

Inicialmente, por tratar de pesquisa com seres humanos, este estudo necessitou do encaminhamento e da aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), da Universidade de Passo Fundo (UPF), o que foi realizado ainda em 2016, sendo aprovado no final daquele ano. Em todo esse período, as leituras exploratórias prosseguiram, pois é recorrente a sensação de que nunca lemos o suficiente, mesmo hoje, já nas considerações finais, é latente essa necessidade de mais e mais leituras. Assim, iniciamos a constituição das primeiras linhas deste trabalho, mais especificamente, os três primeiros capítulos, que em meados de 2017 foram qualificados. A partir disso, entrei em contato com os possíveis entrevistados, partindo de nomes presentes no *Histórico do Município de Chapada* (1984), descendentes de imigrantes alemães que foram os primeiros comerciantes chapadenses, ou participaram da comissão emancipacionista, ou ainda os primeiros governantes. Para além do que se apresenta neste trabalho, houve muitas conversas informais com pessoas diversas da comunidade e que têm conhecimento da história de imigração, principalmente, dos autores

desse histórico chapadense, anteriormente citado, o que permitiu chegar aos nomes dos sujeitos entrevistados na primeira geração, isto é, dos 60 anos em diante.

A partir disso, foram realizados os primeiros contatos com essas pessoas que, de imediato, aceitaram participar da pesquisa respondendo a entrevista, indicando, nessa oportunidade, outros sujeitos para que participassem, constituindo assim as outras duas gerações. Cabe destacar a dificuldade em encontrar, numa mesma família, as três gerações apontadas (avós, pais, filhos), sendo que apenas numa família isso se configurava como possibilidade, porém, ainda antes do contato para a realização da pesquisa, o sujeito faleceu, não sendo possível realizar a entrevista com ele. Logo, foi necessário ouvir também sobrinhos, tios, primos, isto é, sujeitos com outros graus de parentesco, já que numa mesma família não havia as três gerações.

Outra dificuldade consistiu na tentativa de afastar o envolvimento emocional no decurso e acerca das entrevistas realizadas com os quinze sujeitos descendentes de imigrantes alemães nos meses de contatos e conversas. Ouvi inúmeras histórias, presenciei lembranças convertidas em lágrimas, risos, orgulho e revolta, manuseei e vi serem manuseadas várias fotos e documentos, adentrei na vivência de famílias para tratar da história de constituição da identidade desses seres humanos. Os discursos foram muito além da relação desses sujeitos com as línguas, o que proporcionou, em algumas entrevistas, conversas extensas e, por consequência, também, maior tempo envolvido com a transcrição e posterior seleção dos recortes discursivos para análise. O desejo era de não realizar recortes, pois uma vez que os discursos foram muito ricos, a vontade foi de estender a análise para outros elementos que constituem essa “identidade teuto-brasileira”. Entretanto, havia um projeto a ser seguido e, nesse sentido, não havia espaço para adaptações. Não por ora.

De caráter descritivo e explicativo, a pesquisa teve como objetivo geral compreender a trajetória de desuso do dialeto de língua alemã em Chapada, identificando os principais fatores que desencadearam e vêm desencadeando tal fenômeno. Podemos afirmar que ele foi alcançado, pois conseguimos depreender razões pelas quais, nesta comunidade, descendente de imigrantes germânicos, o dialeto alemão caiu em desuso. Assim, também, respondendo ao nosso problema de pesquisa.

Nosso objetivo geral desdobrou-se em específicos e pretendíamos identificar quais línguas/idiomas eram/são utilizados pela comunidade germânica de Chapada, o como e por que dessa utilização. Os discursos dos entrevistados permitiram essa aferição, de modo que também foi possível alcançar o objetivo de entender a influência/interferência de instituições

sociais na formação dos imigrantes e descendentes. Nesse sentido, foi possível identificar um sujeito destinador (governo) que esteve por trás de todo esse processo, desde o início da vinda dos imigrantes até mais tarde, quando as manifestações germânicas foram cerceadas. Para isso, usou-se da instituição escolar, a fim de não permitir o ensino da língua alemã, mas, sim da portuguesa e, mais tarde, da inglesa. A partir das perseguições políticas da Era Vargas, as famílias também retraíram o uso do dialeto. Razões interligadas que fizeram com que o alemão fosse caindo em desuso. Assim, foi possível, similarmente, alcançar o objetivo específico de comparar fatores citados como os mais latentes para o desuso do dialeto pelas diferentes gerações, ou seja, dos grupos de sujeitos dos 60 em diante; 40 aos 60; e, dos 20 aos 40 anos.

Pudemos, da mesma forma, confirmar algumas hipóteses, que foram baseadas em nossas leituras exploratórias. A desvalorização linguística relacionada às situações de poder econômico e social estão relacionadas com o ensino formal em português e a coibição do uso social do dialeto alemão, o que gerou o preconceito linguístico, atrelado à ideia de uma língua cujo sotaque é feio, é motivo de riso, etc. Sabemos que há uma série de fatores sociais que contribuem para a formação cultural de um povo e que exercem influências também sobre a língua (como a união entre sujeitos de distintas etnias, o convívio social, etc.), mas não se pode negar que a institucionalização escolar da língua portuguesa como a única possível e a coibição do uso da língua alemã acelerou – e muito - o processo de desuso deste idioma.

Ainda em relação às hipóteses inicialmente aventadas, não verificamos no discurso de nenhum dos sujeitos entrevistados o tema do desuso da língua relacionado à ausência do registro escrito, ou seja, de que ela haveria caído em desuso por ser utilizada apenas na oralidade. Também nas leituras empreendidas sobre estudos culturais dessa comunidade não encontramos referência a tal temática. Assim, tal hipótese, por ora, não se confirmou. Já a hipótese que relacionava o desuso do dialeto alemão à difusão das tecnologias e à globalização, que permitem o contato com a multiculturalidade e a diversidade existente no mundo, foi confirmada, uma vez que se manifestou, nos discursos, a importância dada à língua inglesa, principalmente pelos mais jovens, bem como, quanto à possibilidade de transição em diferentes realidades, nos diversos momentos da vida, como o caso dos estudos, em que os jovens saíram de casa para buscar maior qualificação em outras cidades, longe da família.

Outros fatores inesperados foram citados como propulsores do desuso, como essa necessidade de afastamento do convívio familiar (onde havia a vivência com o alemão) para

estudar em outros locais e a redução do emprego da língua germânica no meio familiar, com o objetivo, conforme relatado nos recortes discursivos, que os filhos não entendessem sobre o que os pais falavam. Não havíamos encontrado esses temas nas leituras realizadas para o desenvolvimento deste estudo, sendo destaque no discurso de duas gerações (60 em diante e dos 20 aos 40 anos).

É preciso lembrar, também, que para realizarmos este estudo, buscamos amparo em outros discursos (referencial teórico) que auxiliaram na compreensão da história da imigração alemã e dos fatores sócio-históricos que interferem nas manifestações culturais e identitárias. Nessa perspectiva, o trabalho foi organizado em quatro capítulos, além da introdução e destas considerações finais. Abordamos no primeiro capítulo um percurso histórico da vinda dos alemães ao país brasileiro, ao estado gaúcho e ao município chapadense, além das discussões sobre cultura, identidade, língua e poder relacionados às questões sociais e econômicas, de modo a entender a influência social de instituições, grupos e ambientes acerca de indivíduos de uma comunidade, o que afeta costumes, modos de vida e, em especial, a utilização de uma língua ou dialeto. Relacionando aos estudos culturais, no segundo capítulo, abordamos a Teoria Semiótica Discursiva, com a apresentação dos conceitos básicos da teoria mobilizados neste estudo: texto e discurso, plano de conteúdo e plano de expressão, Percurso Gerativo de Sentido (PGS), os três níveis de construção de sentido: fundamental, narrativo e discursivo; além do conceito de isotopia. Além disso, destacamos a metodologia que guiou nosso fazer científico. Nesse sentido, é importante destacar também nosso quadro 1 em que constam as normas para transcrição, sendo uma adaptação da NURC, além do nosso quadro 2 sobre os passos para a análise.

Após esse trabalho ter sido qualificado, entrevistamos os sujeitos divididos nos três grupos anteriormente apontados, com vistas a entender as particularidades dessa comunidade de Chapada, em que foi possível verificar algumas razões já identificadas pelos estudos culturais, sobre cultura e identidade. Nesse processo de análise dos recortes discursivos, partimos do nível discursivo com o propósito de identificar os temas relacionados ao desuso da língua; depois depreendemos o nível narrativo, ao (re)construir a história desses imigrantes e, assim, da língua alemã, explicitando como pode ser compreendida a trajetória de desuso do idioma; seguido pelo nível fundamental e suas oposições semânticas, que apontam, no cerne desse processo, a valoração eufórica da identidade/unidade e disfórica da alteridade/diversidade.

Nosso estudo referiu-se a uma comunidade em particular, porém, ousamos dizer que esse desuso aconteceu e segue acontecendo com muitas outras línguas de outras nacionalidades. Inclusive, no período da Era Vargas, em que se pretendia construir uma nacionalidade brasileira, foi coibido o uso de outros idiomas de outros povos imigrantes instalados no Brasil. Assim, a coerção política sobre a utilização de outras línguas fez com que as famílias deixassem de usá-las, estabelecendo-se o preconceito na gênese dos discursos. Criou-se essa ideia do alemão como uma língua “feia” e muitas pessoas já não o utilizavam por conta desse preconceito. Nas gerações mais jovens, não se vê uma necessidade em aprender o alemão – como deve ocorrer com outras línguas de outras comunidades étnicas – para comunicação, já que a língua de maior valoração global é o inglês. Nesse processo todo, a língua mãe dos imigrantes vai caindo em desuso enquanto outra (s) se fortalece (m). No caso da comunidade em estudo, o português e o inglês.

Apesar do esforço de muitas comunidades em tentarem manter as raízes identitárias, é necessário – e natural, que elas se adaptem às novas culturas e determinações sociais do país em que se estabelecem. No caso dos alemães, a não aceitação da imposição governamental teria resultado em mais violência e perseguições. Um jogo de forças, de poder, que refletiu diretamente no uso de um dialeto, um dos principais fatores de reconhecimento identitário de um povo.

Ao compreender razões que interferem nas questões identitárias dos sujeitos ao longo dos anos, agindo principalmente sobre a língua, esta pesquisa também possibilitou conhecer mais da língua portuguesa, pois aprofundou o conhecimento sobre questões de uso de um dialeto (de língua alemã) que faz parte dos traços linguísticos do falar brasileiro, traços esses que constituem a variedade linguística existente no Brasil. Também possibilitou compreender algumas mudanças por que a sociedade passou e como elas interferiram na língua usada, como a escola interferiu e segue interferindo na formação linguística dos sujeitos. Mais do que isso, traz a riqueza de experiências e de aprendizado que o desenvolver dessa pesquisa proporcionou. Novos amigos que abriram as portas de suas casas (e da vida!) para contar histórias que – como descendente deste povo e inserida nesta comunidade – fazem parte também da minha história.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Marcos César. Sociedade, norma e poder: algumas reflexões no campo da sociologia. In: *Linguística da Norma*/Marcos Bagno, [org.]. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012. p. 183-196.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria Semiótica do Texto*. 5. ed. São Paulo: Editora Ática, 2011. 96p.

_____. A construção discursiva dos discursos intolerantes. In.: *Seminário Interno da Diversitas: Intolerância e discurso político: usos e abusos*, 2012. Disponível em: <<https://goo.gl/Xnaq8v>>. Acesso em: 11 jul. 2017.

_____. Intolerância e preconceito na linguagem. In.: *Com Ciência: Revista Eletrônica de Jornalismo Científico*, 2014. Disponível em: <<https://goo.gl/NSYLMY>>. Acesso em: 31 jul. 2017.

BENVENISTE, Emile. *Problemas de Linguística Geral I*. 4.ed. Campinas: Pontes, 1995 [1966].

BUENO, Alexandre Marcelo. *Intolerância linguística e imigração*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006. 172p. Dissertação (Mestrado Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP. Orientação: Prof^ª Dr^ª Diana Luz Pessoa de Barros.

_____. *Representações discursivas do imigrante no Brasil a partir de 1945*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2011. 341p. Tese (Doutorado Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP. Orientação: Prof^ª Dr^ª Diana Luz Pessoa de Barros.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro. *Metodologia Científica*. 5. ed. Amado Luiz Cervo, Pedro Alcino Bervian. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2002.

CRESTANI, Luciana Maria. Sincretismo de linguagens e efeitos de sentido no jornalismo on-line. In.: *Revista Desenredo*, Passo Fundo, v. 10, n. 2, p. 456-474, 2014.

_____. *A oralidade como estratégia enunciativa no jornal on-line*. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2010. 294p. Tese (Doutorado em Letras). Orientação: Prof. Dr. José Gaston Hilgert.

DIEDRICH, Marlete Sandra. Os registros da experiência da criança na linguagem: o ato enunciativo da transcrição. In.: *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 25, n. 2, p. 711-737, 2017.

DISCINI, Norma. A noção de texto. In: *A comunicação nos textos*. São Paulo: Contexto, 2007a. p. 13-44.

_____. Tematização e figurativização. In: *A comunicação nos textos*. São Paulo: Contexto, 2007b. p. 269-299.

_____. HQ e poema: diálogo entre textos. In: LOPES, Ivã Carlos; HERNANDES, Nilton. (Orgs.). *Semiótica: objetos e práticas*. São Paulo, 2005. p. 261-283.

FARACO, Carlos Alberto. Norma-padrão brasileira: desembaraçando alguns nós. In: *Linguística da Norma/Marcos Bagno*, [org.]. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012. p. 35-56.

FAUSEL, Erich. *O alemão falado no Rio Grande do Sul e suas transformações: Conferência na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)*. Porto Alegre, 1961. p. 92-112.

FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

_____. Da necessidade de distinção entre texto e discurso. In: *Texto ou discurso?* BRAIT, B.; SOUZA E SILVA, M. C. (Orgs.). São Paulo: Contexto, 2012, p. 145-165.

_____. Pragmática. In: *Introdução à Linguística: princípios de análise*. FIORIN, J. L. (Org.). 4.ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 161- 185.

_____. *As astúcias da Enunciação*. São Paulo: Editora Ática, 2002. 2. ed.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GNERRE, Maurizio. *Linguagem, escrita e poder*. 5. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009. (Coleção Linguagem).

GREGORY, Valdir. Imigração Alemã no Brasil. In: *Cadernos Adenauer XIV*, 2013, edição especial. p. 9-27.

GREIMAS, Algirdas Julien. *Sobre o sentido: ensaios semióticos*. Petrópolis: Vozes, 1975. 295 p.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Dicionário de Semiótica*. Tradução de Alceu Dias Lima, Diana Luz Pessoa de Barros, Eduardo Peñuela Cañizal, Edward Lopes, Ignácio Assis da Silva, Maria José Castagnetti Sembrá e Tiekko Yamaguchi Miyazaki. São Paulo: Editora Cultrix, 1979.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*/Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. Quem precisa da identidade?. In: *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*/Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. 10. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p. 103-133.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Indicadores Sociais Municipais: uma análise dos resultados do universo do Censo Demográfico*. Disponível em: <<http://goo.gl/5Xxc4F>>. Acesso em: 06 set. 2016.

_____. *Estimativas populacionais para os municípios brasileiros em 01.07.2014*. Disponível em: <<https://goo.gl/fP9DKD>>. Acesso em: 15 out. 2016.

KRUG, Marcelo Jacó. *Identidade e comportamento linguístico na percepção da comunidade pluríngue alemão-italiano-português de Imigrante-RS*. Porto Alegre: UFRGS/RS, 2004. 131p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Instituto de Letras, UFRGS. Orientação: Dr. Cléo Vilson Altenhofen.

LEFFA, Vilson J. O ensino de línguas estrangeiras no contexto nacional. In.: *Contexturas*, APLIESP, n. 4, p. 13-24, 1999.

LUCCHESI, Dante. Norma linguística e realidade social. In: *Linguística da Norma*/Marcos Bagno, [org.]. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012. p. 57-83.

NEUMANN, Rosane Márcia. *Uma Alemanha em miniatura: o projeto de imigração e colonização étnico e particular da colonizadora Meyer no noroeste do rio Grande do Sul (1897-1932)*. Porto Alegre: PUC/RS, 2009. 2 v. 632 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, PUCRS. Orientação: Prof. Dr. René Ernaini Gertz. Conteúdo: v.1. Capítulos 1 e 2.

_____. Imigração e identidade étnica: a construção do “ser alemão” no sul do Brasil. In: *História: Debates e tendências* – v. 14, n. 1, jan./jun. 2014, p. 94-107.

PRETTI, Dino. Normas para transcrição. In: *Análise de textos orais*. Dino Pretti (organizador). 4. ed. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1999b. p. 11-12.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. *Metodologia do Trabalho Científico* [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

REVISTA DO CINQUENTENÁRIO: Chapada – A Simpatia do Alto Uruguai. Não-Me-Toque: Gráfica Grapel, 1999, 132p.

SIGNORINI, Inês. Por uma teoria da desregulamentação linguística. In: *Linguística da Norma*/Marcos Bagno, [org.]. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012. p. 85-114.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*/Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. 10. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p. 73-102.

STEFFEN, R.; STEFFEN, I. M. L.; STEFFEN, N. S. *Histórico do município de Chapada*. Passo Fundo: Editora UPF, 1984.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*/Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p. 07-72.

ANEXOS

ANEXO 01

ANEXO 01

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O sujeito teuto-brasileiro e o (des) uso do idioma alemão em Chapada

Pesquisador: GLAUCIA KNOB

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 60724116.2.0000.5342

Instituição Proponente: FUNDACAO UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.817.666

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um projeto de dissertação onde a coleta de dados será feita através de entrevistas emiustruradas com 30 descendentes de imigrantes alemães, isto é, que têm em seu sobrenome, tanto por parte de mãe, quanto por parte de pai, essa marca germânica, além de que tenham nascido no município de Chapada. A quantidade proposta compreende 0,5% dos chapadenses com origem alemã, sendo que no município de 9.735 habitantes, 65% (6.093) são teuto-brasileiros. Considera-se essa a amostragem necessária para se chegar aos objetivos do estudo. Serão convidados 10 descendentes da faixa etária dos 20 aos 40 anos; 10 dos 40 aos 60; e, 10 dos 60 em diante, o que possibilitará a aferição dos resultados esperados a partir das respostas de descendentes de diferentes gerações. As entrevistas serão gravadas.

Objetivo da Pesquisa:

Analisar discursos de sujeitos descendentes de imigrantes alemães a fim de identificar questões de ordem histórica, social e cultural relacionadas à redução do uso do dialeto alemão na oralidade em Chapada.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

A pesquisa não possui riscos aos participantes, uma vez que as pessoas serão convidadas para serem participarem da entrevista e podem recusar

Endereço: BR 285- Km 292 Campus I - Centro Administrativo

Bairro: Divisão de Pesquisa / São José

CEP: 99.052-900

UF: RS

Município: PASSO FUNDO

Telefone: (54)3316-8157

E-mail: cep@upf.br

UNIVERSIDADE DE PASSO
FUNDO/ PRÓ-REITORIA DE
PESQUISA E PÓS-



Continuação do Parecer: 1.817.666

ou desistir a qualquer momento. Além disso, é garantido o anonimato aos participantes.

Benefícios:

Discussão e compreensão dos elementos históricos, culturais e sociais que influenciaram/influenciam no desuso desse idioma alemão, bem como, da história de vida e de identidade dos entrevistados. Além dos benefícios para o entrevistado, a importância da pesquisa no contexto histórico, social e cultural.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Serão realizadas entrevistas com 30 participantes em data e local de interesse dos participantes.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os direitos fundamentais dos participantes foram garantidos no projeto e no TCLE. O protocolo foi instruído e apresentado de maneira completa e adequada. Os compromissos do pesquisador e das instituições estavam presentes. O projeto foi considerado claro em seus aspectos científicos, metodológicos e éticos.

Recomendações:

Após o término da pesquisa, o CEP UPF solicita: a) A devolução dos resultados do estudo aos sujeitos da pesquisa ou a instituição que forneceu os dados; b) Enviar o relatório final da pesquisa, pela plataforma, utilizando a opção, no final da página, "Enviar Notificação" + relatório final.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Diante do exposto, este Comitê, de acordo com as atribuições definidas na Resolução n. 466/12, do Conselho Nacional da Saúde, Ministério da Saúde, Brasil, manifesta-se pela aprovação do projeto de pesquisa na forma como foi proposto.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_P ROJETO_802514.pdf	04/11/2016 21:10:49		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura	Projeto_da_dissertacao_Glaucia_Knob.d oc	04/11/2016 21:09:36	GLAUCIA KNOB	Aceito

Endereço: BR 285- Km 292 Campus I - Centro Administrativo
Bairro: Divisão de Pesquisa / São José **CEP:** 99.052-900
UF: RS **Município:** PASSO FUNDO
Telefone: (54)3316-8157 **E-mail:** cep@upf.br

UNIVERSIDADE DE PASSO
FUNDO/ PRÓ-REITORIA DE
PESQUISA E PÓS-



Continuação do Parecer: 1.817.666

Investigador	Projeto_da_dissertacao_Glaurcia_Knob.doc	04/11/2016 21:09:36	GLAUCIA KNOB	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Tcle2016.doc	29/10/2016 11:34:26	GLAUCIA KNOB	Aceito
Outros	ENTREVISTA_SEMI_ESTRUTURADA.doc	29/10/2016 11:30:21	GLAUCIA KNOB	Aceito
Declaração de Pesquisadores	declaracaoassinada.pdf	01/10/2016 11:31:50	GLAUCIA KNOB	Aceito
Folha de Rosto	folhaderostopreenchida.pdf	01/10/2016 11:27:15	GLAUCIA KNOB	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PASSO FUNDO, 11 de Novembro de 2016

Assinado por:
Felipe Cittolin Abal
(Coordenador)

Endereço: BR 285- Km 292 Campus I - Centro Administrativo
Bairro: Divisão de Pesquisa / São José CEP: 99.052-900
UF: RS Município: PASSO FUNDO
Telefone: (54)3316-8157 E-mail: cep@upf.br

APÊNDICE 01



UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa *O sujeito teuto-brasileiro e o (des) uso do dialeto alemão em Chapada*, de responsabilidade da pesquisadora Gláucia Knob. Essa pesquisa justifica-se pela cultura alemã estar expressivamente presente no município de Chapada-RS. A cultura germânica, influenciada pela vinda dos imigrantes alemães, destaca-se principalmente, pelo uso do idioma alemão. Entretanto, esse hábito de comunicação através do alemão está mais restrito à comunidade de pessoas a partir dos 40 anos, ou ainda mais intensamente à comunidade idosa. As gerações seguintes parecem não mais utilizar o alemão para a comunicação, sendo perceptível nas ruas, nas escolas, nos eventos, etc. Ao levar em conta a língua como manifestação de identidade – mas também de poder –, serão investigados e analisados discursos de sujeitos descendentes de imigrantes alemães, com vistas a verificar como e por que se deu o desuso do idioma alemão em Chapada.

A sua participação na pesquisa será através de uma entrevista/conversa que será gravada, num encontro em local a ser definido, conforme sua preferência, em (dia/mês/ano), às (horas:minutos), com duração aproximada de trinta (30) minutos a uma (1) hora, conforme a sua disponibilidade. As perguntas e seus relatos estarão relacionados à cultura alemã e como ela está e esteve presente em sua vida, principalmente em relação ao idioma. Caso você não se sentir confortável para responder as perguntas, para relatar sobre o assunto, você tem a liberdade de se abster da resposta e do comentário. As suas informações serão gravadas em áudio e posteriormente à realização do trabalho serão destruídas. Os dados relacionados à sua identificação não serão divulgados. Ao participar da pesquisa, você estará contribuindo para as investigações referentes à cultura alemã no município de Chapada, bem como, à pesquisa da mestrandia Gláucia Knob, que embasa a dissertação do Mestrado em Letras, do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade de Passo Fundo, dentro da linha de pesquisa de Constituição e Interpretação do Texto e do Discurso, sob orientação da professora doutora Luciana Maria Crestani. Os resultados da pesquisa serão divulgados na análise da dissertação em questão, mas você terá a garantia do sigilo e da confidencialidade dos dados. Você terá a garantia de receber esclarecimentos sobre qualquer dúvida relacionada a pesquisa e poderá ter acesso aos seus dados em qualquer etapa do estudo. Além de que sua participação nessa pesquisa não é obrigatória e você pode desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento. Você não terá qualquer despesa para participar da presente pesquisa e não receberá pagamento pela sua participação no estudo.

DÚVIDAS: Caso você tenha dúvidas sobre o comportamento dos pesquisadores ou sobre as mudanças ocorridas na pesquisa que não constam no TCLE, e caso se considere prejudicado (a) na sua dignidade e autonomia, você pode entrar em contato com o (a) pesquisador (a) Gláucia Knob (054 99944 4427), ou com o Programa de Pós-Graduação em Letras, ou também pode consultar o Comitê de Ética em Pesquisa da UPF, pelo telefone (54) 3316-8157, no horário das 08h às 12h e das 13h30min às 17h30min, de segunda a sexta-feira. Dessa forma, se você concorda em participar da pesquisa como consta nas explicações e orientações acima, coloque seu nome no local indicado abaixo. Desde já, agradecemos a sua

colaboração e solicitamos a sua assinatura de autorização neste termo, que será também assinado pelo pesquisador responsável em duas vias, sendo que uma ficará com você e outra com o (a) pesquisador (a).

Chapada, ____ de _____ de _____.

Nome do (a) participante:

Assinatura:

Nome do (a) pesquisador (a): Gláucia Knob

Assinatura:

APÊNDICE 02

MODELO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA COM POSSIBILIDADE DE RESPOSTAS ABERTAS

PÚBLICO ALVO: 20 a 40 anos

1. Quantos anos você tem?
2. Você fala ou compreende alemão?

*Este público alvo terá questionamentos em dois direcionamentos, isto é, caso eles disserem que falam alemão, serão conduzidos com a proposta a seguir:

1. Conte-me um pouco sobre como que aprendeu o alemão, com quem, como é o uso desse idioma na sua família e na sua comunidade.

*Caso eles disserem que não usam e/ou não sabem, a entrevista seguirá com a seguinte reflexão:

1. Conte-me um pouco sobre o uso do alemão por parte da tua comunidade e da tua família (avós/pais falavam/falam/tentaram lhes ensinar). Também gostaria de saber se vocês aprenderam outra língua na família, na comunidade ou na escola.

PÚBLICO ALVO: 40 a 60 anos

1. Quantos anos você tem?
2. Você fala ou compreende alemão?
3. Conte-me um pouco como que aprendeu o alemão, com quem, como que é o uso na tua família, como foi na tua infância, na comunidade, no comércio, na escola.

* Caso os entrevistados não comentem nada imediatamente, serão interrogados posteriormente sobre a existência de algum tipo de preconceito pelo fato de usar o alemão, seja na família, na escola, seja no comércio, na comunidade.

PÚBLICO ALVO: 60 anos em diante

1. Quantos anos você tem?
2. Você fala alemão?
3. Conte-me um pouco sobre como que aprendeu o alemão, com quem, como que é o uso na tua família, como foi na tua infância, no comércio, na escola, com os filhos e os netos.

APÊNDICE 03

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM SUJEITO 1DO63

1DO63: sabe que há muitos anos atrás... veio... a... não sei se... deve ser do governo federal... uma lei que poderia... ao invés de outra língua estrangeira o alemão nos municípios.. daí foi feita uma pesquisa em Chapada com os alunos... mas é que daí teve influência de professoras que como os filhos iam estudar adiante deram a entender que o alemão não era muito importante... eu fiquei muito triste...

GK: e vamos pegar aqui na nossa realidade... até o próprio italiano também...

1DO63: SIM... porque convenhamos... não importa qual é a língua... ninguém sai falando qualquer língua do primeiro e segundo grau... o alemão seria só pra ter uma... uma intimidade com a língua né?

GK: e os alunos têm um pouco em casa... quanto mais usar, melhor...

1DO63: SIM...

GK: então primeiro profe D... quantos anos você tem?

1DO63: sessenta e três...

GK: sessenta e três... fala ou compreende o alemão?

1DO63: sim...

GK: bem? mais ou menos?

1DO63: BEM... tudo exatamente não... porque às vezes quando eu ouço filmes e coloco a opção em língua alemã né? daí às vezes eu tenho dificuldade... porque dá a impressão de que estão falando muito rápido... daí para conectar tudo... mas muita coisa eu entendo... a linguagem... só que ultimamente a gente não tá mais falando porque quase não tem mais ninguém né?

GK: tem poucas pessoas...

1DO63: tem poucas pessoas...

GK: e a própria mistura do português e o alemão...

1DO63: SIM... a gente não... a palavra que tu não lembra em língua alemã... tu pega o português e faz de conta que é alemão... bem assim...

GK: queria que tu me contasse um pouco sobre como que foi essa questão do alemão na tua família, com quem aprendeu o alemão, como que é o uso na tua família, como foi na tua infância, no comércio, na escola...

1DO63: é que na verdade a gente aprendeu a falar só alemão em casa... aí quando a gente ia no jardim da infância e depois na escola que a gente tomou conhecimento da língua... tu tá gravando?

GK: sim...

1DO63: tá... a gente tomou conhecimento da língua... do português... também pelas amizades que a gente tinha... e as pessoas aqui que não entendiam o alemão... e a gente brincava e se comunicava e a minha MÃE com uma vizinha que não entendia ela se comunicava não sei como e se entendiam... nenhuma sabendo falar a língua da outra... era muito interessante isso... mas enfim... a gente aprendeu a falar o português na escola... com certeza...

GK: e os professores não usavam o alemão?

1DO63: não... nenhum... na minha época não... não mais... porque já eram as irmãs né? as freiras do colégio São José... mas... a... não se falava... a gente se falava entre os colegas... mas assim as profes nunca... não lembro de

ter ouvido uma falar em português... em alemão... era só português... e a minha maior dificuldade... hoje eu dou risada quando eu lembro... a minha dúvida era qual que era o caderno que era de linguagens e qual que era de matemática... até que eu descobri... mas assim eu sempre fui bem na escola... não tive dificuldade... a gente aprendeu logo... fui alfabetizada naqueles métodos bem antigos mas mesmo assim a gente aprendeu... mas eu não tive assim dificuldade em aprender...

GK: a tua filha não sabe nada?

IDO63: não... ela tem... quando minha mãe vivia daí parecia que a gente não podia falar alemão que ela não ia entendê... ela entendia um pouco... agora ela entende praticamente nada... já foi pra Alemanha... fizeram curso de inglês... não sei quanto tempo pra sabê falá... chegavam lá daí descobriam que não sabiam praticamente nada né? ainda bem que tinha amigas morando lá... mas... a... também porque ela não tem com quem falar né? isso é uma pena... mas eu vejo que tem jovens ainda que falam... tu conhece a P que trabalha no B? ((referência a uma funcionária de um supermercado do município))

GK: sim... conheço...

IDO63: ela fala e entende... muito bem por sinal...

GK: parece que as pessoas que são do interior ainda conseguiram manter isso mais...

IDO63: é... acho que sim... pela necessidade... morava com os avós de repente... que não falavam português... inclusive... às vezes... a gente falava alemão para que os filhos não entendessem... alguma coisa que não podiam ouvir...

GK: e tu tinha comentado por telefone dos teus pais... cada um falava um dialeto diferente?

IDO63: a... sim... VERDADE... isso era uma coisa muito interessante... minha mãe falava o alemão do... porque os descendentes da... da minha mãe... que são os Rockembach... os ascendentes... eles vieram de uma região da Alemanha e o meu pai... os ancestrais dele vieram da região que hoje é a Áustria... então eles falavam diferente... e continuavam falando diferente e nós aprendemos as duas maneiras... mas como a maneira do pai era mais fácil de falar então a gente falou mais como era linguagem que o pai falava... como se dizia aqui... minha mãe falava mais o *hovtóit* ((*hochdeutsch* ou conhecido como o alto alemão, que é a variante oficial do alemão usado nas escolas, mídias, empresas, etc))... porque eu acho que as pessoas tem uma ideia errada... porque falar certo não tem um certo... depende de onde você vem né? porque eu lembro que eu fiz um curso uma vez com um professor de língua alemã lá em Cerro Largo daí ele disse em alemão que em casa também eles falavam bem diferente... ele queria dizer que era uma linguagem mais coloquial... né? não era tão requintada... mas... lá em Condor... não tem nada a ver com Chapada... mas vou comentar... quando vou na minha irmã jogar bingo... todas aquelas pessoas falam o alemão como a minha mãe falava... eu nunca ouvi lá como falam o alemão aqui... o *platóitch* ((*plattdeutsch* considerado como o baixo alemão e que é falado ao norte da Alemanha e no leste dos Países Baixos, inclusive semelhante ao inglês))... mas lá não se houve isso... nem em Panambi... aqui tem muitas palavras meio aportuguesadas... palavras que nem existem no alemão... no dicionário não se acha...

GK: tu lê bastante em alemão?

IDO63: eu lia bastante quando o pai e a mãe tinham o *Paulusblatt* ((revista católica de língua alemã))... que o pai e a mãe... viviam... mas... a... eu às vezes leio... é bem interessante... só que o meu dicionário é alemão português daí tem que primeiro procurar a palavra em alemão para depois saber a tradução... é interessante... é um dicionário bem antigo... eu acho muito importante... tu sabe Gláucia?

GK: sim... eu entendo... ler pouco...

1DO63: que bom... eu acho uma pena aquela vez que eles não queriam o alemão... daí ia ser o quinto ano em diante... quinta série... mas daí foi feito... crianças que nunca iam fazer uma faculdade... que tinham vivência do alemão... foram convencidas a votar em não... no inglês... mas é uma pena... a... e tinha um padre que rezava uma missa em alemão... uma vez por mês... eu ia sempre... porque daí eu... a... e eu aprendi a ler com as cartas que a minha mãe ganhava das minhas tias... daí ela deixava eu ler... a... no coral eu também ajudei a cantar em alemão... uma pena... poucas pessoas sabem falar... e eu não tenho muitas na minha convivência... daí a gente perde a prática... falta essa vivência... o único jeito de aprender é ter ali todo dia...

GK: sim... mas era isso profe... também quero que tu me indique pessoas da tua família para que eu possa entrevistar e dar sequência ao trabalho...

((segue com as indicações dos nomes))

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM SUJEITO 1ES61

GK: tua idade?

1ES61: meia um... ((sessenta e um))

GK: meia um? tu fala o alemão? o dialeto?

1ES61: o dialeto assim... BEM... não... não MUITO BEM... me enrolo no clássico... né? aí eu não sei... mas no dialeto eu me defendo bem...

GK: queria que tu me contasse um pouco sobre como que aprendeu o alemão... como que é o uso na tua família... como foi na tua infância...

1ES61: a gente falava só alemão... eu aprendi a falar em português quando eu tinha... uns quatro... cinco anos já... no início foi só o dialeto alemão... né? assim... até interessante que tem histórias que a gente não sabia nem traduzir... né? pro português... mesmo quando eu iniciei... a estudar... naquela época a gente começava... não tinha... maternal... né? nem pré... nem jardim de infância... a gente começava direto... naquela época... no primeiro ano... mesmo assim... quando eu ingressei... eu falava português... mas tinha algumas palavras que eu não sabia... né? então foi assim... a gente aprendeu DIRETO NA FAMÍLIA...

GK: só falavam alemão?

1ES61: só falavam alemão...

GK: e na escola? vocês tinham algum professor que falava o alemão ou nada?

1ES61: não... não... nada... não cheguei a ter isso... não... nada disso...

GK: vocês tinham outra língua estrangeira ou também não tinha?

1ES61: NÃO... nada disso... tudo em português...

GK: e os colegas falavam alemão? ou também não?

1ES61: TINHA uns que falavam um pouco na hora do RECREIO ou antes de começar... assim... mas... falava... falava sim... mas daí já tinha outros colegas que eram italianos... de origem italiana... né? enfim... mas... a gente falava muito alemão nas famílias... nos encontros... ia jogar bola com a gurizada... nos poTREIROS... como era antigamente... né? FALAVA ALEMÃO... né? o dialeto...

GK: e com as tuas filhas? como foi depois? usavam o alemão às vezes?

IES61: para elas não entenderem ((risos))... a... elas sabem apenas algumas palavras... mas não se interessam muito em saber também... o dialeto... no caso... não têm muito interesse... não... mas algumas palavras elas sabem...

GK: e tu acha que isso um pouco por questão de preconceito? ou só desinteresse mesmo?

IES61: olha... eu acho assim um tanto porque É BREGA... né? diria... pagar mico... né? naquela época... eu não sei hoje... mas até HOJE elas não têm muito interesse nisso... né? talvez se fosse pagar um professor... daí sim... né? mas assim em casa... não... não... não têm muito interesse não...

GK: e o comércio também na época? que tu lembra?

IES61: SIM... meu pai tinha comércio... meu pai... minha mãe... era... SÓ com algumas pessoas que não entendiam o alemão... um ou outro vizinho lá... os clientes... mas os demais era tudo em alemão... tem até uma história... interessante da minha mãe... ela foi emitir uma nota fiscal pra uns guris que compraram uma bola de futebol... eles eram da Linha GÓES ((localidade do interior de Chapada))... e daí... o clube deles não tinha nome naquela época... e naquela época tinha de colocar o nome na nota fiscal... era um hábito... né? daí a minha mãe foi emitir a nota... daí... a... então vamos dar o nome de Goiceiros... era no Góes... só que ela trocou o ge pelo ce ((troca de letra do G pelo C))... né? ficou coiceiros... ((risos)) sem querer... né? sim... porque os alemães trocam... então... era bastante em alemão na época... nesse sentido sim...

((segue com a indicação das pessoas da família para entrevistar))

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM SUJEITO IIR68

((não houve oportunidade inicial de pergunta, pois como o entrevistado já estava por dentro da temática da entrevista, ao encontra-lo, já iniciou falando o que pensava/sabia))

IIR68: meus antecedentes vieram organizados ao Brasil... com ajuda do governo do Brasil na época... do império... inclusive eles ficaram um tempo no Rio de Janeiro... porque meu tataravô morreu na vinda... então minha tataravó trabalhou de empregada doméstica em Petrópolis... em torno de mil oitocentos e trinta eles vieram ao Rio Grande do Sul... as primeiras levadas eram grupos mais organizados... tanto que eles vinham com um padre ou pastor... isso no começo... DEPOIS... já eram maltrapilhos... eles vieram em veleiro... meio à deriva... esses grupos mais organizados vinham com um padre... se eram mais evangélicos... um pastor... E um professor... eles vinham organizados... então com isso se criava... então... por exemplo... a minha mãe... a vó dela... já era a terceira geração... ela nunca TEve aula em português... sempre aula em alemão... razão porque ela sabia falar algumas paLavras () já em função de... de... de nós falou... mas a nossa fala em casa era toda ela em alemão ((alemão))... por causa dela... inclusive a I ((esposa do entrevistado IR)) aprendeu um pouquinho... um pouco de alemão por causa dela... tanto que quando nós levava pro médico sempre era um problema... o médico falava pra nós... nós falava pra ela... ela falava pra nós... nós falava pro médico... a mãe era uma dificuldade... () por isso que se... criou essa... ficou... ficou... mais tempo essa tradição...

GK: justamente por esses grupos mais fechados...

IIR68: mas basicamente por isso... eles vieram de forma... principalmente as primeiras levadas... eles vieram em número maior e vieram organizado... então conseguiam constituir comunidades... e... onde... o centro na verdade era a igreja... o culto e a própria educação... inclusive... eles tinham assim uma preocupação também... vamos dizer assim... isso é uma característica... isso ali... eles tinham um canto coral ou então um teatro... CLARO... em

condições precárias... mas a minha mãe participava de um coral... e quem é que dirigia isso? professor... PAGO pelos pais... pago pelos pais... pela comuniDADE... e esse professor inclusive NO caso quando a minha mãe foi na escola... já não era mais aquele professor que tinha vindo JUNTO... é ÓBVIO... né? eram professores que vieram depois e que eram contratadas... pela... pela comuniDADE... a exemplo... por exemplo aqui em Chapada... do... mas isso já foi bem depois... que ele participou da primeira guerra mundial... o A HOFFER... pai do J Hoffer... ele veio pra cá... ele casou... eles casaram ali no Brasil... então lá nas Colônia Velha... não sei bem certo... em São Vendelino por lá... e ele veio aqui para Chapada... a convite... a... na época... acho que do Padre Grunwald para ser professor... ele era professor...

GK: E depois também teve o Ott... que foi professor...

IIR68: sim... isso aí...

GK: e na tua infância, I? Vocês falavam tudo em alemão?

IIR68: tudo em alemon ((alemão))... eu fui alfabetizado no português na escola...

GK: a... sim... na escola daí era em português?

IIR68: NÃO... nós sim... nós era... tanto meus irmon ((irmão))... todos... a escola foi... em português... né? mas em casa era só alemão que nós falava...

GK: e na escola os professores usavam o alemão ou não... já tinha outra língua?

IIR68: como tu diz?

GK: se vocês conversavam em alemão entre os colegas... com os professores...

IIR68: isso sim... mas havia na verdade assim... ó... claro que esse... essa LIGAÇÃO... esse fio... ele acabou sendo... precipitado... de se perdê... mais em função da guerra... porque em quarenta e três ((43))... quando o Brasil entrô... na guerrA... contra a AlemANHA... é... o alemão ficou proibido... proibido e perseguido... então teve vários casos... por exemplo aqui... de pessoas inclusive... daqui que perseguiam... eu sei que um dia... foi um dos que... o meu avô... ele era um defensor ferrenho de Hitler... apaixonado... ele era... na verdade... nós temos de entender o seguinte... a Alemanha ela tava... vamo chamá assim... de joelho diante do mundo em funçon ((função)) da primeira guerra mundial... e o alemão sempre teve isso muito assim... aquela história do bairrismo... se sê alguém melhor... né? e por isso que a Alemanha tem esse crescimento econômico... porque eles têm isso como obsessão... o trabalho... a organização... por isso que cresce... o americano é assim... o americano é rico porque ele é ORGANIZADO... mas ele é orgulhoso... o alemão também... no fundo... no fundo... tem muito orgulho... bom... eles feriram a alma deles... de repente surge um porra loca... um Bolsonaro da vida... que simplesmente manda o mundo à merda e non ((não)) paga nada... e simplesmente começou a... isso fanatizou... principalmente os jovens... as pessoas com menos de trinta anos se apaixonaram por ele... só que o vô não teve maiores consequências... perseguição... porque na verdade... o vô tinha uma coisa assim... ele criou... conseguiu criar um núcleo familiar... então quando eles vieram para Chapada botou um moinho... botou uma atafona e botou uma olaria... então toda a família trabalhava em torno disso... se alguém atacava estava todo mundo junto... não era bem assim... se um cara se bobeasse... nós recebia a tiro mesmo... quando a mãe ia nas loja... tinha uma mulher que ficava caminhando de lá e para cá para ficar cuidando para ver se alguém falava alemon ((alemão))... a mãe ficava quieta... ela assim como outras pessoas não sabiam falar o português... a coisa era assim... por isso ficou resguardado... teve quem foi levado preso... possivelmente porque não tinha esse núcleo familiar mais forte... mas era isso, GK...

GK: e com teus filhos? tu ensinou o alemão?

IIR68: eles também aprenderam alguma coisinha... pergunta para o R ((filho mais velho que estava na sala ao lado na hora da entrevista)) ((risos))... ele ainda sabe alguma coisa... por causa da vó...

GK: convivía mais com ela?

IIR68: a vó na verdade morou com nós... até falecer... então... né? era isso...

GK: e os netos? nada?

IIR68: é... na verdade assim... é de admirar até que isso perdurou tanto tempo... querer levar isso apenas pela tradiçõn ((tradição)) familiar para frente... isso não existe mais... a não ser que tenha aula em alemon ((alemão))... isso sim deveria ser feita uma busca... mas o que eu quero dizer é que como houve a perseguição... então começou a se retrair isso... as pessoas que tinham um mínimo de condições pra aprender o português... o mínimo possível... eles forçaram isso para aprender... a mãe acho que não aprendeu em parte até por... por que... por... até por teimosia... aqui Chapada teve uma característica interessante na colonização... só que essa cultura se preservou por uma medida que o colonizador da época... um Kasper... pai do falecido... ali embaixo... perto da escola... que morava... ele era o braço da colonização... ele fez uma coisa interessante... de cara já descobria se era... alemão... ou não... se ele era evangélico... procurava levar para o lado da Santana... se era católico... era levado para a região de vocês... de Modelo... de Tesouras... SANTANA se formou um núcleo evangélico por causa disso... se era italiano levava para o lado da Weste... Linha São Paulo... a razão porque que... na verdade foi bom porque preservou algumas tradições... por outro lado não permitiu a mistura de raças... entre prós e contras... acho que ele ainda tava certo... se manteu ((manteve)) a religiosidade... e outra... eu nunca ia ao clube ou na bodega... no final do dia... o pai sempre esperava com um chimarrão para conversar... e nessas conversas a gente descobria coisas...

GK: I... eu também queria que o senhor indicasse mais duas pessoas da tua família para que eu entrevistasse... que idade o senhor tem?

IIR68: sessenta e oito...

((segue com a indicação dos nomes para entrevista))

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM SUJEITO 1JH83

GK: quantos anos que o senhor tem?

1JH83: eu tenho oitenta e três anos...

GK: oitenta e três anos...

1JH83: nasci em vinte e nove de julho de trinta e quatro... nascido em ChaPADA...

GK: nascido em Chapada... muito bem... e o senhor fala alemão? compreende?

1JH83: falo... leio... escrevo... escrevo... mas com erros de ortografia... então... a escrita não é boa... mas... falá e... a leitura é importante... olha... eu tenho até um livro sobre a Alemanha aqui... MUITO completo...

GK: nossa... que interessante...

1JH83: completo... completo... completo... posso até... a... não... mas ele não serve para a questão da imigração alemã... tem nada a vê... é só sobre a Alemanha agora...

GK: a... sim... e como é que foi na tua família essa questão do alemão? do dialeto? da língua? no tempo de escola e...

IJH83: sabe que meu pai é estrangeiro... era um homem... é... como vou te dizer... nós era H Von Blasenberger ((referência ao sobrenome da família))... mas o Von Blasenberger depois caiu fora... e... nós era uma família de posses... mas quando estorô a guerra mundial... NÃO ESSA DO HITLER... ANTES... aquela do kaiser Wihelm ((título equivalente a imperador na época. Refere-se ao kaiser Wihelm II - Guilherme II -, o último imperador alemão e Rei da Prússia, que estava à frente da Alemanha durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1818)))... em mil novecentos e catorze o meu pai já estava no primeiro ano da faculdade... mas era um homem atlético... forte... então foi convocado... e teve que ir pra GUerra... foi pra ele muito difícil... a FAMÍLIA... era uma família de posses... eles emprestaram um milhão de marcos para esforço de guerra... e quatro filhos foram para o *front*... dois morreram... e dois feridos... o meu pai também ferido... né? mas conseguiu carregar ele pra trás... tava se esvaziando em sangue... uma granada... tirou uma parte do braço... mas sobreviveu... mas meu pai não gostava de falar da guerra... dificilmente... ele me disse um dia... meu filho... sempre fale contra a guerra... guerra é a pior best... a maior besteira que existe...

GK: imagina... ele sentiu na pele...

IJH83: as pessoas se matando... e nós vamos para a guerra com a benção do... do... do pároco... até do bispo... lutá por Deus... pela pátria... e pela família... e POSSIVELMENTE nossos adversários ingleses principalmente... os franceses... naquela época... também forma lá com o mesmo idealismo... então nós se matando por falta da diplomacia que não funciona... né? ele sempre dizia que o soldado alemão é o melhor do mundo... mas a diplomacia alemã é das piores do mundo... né? então não conseguimos evitar as guerras... mas eles sofreram muito... mas... uma irmã morta em casa... perderam tudo... todos os bens praticamente... aí... e lá tinha ainda a tradição... a propriedade existia... claro... mas tinha a tradição que o mais velho sempre ficava com a propriedade para não se dividí... e os outros... eles eram entre oito... mas dois mortos... eles eram entre seis... três... era uma irmã morta... cinco... para não se dividir entre cinco... o mais velho... o meu pai não era o mais velho... então ficaram com a propriedade... e esses outros recebiam um valor só simbólico... então depois da guerra perdida a Alemanha cheia de fome... miséria... né? que os aliados... principalmente os ingleses... bloquearam todos os mares... não vinha mais alimento... não vinha o necessário que precisava pra vivê... então tinha desemprego... fome... miséria... então entre sete rapazes daquela cidadezinha... meu pai era do SUL da Alemanha... uma cidade pequena... pegaram um trem foram para Gênova na Itália... eles ainda tinham dinheiro pra pagá passagem... LÁ ajudaram a carregá um navio CARGUEIRO que vinha pro Brasil... o navio chamava rei Vitória... me lembro disso... ele contava... né? veio até Santos... Santos desembarcaram do navio grande... começaram... ajudaram a carregar um navio () costeiro no Brasil com banana pra Porto Alegri... aí ele veio em Porto Alegri... desembarco... LÁ JÁ TINHA UM CONHECIDO... sobrenome Mentz... tinha vindo há muitos anos antes... e arrumou um lugar ali no Instituto Champanhá ((Champagnat))... dos marista... ficô dois anos lá... aprendeu o português ()... era homem de grande conhecimento... ele tinha feito técnico agrícola... depois foi para a faculdade... NO PRIMEIRO ANO DA FACULDADE FOI convocado pra guerra... aí ele aprendeu e faltavam professores no interior de São Leopoldo... um lugar chamado Picada Café... lá ele foi e... contratado como professor... depois mais uma... uma... () tinha duas escolas... trabalhô LÁ... e LÁ... tinha um senhor Steffen... que era o J Steffen... avô do V ((pessoa bem conhecida e prestigiada no município))... ele conhecia o trabalho do meu pai... () Chapada iniciô em mil novecentos e dezesseis em Tesouras... as terras eram de um tal de Martins... foram vendidas... uma parte que era grandes fazendas que existiam naquela época já... é de origem portuguesa... principais... famílias Martins... Sampaio... e Amado... esses eram os principais... a Martins

vendeu... trezentos lotes para pequenos agricultores... uma parte era... quase tudo era mata nativa... né? aí começô... eu tenho os nomes das pessoas mas isso não te interessa né?

GK: imagina... pode falar...

((falas rápidas do filho que chega em casa))

IJH83: então era um começo muito difícil... isso foi em dezesseis... em dezoito... foi vendida uma grande gleba... daí eram dois uruguaios... irmãos Garcia... venderam quatrocentos lotes aqui tudo mata virgem né? era Linha Modelo até o Góis né? até o Rio da Várzea... na região da Chapada () divisa... mas começou NA LINHA MODELO... LÁ na Linha Modelo começou os... os... esqueci os nomes... ((folheia papéis/documentos))... bom... na Modelo era... eram os...

GK: bastante nomes né? desses que...

IJH83: Back... Weber... e muitos outros né? isso foi em dezoito... em mil novecentos e vinte e dois foi vendido mais uma parte aqui de Chapada propriamente dita... foi iniciada a vila com oito quadras na época mais umas chácaras ao redor... então foi colonizada aqui... começaram a entrar os primeiros imigrantes onde tá inclusive os Knob... os Steffen... os... é... a... eu sou muito ruim de memória...

GK: é que também... são tantos nomes... né?

IJH83: Schreiner... May... Kunrath... Appelt... Fucks... Koop... é... Knob... ((revira mais alguns materiais em busca de sobrenomes alemães)) deixa eu ver aqui... Chapada...

GK: então tua família veio nessa época também?

IJH83: não... depois eu falo... os Mattjie... os Ott... né? ((segue folheando))... a... os Kasper... Nicolau Kasper foi o vendedor dessas áreas... mas então... essas famílias assim que começô isso em vinte e dois... falar... voltando ao Steffen... o J Steffen então veio pra... ele conheceu o meu pai... a atuação dele como professor... aí ele veio aqui em vinte e quatro com o J Steffen... veio pra Chapada... e ele conhecia a atuação do meu pai como professor ((vários barulhos ambientes interferem na concentração do entrevistado, como o filho falando ao telefone, a esposa preparando o almoço na cozinha))... aqui não ficava professor... eram itinerantes... eram uns picareta... então ele disse... eu conheço um professor... Hoffer... nós temo de trazê-lo para Chapada... aí ele foi pegô trem... naquela época se desembarcava em Pinheiro Marcado né? ia de carrocinha ou de cavalo até Pinheiro... pegou trem e foi até o interior de São Leopoldo... Picada Café... e convidô meu pai... o pai talvez fosse um pouquinho... a... ansioso por... por novidades... sei lá como é que eu vou dizer... pouco aventureiro sabe? senão não teria vindo ao Brasil e ele veio aqui pra olhá... gostô... nesse ínterim... isso foi em vinte e sete... aí já tinha casado meu pai com a minha mãe... lá da Picada Café... pessoa simples que não conhecia nem São Leopoldo naquela época... que era só à cavalo naquela época... e aí meu pai falou... olha... tu vai junto comigo? claro... onde tu vai eu vô... aí pegaram... venderam umas coisinhas que tinha... ficaram com um baú... colocaram no trem em São Leopoldo e desembarcaram em Pinheiro Marcado... aí de carrocinha o Steffen já tinha... naquele tempo era carta... não tinha outro meio de comunicação... escrito o dia que viriam... foi de carrocinha pegô... trouxe eles pra cá... isso em mil novecentos e vinte e oito... no início de vinte e oito... tinha dezoito casas em Chapada... aí fizeram... ele ficou na casa de J ... muita solidariedade humana tinha naquela época... ficou na casa do J Steffen três semanas... eles construíram uma casinha... serraram... não sei se tu conhece... se fazia um estaleiro alto... botava uma tora lá em cima... aí ia um com uma... um lá em cima... puxava a serra... e dois puxavam pra serra... assim serraram as tábuas e fizeram a casinha pra meu pai... professor... começou professor com sessenta e três alunos... já tinha... e claro... lecionava alemão... e... em... foi crescendo e chegou a ter noventa e um alunos... um professor só... no

decorrer do tempo... mas aí ele se deu muito bem... muito bem quisto... elogiado naquela época... além da escola ele ainda fazia o canto as rezas... tinha uma só capelinha...

GK: e tudo em alemão isso?

IJH83: como?

GK: tudo em alemão?

IJH83: tudo em alemão sim... mas MAIS tarde... ele teve uma atuação... mas meu pai era culto... em... bom... eu pulo... depois tu coordena isso... direitinho... ele... isso foi em vinte e oito que ele começou... em trinta e quatro... em mil novecentos e trinta e quatro... ele fez concurso em Palmeira... Palmeira abrangia aqui... de Ibirubá até Iraí... era tudo Palmeira... entre cento e dois professores ele tirou o primeiro lugar... aí ele era professor municipal... agora eu vou... tinha muita coisa antes... em trinta e nove... quando estourou a segunda guerra mundial... como ele era estrangeiro ele foi sumariamente demitido... sem receber um centavo... né? tá... mas o... em Chapada então vieram muitas famílias... aos poucos foi crescendo... MUITA dificuldade... não tinha NADA... em mil novecentos e dezesseis... na... na Linha Modelo... eles se ajudavam mutuamente bastante... os primeiros quando vieram para Chapada em... quatro anos depois não tinham onde... foram... não tinham nada... eles iam lá na Linha Modelo fazer pão... naqueles forno deles lá... se ajudavam barbariDADE... eles enfrentaram muita dificuldade... e aquelas revoluções ainda... onde havia assaltos... tiravam o gado... até um foi morto em Tesouras porque defendeu a honra da mulher e da filha... porque na verdade não eram grandes idealistas esses ()... eram mais bandidos do que idealistas... mas é um capítulo à parte... a... naquela época quando começaram... imagina... começar sem nada no mato... as plantações eram devoradas pelos gafanhotos... que havia em tal quantidade que escurecia o sol... nuvens de gafanhoto... simplesmente devoravam tudo... em dois ou três dias limpavam a planta... então era um começo MUITO difícil... mas aos poucos a coisa foi crescendo... melhorando... chegaram a ter uns anos depois alguns comerciantes... depois já vieram em... nos anos trinta... quarenta aliás... já havia uns caminhõezinhos pequenos... claro que levava quatro horas para ir a Carazinho... ou Pinheiro Mercado... mas iam a Pinheiro Mercado na estação do trem... que era mais perto que Carazinho... Pinheiro Mercado na época era importante... rivalizava com Carazinho... inclusive os pinheiros ou... Steffen... uma serraria eles tinham... serravam muita madeira... essa foi a exportação mais importante no começo... () e... naquela época quase só se falava alemão praticamente... setenta por cento dos imigrantes... esses primeiros... eram alemães... depois vieram alguns italianos e tinha parte do caboclo... no Boi Preto... a... eu falei das colonizações... a venda de terras... tinha umas terras chamadas devolutas... que eram do estado... Boi Preto em direção à Palmeira... isso mais tarde o governo deu títulos de propriedades pra esses aí... certos direitos... () depois gradativamente começou a melhorar... meu pai professor... regente do canto... a parte cultural também já existia... em trinta e quatro já tinha... eu não sei se eu tenho a foto aqui... um grupo de teatro espetacular... fazia sucesso... não sei se tá aqui junto... aqui ó... como já tinha cultura... em mil novecentos e trinta e quatro... ((começa a mostrar fotos do seu acervo))... mas em trinta e quatro quando ele fez o concurso em Palmeira ele começou a lecionar em português também... português e alemão...

GK: a... sim... ele já sabia o português... tinha feito em Porto Alegre...

IJH83: sim... ele tinha feito no Instituto Champanhá ((Champagnat)) em Porto Alegre... minha mãe não... minha mãe nunca aprendeu... bom... da vida particular isso não cabe nada... o... tu tem que perguntá... eu esqueci muita coisa... o que te interessa basicamente...

GK: essa questão de Chapada e o alemão? como que tu aprendeu o alemão... como foi na tua infância... na escola...

IJH83: quando eu fui para a escola já era tudo português... em mil novecentos e trinta e nove o meu pai perdeu o direito de ensinar... logo em seguida vieram as irmãs da congregação de Nossa Senhora e assumiram as escolas... MAS EU APRENDI antes de ir para a escola... com cinco anos eu comecei a lê primeiro e depois a escrever alemão... antes de eu í para a escola eu sabia... português eu aprendi na aula... e o meu pai já tinha me ensinado alguma coisa... aula era aqui onde é o pavilhão agora... devo ter fotos da antiga igreja com a escola do lado... lá onde estudei os primeiros cinco anos... modéstia a parte... naquele tempo era de lugar... nos cinco anos tirei o primeiro lugar... depois eu fiz uma escola noturna... mas não era oficial... era extraoficial... e aprendi muito com meu pai... eu li muito... tempos difíceis... mas os pioneiros também se divertiam... tinham as festas de *kerb*... tu deve saber como elas eram...

GK: sim...

IJH83: primeiro de manhã tinha missa e depois eles iam pro salão... depois três dias de baile... as famílias... os conhecidos se reuniam... se visitavam mutuamente... aí mais tarde já começou o futebol... ((interrupção da esposa do entrevistado para alguns questionamentos diversos))... chegou um tempo em que não podíamos mais estud...ós bens do meu pai foram bloqueados... o meu pai era o seguinte... ele veio sem nada... mas um pouco ele ia recebê da herança... ele comprou um lote de terra na Linha Borges... São João... e um em Porto Novo... e tinha chácara... () quando eu tinha quinze anos e o meu irmão dezessete e nós não podia mais estudá... a... meu pai teve os bens todos bloqueados... ele não podia comprá nem vendê nada... nada... então... depois de estudá... fazê o ginásial... era pra í em Passo Fundo... estudá no Conceição... não tinha dinheiro pra pagá... aí meu pai disse... nunca me esqueço... the Guri *wird*... tu entende alemão?

GK: sim...

IJH83: *the Guri wird sehr frech... wir wandra to* Linha Borges... ((o guri é muito maroto/impertinente... nós vamos voltar para Linha Borges))... vamo lá... vamo... vamo... aí eu trabalhei na verdade oito a nove anos na colônia... braçal... aquela época se formou uma cooperativa forte... me chamaram porque eu sabia escrever na máquina... eu era um dos POUCO LETRADO na época... precisavam de um empregado... () e mais... naquela época levava um mês para se comunicar... era por carta... ali pelos anos trinta a quarenta... a coisa foi crescendo... começaram alguns comerciantes... ()

GK: as pessoas de Chapada nem imaginam como era antes...

IJH83: não mesmo... as festas... tinha até briga do pessoal de Chapada com Tesouras... daí começavam as brigas... pessoal saía pela porta e janela afora... mas isso acabou... depois chegaram um delegado de Palmeira chamado Lima... ele veio com mais três... quatro... com cassetete deram uma tunda de laço nos briguento... isso era início de cinquenta... () uma vez até arrumei uma namoradinha... namoradinha modo de dizer... mas era evangélica... i... não pode... imagina uma namorada evangélica... meus pais não permitiam... tinha que pagá para entrar na pista... para dançar... para entrar na festa não precisava... daí eles deixavam uma fitinha... ou as gurias dançavam entre si... daí a gente ia lá apartá... mas elas também podiam dá carrão... ou tinha o baile de damas onde elas convidavam a gente para dançá... tinha uma vez por ano... se pagava uma gasosa para a moça... daí já era algo mais sério... a gente ia de caminhão... em cima da carroceria para os baile... ((fica pensando e fazendo cálculos sobre os anos passados))... ()... ((a esposa do entrevistado junta-se à conversa e fala sobre doenças da

época, principalmente o tifo)... aos poucos vieram os profissionais... ((relata sobre os meios de transporte da época))... ()...

GK: e como é a questão do alemão com teus filhos?

IJH83: não... infelizmente... infelizmente... em trinta e nove quando estourou a guerra foi tudo proibido... MEU PAI FOI lá onde hoje é o Barzotto... ali na frente tinha uma árvore... tinha um brasileiro chamado C... ele tava vendendo uma máquina para o velho S... o S não sabia português... e o outro não sabia alemão... o meu pai interpretou o negócio... aí veio um policial e prenderam o homem... meu pai tava do lado... () levaram ele preso pra Palmeira... mas aí a elite de Chapada foi junto a Palmeira e voltaram com meu pai... eles tinham uma certa influência... isso era uma perseguição maluca... bah... eu me lembro... até não sei como se chama em português aqueles negócios... tipo uns bordados na parede... eles arrancaram... tinha dizeres como Deus proteja essa casa... o livro de reza da minha mãe... arrancavam as folhas e jogavam... era uma loucura essa perseguição às de origem alemã... isso muita gente não sabe e não conta... o que o F ((por questões de identidade e reconhecimento omito-se o nome)) fez... ou tu não sabe? faqueou um S ((uso de sobrenome alemão de uma família chapadense))... porque falou em ()... ele tinha um bar ali... onde hoje é a S ((estabelecimento comercial atual))... ali eles falaram alemão e correu a faca no abdômen do... arrancavam os bigode com alicate de quem falava alemão... ()... e olha só... Chapada foi distrito de Tesouras... daí no tempo da guerra não chamava mais Tesouras... era Cairé... tudo que lembrava alguma coisa das imigração dos alemães eles tiravam... não só aqui... em todo Rio Grande... em todo sul do país... a perseguição foi terrível... foi no tempo da ditadura Vargas... ()... ali sim que judiavam... barbaridade... do K prenderam e arrancaram o bigode à alicate... ()... os italianos também... sofreram... mas não foi tanto... em Chapada entraram na década de trinta... foi até quarenta e seis... a minha mãe recebeu uma carta que os pais estavam à beira de morte e queriam vê-la... meu pai nem podia aparecer... pegamos um ônibus e fomos... até Picada Café... eu tinha de falar... a mãe nem falava português... isso até um ao depois de terminar a guerra... os bens do meu pai só liberaram em mil novecentos e cinquenta e um... a perseguição era braba... mas meu pai era corajoso... se eu lembro daquilo... aquilo foi ruim pra gente... depois sabe como terminou a perseguição? em quarenta e cinco... veio um oficial do exército brasileiro... ()... meu pai foi convocado... meu pai era esperto... disse que era alemão... que defendia a sua pátria... não era nazista... mas era alemão... falou uma hora... daí o oficial chamou os piores e disse... parem de perseguir esse homem... ele não é nocivo... ele tem todo o direito de ser patriota ((entrevistado emocionado))... era uma miséria... ele não gostava de falar da guerra... ((esposa do entrevistado vem para participar da conversa e o assunto segue rumos de viagens feitas pelo casal, fotos... após interrogatório apenas sobre indicações de entrevistados)).

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM SUJEITO 1NS62

GK: senhor N... quantos anos você tem?

1NS62: SESSenta e dois...

GK: sessenta e dois... e fala aleMÃO?

1NS62: ((faz uma pausa reflexiva e inicia a fala em tom de dúvida)) a... bem não... mas entendo TUDO...

GK: entende tudo?

1NS62: tudo... tudo...

GK: sim...

INS62: algumas palavras... outras não... depois que... que tu tiver alinhado as coisa... daí vai... mas mesmo assim... falar eu falo... acho que falo bem... até quando vem os agricultores aqui que eu sei que é ALEMÃO ((o entrevistado possui um escritório que presta assistência aos agricultores))... eu já recebo eles falando em alemão... né? e daí eles continuam no papo... né? algumas palavras entram... que eu tenho que procurar... né? aí entra o português no meio... mas SENÃO tranquilo o alemão... tranquilo...

GK: e na tua família anos atrás como era essa questão do uso do alemão? vocês falAVAM? eles te ensinaram?

INS62: a minha mãe... quando ela foi morar lá no São João ((localidade do interior do município de Chapada)) que ela casou com o meu pai... ela não sabia nem pedir água em brasileiro... né? ela viveu aqui na cidade... meu pai não... meu pai quando... no tempo de solteiro durante uns quatro ou cinco anos... ele morou lá... que ele tava construindo serralheria lá... daí lá... caboclo... né? ou essa expressão... o bugre... né? o índio né? era caboclo... né? aí o pai aprendeu a falar lá mesmo em português... mas os primeiros anos dentro da própria casa quando a mãe CASOU... só era só alemão... né?

GK: sim... e quando tu começou a estudar? ((entrevistado interrompe com a continuação de um fato))

INS62: os meus irmãos mais velhos... então... esses dá para dizer... dentro da casa... predominava o alemão... agora... lá fora... depois no trabalho... a maior parte era em brasileiro ou português porque eram... eram assim brasileiros... que se dizia... não se entendia alemão ((fazendo referência aos locais onde os irmãos foram trabalhar))... mas... a... dentro da casa predominava o alemão... eu vim pra Chapada... sou de 54... eu vim estudar aqui em Chapada em 65... bom... daí praticamente o alemão terminou... né? era só... aqui.. aqui no colégio... mas quando a gente ia para casa... aí predominava o alemão... né?

GK: e na escola nenhum professor usava... nem... ensinou nada?

INS62: não... tanto é que naquela época depois já em 69 quando eu fui estudar no colégio agrícola em Palmeira das Missões... daí até às vez nós questionava... que... não vamo botar um número alto... mas... mais da metade eram de origem alemão... né? daí nós tinha no currículo escolar inglês... né? a gente fica pensando... o que que eu aprendi do inglês? mas nem um bom dia eu não sei... agora se alguém tivesse dado continuidade ao alemão porque era o que a gente já sabia de repente poderia saber bem... porque ler ler eu não sei... nem escrever nada... quem sabe ler em alemão é o... a... meus quatros irmãos mais velhos de cima... o A que tá com oitenta e cinco... oitenta... a... setenta e cinco... minha outra irmã setenta e sete... do G para cima... os outros pra baixo falam... mas falam e entendem mas... lê não... ((explicando sobre o conhecimento do alemão por parte dos irmãos))

GK: e em relação aos teus filhos... ((N interrompe))

INS62: olha... até a gente é um baita relaxado... né? porque pensar que nem o F ((filho do meio))... né? agora em casa né? ele fez cursinho em inglês em Passo Fundo... acho que uns dois ou três anos... né? e ele fala o inglês quase ton bem como fala em português... fala muito bem... né? E daí alemão na época quando eles eram criança... eles... entender até que eles entendem se tu for perguntar alguma coisa para eles... até entendem... o pior é falar... falar... só não digo besteira... mas exatamente aquilo que eles sempre dizem... aquilo que nós sabemos falar alemão é aquilo que o pai e a mãe não queriam que nós escutassem ((fala como se fosse o filho falando))... daí... aqueles palavrões... ou se a gente queria falar uma coisinha que não queria que eles escutassem a gente falava em alemão... então eles brincam... até acho que eles não são tão ruim em entender... mas.. a... falar... praticamente nada... a não ser o F e a P ((filha mais nova)) que tinha uma vez um curso aqui em Chapada que o Padre W deu... né? A P e o F rezam o Pai Nosso... a Ave Maria... perfeito perfeito em alemão né? E até quando eles vêm de vez em quando para cá... a gente até... reza mais vezes durante... as... a... a refeição... as

refeições... até para eles praticar... né? daí até às vez eu brinco com a P... e o F... o F... ((fala como se fosse o filho)) pai... se alguém me perguntar eu falo três língua... falo o brasileiro falo... o inglês bem... e falo o alemão... daí se alguém diz assim... tá então me prova... né? daí eu vou rezar a Ave Maria... essa sim eu sei...

GK: e tu acha que os jovens estão mesmo deixando de falar o alemão por causa dessa questão da família?

INS62: problema é que... um grande grupo que... eu tenho sessenta e dois... né? já tenho filho casado... daí tu pega um outro grupo de quarenta anos por exemplo... o D ((filho mais velho)) tá com trinta e dois... trinta e três eu acho... trinta e quatro por aí... esses de trinta... esses jovens... de trinta aos quarenta... eles aprenderam pouco a falar alemão... né? daí como que eles von ensinar os outros... né? os filhos deles... né? () a J ((nora do entrevistado)) alguma coisa sabe () Já o D... pouca chance... porque saiu cedo de casa... quando ele era piazote saiu de casa... então... daí também não aprendeu muito... e agora pergunta... aqui na nossa Chapada... Carazinho... Passo Fundo... tem cursos assim como tem de inglês? tem cursos em alemão?

GK: alemão acho que tem em Passo Fundo e em Carazinho tem... mas é MAIS caro do que o curso de inglês...

INS62: então são situações... né?

GK: eu uma época tentei aprender o alemão...

INS62: mas o teu pai e a tua mãe falam bem o alemão?

GK: sim... eles falam bem...

INS62: então... o D e o F também... se tu for falar... entendem bem... se tu for perguntar para eles algumas coisas mais CASEIRAS... eu acho que eles dizem tudo...

GK: e ainda tem coisas que a gente fala que é alemão... mas que na verdade a gente já transformou...

INS62: exato... eu sei que uma vez veio um casal... quando tinha aqui em Chapada... a... ali embaixo no ginásio ((referência ao Ginásio Municipal 03 de junho, onde acontecem os eventos da Chapadafest))... veio um grupo folclórico da Alemanha... daí a mãe hospedou um casal... aí ele queria sair conhecer o interior... a mãe e o pai falam bem... a mãe lê melhor em alemão do que... lia... mas o pai e a mãe liam melhor em alemão do que... em português... daí veio aquele casal alemão... queríamos... fomos mostrar... o interior... né? daí eu saí levá eles né? e foi indo... foi indo... quando chegou no fim da tarde aquele casal de alemão disseram... olha... se nós ficar mais dois dias aqui eu estaria falando bem o alemão... porque frouxou daí... né?

GK: sim... porque na verdade tá no cérebro... só tem que praticar...

INS62: é... faltou praticar... ((mudando de assunto)) tu também tem o nosso livrinho? ((fazendo menção ao livro do histórico do município de Chapada))

GK: sim... é a partir dele que estou chegando nos nomes dos descendentes para as entrevistas... falando nisso... quem tu poderia indicar da tua família... de outras duas gerações mais novas... de 20 aos 40... e dos 40 aos 60... o D já poderia ser então dos 20 aos 40... teria de indicar alguém dos 40 aos 60...

INS62: alguém da minha família? ((o entrevistado cita vários nomes e após isso, encerra-se a entrevista))

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM SUJEITO 2ER55

GK: primeiro... quanto anos você tem?

2ER55: eu cinquenta e cinco...

GK: cinquenta e cinco... fala ou compreende o alemão?

2ER55: falo e compreendo... mal...

GK: mal?

2ER55: mas falo...

GK: mas fala e compreende... e como foi na tua infância, na tua família essa questão do uso do alemão?

2ER55: sempre alemão... entrei na escola falando... sabendo falar só o alemão... ((chega um irmão mais velho da entrevista que aqui será identificado como GR)) dizia pra mãe... mãe como vocês tiveram coragem de fazer isso com a gente?

GK: por que? tu achou ruim?

2ER55: MAS IMAGINA? LARGAR UMA CRIANÇA... FALANDO SÓ ALEMÃO...

GK: e na escola? nenhum professor usava? nada?

2ER55: NÃO SEI... DEVIAM USAR... PORQUE IMAGINA... ÓBVIO...

GR: nós tinha cinco anos... nós aprendemos a falar português por causa de uns turco que vieram morá na casa da mãe...

2ER55: do lado?

GR: SIM... o turquinho ()

2ER55: () sim... e tinha o italiano também... aquele que a gente adoRAva...

GR: Pegoraro...

2ER55: Pegoraro... é... aquela casa ainda existe?

GR: aham...

2ER55: tu tá gravando?

GK: sim... tu me autorizou... né? daí to...

2ER55: então vamo lá... o que mais?

GK: eu só queria que tu me contasse um pouco como foi essa questão na tua infância, na comunidade, no comércio, na escola... e tua filha? sabe nada?

2ER55: a... nós crescemos... a minha filha sabe nada... nosso irmão mais novo não fala... não fala... quem fala é a minha irmã... eu... o G arranha...

GR: eu não falo... mais eu entendo...

2ER55: é... mas eu falo... que nem quando eu vô na clínica do pai... esses dias até me surpreendi de mim mesma... falando com aquela senhora de Não-Me-Toque...

GR: coisa que preocupa... eu to me lembrando mais o alemão agora do que há dez anos atrás...

2ER55: e eu me saí super bem também... também fiquei surpresa...

GK: porque pelo que a gente vê... os novos não sabem mais nada...

2ER55: NÃO... então assim... a gente morava na granja... na lavoura... e a mãe em oito... nove anos... ela teve cinco filhos... né? com certeza ela deve estar no céu só por esse fato... e só falava alemão... e aí... eu até vim estudá porque a minha irmã tava sozinha daí ela tinha medo e tal... né? e daí o pai e a mãe decidiram botá eu também e nós morávamos na casa da vó... que era ali na Linha Diogo... e vínhamos de a PÉ... hoje em dia pegam na porta de casa... entregam na porta de casa... e ainda acham ruim...

GR: naquele tempo também não era bom...

2ER55: não... feliz... feLIZ era nós indo para a aula... nossa senhora... para mim era o paraíso...

GR: a vó morreu sem saber falar o português...

2ER55: mas ela sabia falar... não falava de teimosa...

GK: e na escola vocês tinham o inglês já ou?

2ER55: capaz... não... o inglês eu tive em Passo Fundo quando fui estudar no Notre Dame... no ensino médio... que nós saímos daqui de TANTo brigá com o pai que nós não queríamos fazer o segundo grau aqui... na época segundo GRAU...

GR: porque era só magistério...

2ER55: é... e aí a A ((outra irmã)) rodou meio que de propósito... e aí nós duas fomos juntas a Passo Fundo e fomos internas no Notre Dame... e aí na nossa adolescência a gente tinha até verGOnha... NOSSA... hoje em dia é um orgulho quem sabe falar... nem que seja mal... né?

GR: o sotaque... né?

GK: tinha preconceito?

2ER55: TINHA... a... esses alemão... e não sei o que...

GR: a gente se preocupava que ficava com sotaque de alemão...

2ER55: é... nós... eu aprendi a falar o erre ((letra R)) graças a uma irmã que no colégio naQUEla época... HOJE eu vejo jovens aqui em Chapada que eu fico ABISMADA... falando coRendo... teRa... Rápido... ((reforça a pronúncia da letra R)) e não é só de origem alemã... essa irmã gravou... fazia nós falarmos areia... arara... teRRA... sabe? e daí nós tínhamos que nos ouví... eu nunca mais esqueci na vida... né? claro que de vez em quando você dava uma arranhada mas assim por... né? mas eu sabia o que era o certo... e daí eu e a minha filha em dois mil e onze... ela morou em Portugal... eu fui pra lá e nós fizemos uma voltinha lá e fomos pra Berlim e daí ela disse pra mim... bom... agora mãe... agora... tu assume... né? FAla e tal... EU... NÃO... ENTENDIA... ABSOLUTAMENTE... NA... DA... ((fala pausadamente e com ênfase)) do que eles falavam... NADA... eles também... eles me entendiam... mas deviam se matá rindo... né? porque eu me imaginava falando o alemão lá... tipo... sem preconceito... mas aquele lá do fundo... do fundo... do fundo... do nordeste... que mal e mal... não sabe nem se comunicar... nem em português... não sabe... aí um cara... um taxista lá em Lisboa disse um dia... a... nós entendemos muito bem o pessoal do sul... mas quem é do nordeste é difícil pra nós entender... daí eu disse... o senhor não se preocupe... nem nós não entendemos...

GR: e dentro da Alemanha que dá dez por cento do tamanho do Brasil... lá tem alemão que não se entende... é completamente diferente...

GK: sim... o dialeto do sul é diferente do dialeto do norte...

2ER55: SIM...

GR: aqui a gente já sabia... quando vem os amigos do seu J aqueles... tu entende NADA... agora quando vem aquele pessoal que tá com o L Rockembach... metade eu entendia...

GK: é verdade... eu também percebi isso já...

2ER55: eu cheguei lá... dizia assim... F ((referência à filha))... não entendo NADA... ela não conseguia imaginá isso... eu disse... eu acho que é porque é muito próximo da Rússia... ali da... era... nossa senhora...

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM SUJEITO 2CH45

GK: quantos anos você tem?

2CH45: quarenta e cinco...

GK: quarenta e cinco... fala ou compreende alemão?

2CH45: sim... compreendo... o problema é falá... porque entender eu entendo... bastante... eu disse... se eu tivesse ficado mais uma semana duas na Alemanha eu ia conseguir falar... porque...

GK: era bem parecido com o daqui então?

2CH45: aham... a gente vai na verdade associando as coisas né? e depende também da região... onde minha cunhada eles... assim... a gente entende melhor do que lá do sul... e que nem o inglês... eu tenho assim um receio sabe? de falá... um medo de errá...

GK: e no alemão tu não tem esse medo?

2CH45: ME... TAMBÉM... NOS DOIS... nas duas línguas...

GK: como que foi assim na tua família, como que aprendeu o alemão... com quem... como foi na tua infância... na comunidade... no comércio... na escola...

2CH45: na escola eu nunca tive assim um CONTATO com o alemão... a... mas o que eu sei hoje é porque a minha vó né? enquanto vivia conversava muito em alemão com a minha mãe... com as minhas tias... então a gente sempre estava ali no meio... então o que eu sei hoje é pelo fato de ela falar... delas falarem né? aí também depois quando ela faleceu daí a gente não tinha mais... né? contato... um pouco ainda a minha mãe e a minha tia ainda que conversavam mas daí também depois não... cessou...

GK: teus filhos também... não sabem nada?

2CH45: não... nada... o alemão nada... eu até fiz umas aulas de alemão com o padre W quando ele teve... ele deu um curso não sei quanto tempo... acho que meio ano que eu fiz... e também foi interessante... né? um pouquinho também eu consegui alguma coisa captar ali... mas eu acho assim que a gente na verdade pela falta né assim de... de conversá... né... de tê essa... esse dia a dia... vai esquecendo né? e assim... que nem eu coloquei essa questão de tu... se tu tá num meio onde só se fala tu aprende tu automaticamente vai conseguindo captá... interpretá... né? e... depois quando a gente volta... tu precisa de um tempo de novo para... é bem interessante... mas assim... acho muito bonita a língua alemã... assim... e gostaria assim... que nossos filhos fizessem... e a gente vê... como a gente viajou... assim... a importância... o inglês... claro... em primeiro lugar... mas o alemão também ali na região... na Holanda né? assim o pessoal fala muito...

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM SUJEITO 2ESS47

GK: quantos anos tu tem?

2ESS48: quarenta e oito...

GK: quarenta e oito?

2ESS48: quarenta e sete...

GK: quarenta e sete... tu fala ou compreende o alemão?

2ESS48: sim... eu entendo todo ele... só que... eu falava bastante quando... a minha mãe ainda era viva... daí a gente falava... que nem eu e ela... basicamente tudo em alemão... aprendi o alemão na infância... daí hoje já dificulta um pouco... porque hoje tu... que nem aqui em casa... com o L e com o B... com os filhos... e com a S... já não entendem... a gente praticamente já não fala... mas vamos dizer assim... entender eu entendo TUDO... só no falar... às vezes... eu me atrapalho um pouco... porque daí... vamos dizer... tu acaba praticando menos e... aí já dificulta um pouco... mas entender... eu entendo todo ele... falo... só que as vez eu me enrolo um pouco... depende a frase... mas vamos dizer assim... na infância... quanto mais novo... melhor eu falava... em casa... com a

mãe... a gente falava praticamente só em alemão... né? então tu não pratica isso... tu vai perdendo... né? e... no entender... eu me defendo tranquilamente... com quem tu conversar isso... sem problema e falo também... só às vezes tu se enrola um pouco...

GK: sim... e na tua infância, quando tu ia para a escola usava o alemão ou... ((sendo interrompida))

ESS: na escola não... não...

GK: nem os colegas... ninguém?

2ESS48: não... muito pouco isso... não... mais era em casa... mais foi com a minha mãe... meu pai eu já perdi quando tinha 12 anos... então vamos dizer até ali... também praticava... mas principalmente com a minha mãe... eu e ela falávamos sempre tudo em alemão... então ali que eu mais aprendi e praticava... né?

GK: e os teus filhos?

2ESS48: não...

GK: nem interesse?

2ESS48: não falam... não entendem... o B o interesse dele mais é pelo inglês... alguma coisa é parecida até... daí associa... né? mas... não... não fala... nem entende... nenhum dos dois também...

GK: e tu acha que essa questão de não falar mais mesmo era por não ter com quem falar? ou tu acha que às vezes era um pouco e preconceito também? alguma coisa?

2ESS48: não... isso não... acho que não... acho que muito depende eu acho de incentivo... assim se incentivaria mais... que aqui vamos dizer... aqui... quanto escola... como... só se fala inglês... curso de inglês... tá... e o alemão praticamente não existe... se tivesse incentivaria... acho que é um pouco por aí também... né?

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM SUJEITO 2IC42

GK: qual tua idade?

2IC42: quarenta e dois... sobre teu trabalho... MEUS DEUS... POR QUE EU VOU UM DIA? Não pensava que um dia eu ia precisar do alemão ou do italiano para trabalhar numa loja... num banco... sabe num comércio? dePOIS quando fui ficando mocinha e coisa... dezesseis... dezessete anos... daí começou... aí porque tu precisa aprender uma língua... né? eu pensei... meu deus que oportunidade? eu tive duas oportunidades e não aprendi nenhuma na verdade...

GK: nem o italiano... nem o alemão...

2IC42: tipo... eu sei... eu entendo... bastante assim... sabe? tanto o alemão quanto o italiano... mas falar mesmo BEM pouquinho... só o básico assim da coisa...

GK: os teus pais falavam alguma coisa em casa? ou...

2IC42: o meu pai falava em it... ((interrompeu a palavra, mas se referia ao italiano)) só que minha mãe era alemoa e o meu pai italiano... o meu pai FALAVA COM A MINHA NONA... com o nono... com eles... O ITALIANO... só que daí quando chegava em casa não falava porque a mãe não entendia... e a mãe a mesma coisa... né? falava o alemão com o vô, com os irmãos... e... mas... com o pai... o pai NÃO ENTENDIA NADA... daí o pai dizia: mas essa alemoada... e a mãe: mas esses gringos... entende? daí era... gerava aquela coisa... daí nós pequeno pensava... bom... o que é melhor... o que é pior... melhor É PORTUGUÊS... né? nós sabendo falar português chega...

GK: mais prático... né?

2IC42: é... mais prático... na verdade a gente nem sabe nem português corretamente... que é a nossa língua... é difícil... né? sabe... mas... é... que... nossa senhora... eu vejo tanta gente com esses facebook aí... tu vê tanto... eu não sou muito boa também em português... só que a gente vê tanta gente falando... escrevendo errado... profeSSORAS... da escola... daí... manda umas coisas... GENTE... umas coisas assim muito... porque eu acho que o professor é o mínimo... não interessa se de português... de geografia... ou educação física... ou de matemática... ele TEM QUE SABER O PORTUGUÊS... ele vai escrever no quadro... ele vai formar uma criança... né? e daí não SABE... entende? eu fico apavorADA às vezes... fico pensando... minha nossa... daí tem umas assim quando são bem íntima... eu digo... MAS BAH... a tua... está escrito ERRADO...

GK: tu fala?

2IC42: AH... EU FALO... to nem aí... ((risos))

GK: mas assim... o alemão... do alemão tu fala nada?

2IC42: pouquinho... muito pouco... *bisschen* ((expressão alemã para “pouquinho”))

GK: e por exemplo... quando tu ia à escola... nunca usaram o alemão? nada? como é que era a questão na escola?

2IC42: no colégio que eu estudei... sempre em Chapada... né? nunca me lembro de alguém ter falado... ah.. ai... sabe... DEPOIS claro... dezesseis... quinze anos... por aí... aí começaram... ai... que nem vocês que têm oportunidade de ter duas línguas e coisa... depois seria bom... se vocês aprendessem... só que daí sabe... a escola... não era muito... né? e daí na cateQUESE... uma que falava muito para nós que eu me lembro era a Irmã Z... a Irmã Z dizia... TEM QUE APRENDER A FALAR O ALEMÃO... O ALEMÃO QUEM É ALEMÃO E O ITALIANO QUEM É ITALIANO... porque UMA HORA vocês vão TRABALHAR NUMA LOJA... NUM BANCO... DE SECRETARIA... ou fora... vocês vão saber falar com as pessoas... a Irmã Z falava isso... a única pessoa que eu me lembro que dizia alguma coisa nesse sentido... a Irmã Z... e o padre... porque algumas vezes a gente tinha que ir lá na igreja fazer trabalho e ele comentava também essas coisas... esse tipo de coisas... de resto... A MÃE comentava... né? claro... os familiares em casa... ()

GK: e vocês tinham o inglês já? ou não tinham o inglês na época?

2IC42: a gente tinha inglês... era o mister... F... mas era um inglês... né? daquele jeito... não tinha muito...

GK: até o N ((referência a um dos entrevistados da geração dos 60 em diante, familiar deste entrevistado)) comentou... ele disse que tinha um curso... acho que o padre W deu... que a P tinha feito... mas que não pratica... e acaba não...

2IC42: é... acaba não...

GK: não sabendo...

2IC42: é que nem a... a... P... a galera deles ALI... já tinha o ingLÊS que era muito forte... né? eles tinham mais... eu acho... eles tinham mais influência na época... na época da P do que na minha... na minha... sei lá... olha... naquele ano... era DIFERENTE... e o tio N... eles... antigamente... acho que eles eram meio obrigado a falar... o ALEMÃO... o italiano... o latim... aprender a falar... as língua... né? na minha época não lembro de muito...

GK: e nem colegas tu tinha que falavam?

2IC42: tinha uns Kohlrausch ((uso de um sobrenome alemão para referenciar uma determinada família)) do interior que falavam... eu lembro que falavam... a J Kunrath... a R... elas falavam... daí como elas eram minhas amigas também... que elas falavam em casa com as mães e entendiam e falavam alguma coisa... aí eu comecei... mas bah... minhas amigas tão falando... NÃO É FEIO falar alemão, né? se elas tão...

GK: e tinha preconceito?

2IC42: i... meu... TINHA... as vezes dizia... e aí? alles gut? ((tudo bem?))... sabe? me bobeando... né? tentava... eu me lembro que eu era amiga da filha do doutor LV... a PV... que eles eram alemão... () mas não eram alemoada igual de Chapada na época que falavam... a... aquela alemoada de Chapada... sabe? e daí... a L... filha do C... elas davam risada... ah... O QUE TU QUER... I? ficar se BOBEANDO com esses alemão? o que parece isso? sabe? bem... tinha um pouco de preconceito... por isso que a gente não...

GK: por isso que não falavam muitas vezes...

2IC42: e se falam... muitas vezes... mais bobagem... mas eu falar... tipo assim... nossa... nem perto de fluentemente... falo... até nem sei falar... mas eu acho que não falo corretamente...

GK: claro... aqui usamos o dialeto... não seria o alemão mesmo da Alemanha...

2IC42: que nem a minha vó C... ela sempre leu muito em alemão... até hoje... quer dizer... agora não porque ela faleceu... mas até pouco tempo quando ela tava lúcida ainda... ela tava bem... ela sempre teve a revista alemã... ela sempre leu... sabe? daí a gente chegava lá... às vezes ela dizia... então você não sabe falar em alemão? muito bom... então eu vou te mostrar um negócio... daí ela mostrava aqueles... uma revista em alemão... e ela queria que a gente lesse...

GK: era a *Paulusblatt*? ((Revista de língua alemã mais longeava da história. Tem ligação com a igreja católica)).

2IC42: isso... é... aquela ali... ela fazia assinatura...então daí eu... daí eu dizia... então tá... vó... deixa que eu vou ler... daí eu começava a ler aquela... dava risada as vezes... tu lê bonito... mas tu lê erado... porque claro... as palavras não saíam como... da maneira certa... correta... pensava... eu vou enganar a vó... vou ler de qualquer jeito... bem ligeirinho... e coisa... mas só que não era... porque a gente não tinha... aquela... a vó quando veio da Colônia Velha... lá pra baixo... ela veio pra... São João... pra Chapada... primeiro pra São João... ela veio pra São João... ali só tinha mais BRASILEIRO... então ela disse que ela conviveu... ela conta que era... era... moreno da palma da mão branca... MORENOS DA PALMA DA MÃO BRANCA... daí ultimamente ela falava assim... senão antigamente ela dizia os preto... né? que eles também eram preconceituoso... o alemão tinha preconceito contra o preto e o preto contra o alemão... como hoje em dia ainda existe... né? daí ela disse que ela sofreu muito... a vó sempre conta... contava... né? que ela tinha sofrido muito para falar português porque ela falava só alemão... né? e onde ela morava nas colônia velha... muita gente se comunicava só em alemão... daí aqui ela se obrigou a aprender o português... ela aprendeu um pouco do português por causa dos vizinhos ali... no São João... os brasileiros... os Rosa que tinham ali... né? só que ela disse que tinha muita gente que ria da cara dela... né? daí tinha outros... outras vizinhanças que eram mais gente boa... que nem a vó fala... que eram... que daí disseram que... não... senhora C... a senhora vai devagar... devagar a senhora vai entender o português... assim como nós vamos aprender o seu alemão... a senhora vai aprender o português como nós vamos entender o seu alemão... daí diz que tinha um funcionário do vô na serraria antigamente... que ele se interessava no alemão... que ele queria aprender o alemão com a vó... e daí diz que ele aprendeu o alemão fluentemente... assim fluentemente da maneira como ela ensinou... porque ele tinha interesse em aprender a falar alemão... e ele era preto...

GK: e tu vê que interessante... ele querer aprender o alemão e ensinar o português... e tudo na fala... né?

2IC42: só conversando... no costume diário... que nem se a gente... se eu tivesse pais... que nem tu que tem dos dois lados... né?

GK: aham...

2IC42: alemão... acho que é mais... acho que talvez seja mais fácil... mas daí eles têm que conversar em casa... tem que ter aquele diálogo... senão...

GK: tu acha que foi ali que tu... ((entrevistado interrompe))

2IC42: olha... eu acho que foi... eu acho que antigamente tinha muito preconceito... sei lá... acho que as pessoas pensavam... eram meio alienadas... sabe? pensavam... a... a gente mora no Brasil e tem que saber português e pronto... não tinha isso de tem que saber falar em alemão ou falar o italiano... a gente tá morando aqui... a gente tem que tê a conversa daqui... eu para mim deve ser alguma coisa nesse sentido... porque... né? porque eles deixaram morrer na verdade... tu vê a minha época já... na minha época... época do N... da mãe... deles ali... beleza... os filhos tinham que aprender a falar o alemão... tinham que saber... porque não tinham outra opção... né? porque a mãe diz que o vô e a vó falavam tudo e... ela diz que não lembra deles falando em português assim... porque lá em casa era só falar em alemão... () era para fazer tudo e eles entendiam... né? só que a mãe diz que nunca estuDOU... sabe? que nem o alemão... nunca estudou... só aprendeu no dia a dia... nós em casa tinha que ser...

GK: e tu teria vontade de aprender ou...

2IC42: eu às vezes eu penso... se tivesse um curso em alemão eu ia querê fazer... porque é bom... né? IMAGINA? é outra língua... gente... eu me arrependo hoje... eu fico pensando... meu deus... como a gente é bobinha... né? a gente se deixa levar pelos amigos muitas vezes... pelo que os outros pensam... sabe? deixar de aprender a falar duas línguas... porque... aí... por... que os outros vão dizer... porque tua colega tá rindo... tá... né? vergonha... umas coisas bem... é que nem... tipo assim... ó... eu morava no interior também... é que nem o interior... eu me lembro quando eu vim morar para a cidade... nossa... eu era uma colona... entende? GENTE... eu acho que mudou... é que hoje o interior não é mais O interior... o interior hoje é mais... as pessoas querem... as da cidade querem ir para o interior... a qualidade de vida é bem diferente... e hoje no interior tem acesso a tudo... que nem eu se tivesse que voltar a morar em Chapada... estou duas noites aqui... eu não consegui dormir... porque aqui é barulho... sabe? de tarde tu quer deitar um pouquinho... hoje de tarde até pensei... vou deitar um pouquinho... daí eu fiz almoço... o L ((marido da entrevistada)) foi ajeitar as coisas dele... vou deitar um pouco... capaz que dorme... é gente passando na rua... é barulheira... lá na granja tu ouve os passarinhos só... ((muda de assunto repentinamente)) olha só... acho que hoje em dia deve ter... né? as guria lá do interior... deve ter... né? mas na minha época... nossa... gente... daí eu lembro que depois a gente veio morar pra a cidade... eu vinha no colégio... do interior... depois eu vim morar pra a cidade... daí... AH... AGORA TU NÃO É MUITO COLONA MAIS... agora tu é meio da cidade... daí a L... porque a L era... incomodava tipo bicho... eu era amiga dela... mas nós vivia brigando... ela dizia assim... ah... mas quem é da colônia... não sai da colônia... tipo assim... sabe? eu disse assim... que engraçado... né? o teu pai era do BOI PRETO ((distrito do município de Chapada próximo a São João, que foi anteriormente citado))... você NASCEU no Boi Preto e daí DEPOIS você veio morar pra a cidade... então tu também é colona... as gurias diziam... é verdade... ELA também é colona... sabe? e daí... até parece que o vestuário da gente era diferente... me lembro que a minha madrinha me dava umas pulseira... umas coisas assim que... que era bonitinho... eu achava LINDO aquilo... daí eu vim no colégio primeiro dia com umas pulseirinhas que a minha tia tinha dado... me... olha lá... olha nossa colega... sabe? é bullying... não sei se elas nunca tinham visto ou tavam com inVEJA ou era colonial mesmo... aos olhos dela... né? mas eu me achava o máximo com aquelas pulseirinhas... na época a gente não chamava bullying... mas hoje seria...

GK: e por isso que muitas pessoas deixaram de falar o alemão... o preconceito... as piadas...

2IC42: os alemon... ((forçando a pronúncia)) né? aquelas caras da internet...

GK: é... a brincadeira com o sotaque...

2IC42: sim... isso...

((conversa segue outros assuntos))

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM SUJEITO 2VH53

GK: quantos anos o senhor tem?

2VH53: cinquenta e três...

GK: cinquenta e três... fala ou compreende o alemão?

2VH53: FALO...

GK: fala? compreende tudo? cem por cento?

2VH53: é... não bem gramatical... mais ou menos... QUASE gramatical... mas falo bem...

GK: fala bem?

2VH53: sim...

GK: como foi na tua família o aprendizado, como é o uso, na tua infância, na comunidade, no comércio, na escola?

2VH53: quando eu era criança falava TUDO em alemão... falava pouco português... né? daí quando entrei no colégio... por causa da dificuldade... muita dificuldade no colégio... sabe? troca letras... sabe? daí... e os meus avós só falavam o alemão e... eu se falasse o português não eles... não que xingavam mas eles... aí... fui esquecendo o alemão... esquecendo... fui esquecendo... claro... A GENTE NÃO ESQUECE... fica na memória... quando tu reativa começa a voltar um pouco... mas depois na época da faculdade eu fiz o alemão... mas eu fiz... dois anos de Goethe ((Instituto Goethe, que está localizado em Porto Alegre e que é um instituto cultural de âmbito internacional da República Federal da Alemanha)) que eu acho... sabe? daí... daí... só aprimorei mais o alemão... mas ele basicamente tá na memória... né? quando tu começa teu vocabulário volta... tu não sabe a gramática... o vocabulário tu tem... mas a pronúncia que é o mais difícil tu tem... porque... engraçado... quando eu tava na Alemanha... ano passado eu acho... o meu alemão eu falo sem sotaque... sabe por que? quando tu vê um alemão falando português tu nota bem... mas o alemão diz que eu não tenho sotaque... porque a gente tem... que o sotaque é feio... às vez tu tem aquela pronúncia... sabe? claro... TU FALA ERRADO... mas sem sotaque... entende? muita gente fala errado porque tu não sabe bem o... e na verdade nós falamos no dialeto... um dialeto da Alemanha... *Hunsrueckisch*... mas ele é muito parecido com o alemão... o nosso é dali da... da... eu até fui na região de onde vem essa... essa... eles falam mesmo um pouco diferente... porque a Alemanha também tem vários dialeto... né? no sul tem um dialeto... norte tu não entende muito bem os... dialeto... sabe? eles têm que FALAR DEVAGAR O ALEMÃO... é que nem quando tu escuta um espanhol falar... se tu escutar ele falar rápido tu não vai entender... o alemão também... quem é DAQUI... quem tem PAIS ALEMÃES que FALAM ALEMÃO EM CASA... não vai se apertá na Alemanha porque vai saber falar tudo... é basicamente tudo igual... muda um pouquinho a pronúncia... muda um pouquinho... sabe... eu nunca tinha ido à Alemanha... fui ano passado... claro que eu fiz dois anos de alemão... então... mas... sabe... o mais estranho é o seguinte... aquilo começa a voltá tudo... sabe? é que nem a minha esposa... ela não fala alemão assim muito...

GK: ela não fala?

2VH53: um pouquinho... mas se ela tivesse ficado mais quinze dias lá ela voltava... assim meio...

GK: a família dela é alemã dos dois lados?

2VH53: só um lado... ela é alemão e italiano... Ott e Foschera... mas mesmo assim... isso o que quero dizê... a nossa... isso é um ERRO que nós temo no Brasil... a nossa gurizada aqui devia tá falando o alemão... né? a... que o inglês é mais importante... não discuto que o inglês é o mais importante... o problema é que no inglês se faz de conta que se dá aula de inglês... NINGUÉM VAI APRENDER NADA com aquelas aulinha... se desse essas aulas de alemÃO... pra essa gurizada que vem do interior... eles fariam alemão... eles têm o alemão... eles têm a... a... a... o principal...

GK: eles têm a base...

2VH53: eles têm o vocabulário que é o mais difícil... decorá as palavra é o mais difícil... a gramática depois tu só... entende? e eu te garanto que essa gurizada se fizesse três anos de alemão como eu fiz... eu fiz dois anos de alemão e... eles aprenderiam o alemão... ao menos aprenderiam MUITO mais do que supõe-se que aprendem no inglês... porque eles não aprendem nada...

GK: ainda mais só uma vez por semana...

2VH53: se tu tem já uma base... uma vez por semana tudo bem... tu vai aprendê alguma coisa... agora se tu não tem base nenhuma vai aprendê nada... vai fazer de conta... eu acho que o inglês é mais importante... tanto que na Alemanha eles falam...

GK: todo mundo sabe... né?

2VH53: é... inglês é uma língua universal... só que nas circunstâncias eles erram aqui... mesmo o espanhol... por que não dão aula de alemão? essa gurizada ia aprendê alemão fácil... fácil... FÁCIL... essa gurizada do interior que vê o pai e a mãe falando... isso tá... isso escuta... isso é que nem inglês... se tu escutá tu vai aprender o inglês...

GK: e os teus guris? nada?

2VH53: nada...

GK: nada? nada? nada?

2VH53: os dois agora até... eu tenho que pagar isso aqui daí são alemão também...

GK: ah... tu vai fazer a cidadania?

2VH53: a cidadania alemã é diferente da brasileira... quem é filho de alemão... automaticamente é alemão... tu não precisa fazê nada... tu entende? como o meu pai era alemão... tu sabe... ele era filho de alemão... eles fez os papel... ((segue falando sobre o processo de fazer os processos de cidadania e nacionalidade alemã))...

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM SUJEITO 3AH37

GK: quantos anos você tem?

3AH37: a... trinta e sete...

GK: trinta e sete... fala ou compreende alemão?

3AH37: MUITO pouco...

GK: pouco?

3AH37: muito pouco... eu falo pouco e entendo um pouco só...

GK: e como foi a questão do uso do alemão por parte da comunidade, da tua família, na infância, na época de escola...

3AH37: eu nunca falei em família... o pai e a mãe eles falam o alemão né? mas eu nunca falei... e hoje eu me arrependo... entendeu? de não ter aprendido o alemão... e sabe pra mim o que foi o motivo principal que eu não aprendi?

GK: qual?

3AH37: o principal... era que tinha por exemplo aqui na ci... a... as crianças da minha época... quando a gente era pequeno... a gente tinha preconceito com o alemão porque chamavam... porque os colonos falam em alemão né? aí chamavam de colono... nós não queria sê colono... não queria aprendê o alemão...

GK: por preconceito?

3AH37: por preconceito... por causa do pessoal do interior que fala em alemão... né? não queria uma identificação com eles né? por isso daí eu tinha resistência de falá em alemão... né?

GK: sim...

3AH37: e os meus pais também não se interessaram muito em ensiná e como eu tinha esse preconceito não aprendi... daí eu aprendi pouco porque eles continuam falando né? em casa... mas aprendi pouca coisa... os meus outros irmãos... os MAIS velhos... que até não tinham esse preconceito... tipo a C ((menção à irmã)) aprendeu em casa... a M ((outra irmã))... a... e o V ((ao irmão)) um pouco... a partir do V que nós... aqui na cidade começo mais esse preconceito entendeu? que aí nós... o resto dos filhos não aprenderam a falá alemão...

GK: a na escola? tinha algum colega que falava? aprenderam outra língua?

3AH37: não... não... não... os guris da cidade não... a maioria... os meus colegas a mesma coisa aconteceu... né? a grande maioria... não cem por cento... mas digamos... uns oitenta e cinco por cento da... da minha geração aconteceu isso... dos que moravam na CIDADE... OS DO INTERIOR NÃO... viu... os do interior aprenderam a... o alemão... lá não tinha preconceito... eles falavam com o vô... com a vô... é... eu perdi daí também o contato com o meu vô... com meus avós porque eu não falava alemão... e eles só falavam em alemão... e pode vê... o pessoal do interior aprendeu... por que? porque não tinha ninguém que gozava... e tudo... e nós crianças... bobos... ingênuos... né? gozava quando falava em alemão... entendeu? e hoje olha só a falta que faz... né? falta não mas é um acréscimo... seria um acréscimo de cultura e de saber... importante... né? no colégio só tinha o inglês... na verdade o inglês aprendi nada também... () não aprendi... só falo o português... mais nenhum idioma... agora é interessante quem tem condições de aprender um idioma né? um idioma abre portas... muito bom... eu poderia... que nem ti falei... eu poderia ter aprendido o alemão mas não... por falha minha não aprendi...

GK: é... a gente quando tem essa idade tem outro pensamento...

3AH37: sim... sim... é muito bobo... esse preconceito que muitos ainda tem e não se dão conta... o alemão é uma língua muito importante... muito falado...

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM SUJEITO 3DS34

GK: quantos anos você tem?

3DS34: trinta e quatro anos...

GK: fala ou compreende o alemão?

3DS34: não...

GK: nada?

3DS34: nada...

GK: nenhuma palavrinha?

3DS34: só algumas palavras... básicas... bom dia... boa tardi...

GK: e como foi na tua infância, na tua comunidade, na tua família o uso do alemão... na época da escola... aprenderam outra língua na família, na comunidade ou na escola.

3DS34: o alemão só é falado pelos meus pais quando a genti não podia... entender a conversa delis... então... não aprendi nada...

GK: e na escola não tinha professores... colegas que usavam? nada?

3DS34: não... não tinha... desde o início foi o inglês...

GK: tu acha que talvez tivesse um pouco de preconceito ou não...

3DS34: não... quanto a isso não... não fui motivado em casa e hoje vejo que se tivessi aprendido... né? de repente algumas coisas profissionalmente tinha me favorecido... hoje eu acho o inglês mais importante... até tô cursando... porque a área que eu escolhi pra trabalhar o inglês é fundamental... que é a área de engenharia né? meus irmãos também não falam nada de alemão mas o F ((referência ao irmão do meio)) fala bem o inglês... fluenti... a vó que sabia alemão bem... ela lia um livro mensal...

GK: o *Paulusblatt*?

3DS34: isso... esse livro... mas também a genti não tinha muito contato assim... do alemão com ela... né? ela fala português... ela falava o alemão com os pais né? a vó sim conta que na infância dela né ela era proibida de falar alemão na sala de aula né? senão o professor dava com a régua no dedo dela... ela contou uma vez pra genti... e eu tinha colegas do interior que falavam alemão... mas daí comu na cidade não aprendi nada... hoje meu pai entendi qui se eli tivessi... ensinado o alemão... teria sido de grande valia pra nós... em casa a genti não aprendia... só aprendia quando ia na casa da vó... daí eu me lembrou assim qui eu tinha colegas... do interior mesmo... eles falavam alemão às vezes né? eu também não sei se de repente isso tem alguma coisa a ver com o nosso município também... com quinze anos fui estudar em Panambi... o alemão de Panambi é bastante falado... tu vê que até as casas são bem típicas... mas aqui nós não... de repente lá concentra mais alemães... aqui é uma mescla de alemães e italianos... porque o Ledur ((referência ao sobrenome da mãe)) da minha mãe é Ledir... é francês... pensando aqui... meu pai saiu com doze anos de casa... eu com quinze anos já saí também... mas de repente o momento que eu ia aprender... eu acho qui ninguém dos Ledur sabia falar em alemão... não sei si tu conversou com alguém que soubi... qui dissesse qui falava?

GK: não... não conversei...

3DS34: e por parte da N ((referência a avó materna))... de repente por ela ser francesa... eu nunca escutei a N falar em alemão... agora a vó AC ((referência a avó paterna)) sim... o... o... o bisavô do meu... o meu bisavô... eli foi um alemão imigrante... o avô do meu pai... a vó dizia qui o delegado era um cara assim mais... a... ríspido da região... que juntava alguns pra ir junto fazer uma diligência que eles falavam assim... prendê alguém... esse era o delegado... as pessoas faziam as leis com suas próprias forças né? então daqui a pouco pegava o cara e... era proibida a língua...

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM SUJEITO 3GS32

GK: tua idade?

3GS32: trinta e dois...

GK: fala alemão?

3GS32: não...

GK: entende? compreende?

3GS32: algumas palavras assim... porque geralmente assim... na minha família... né? eles falam meio misturado o alemão e o português... né? então... assim... às vez a gente entende porque umas palavras a gente sabe em alemão e as outras eles falam em português... então a gente vai meio que ligando assim e entende um pouco... né? e também assim... aquela questão... acho que antigamente... não tinha esse hábito... né? achava feio o alemão... então não tinha vontade de aprender... se fosse hoje... eu já teria vontade... sabe? tivesse tempo e tal... vamos supor... eu acho que eu sentaria pra aprender...

GK: e na escola como era visto o alemão ou tu não teve muito essa vivência?

3GS32: na esCOLA... eu tinha colegas... só que assim... eles não falavam SÓ alemão... eles falavam os dois... português e alemão... e daí eles tinham muito sotaque... né? então o pessoal acabava assim rindo... tirando... piada e coisa... né?

GK: fazendo brincadeira?

3GS32: fazendo brincadeira...

GK: e os teus pais assim... incentivaram falando alguma coisa ou não?

3GS32: SIM... eles incentivavam assim... ó... tu tem que aprendER... pra depois tu falar... a gente é que não tinha muito interesse mesmo... não achava legal...

GK: na escola tu tinha o inglês? ou tinha mais alguma outra língua?

3GS32: tinha o inglês... mas acho que foi só a partir da quinta série...

GK: daí tu acha que seria mais importante focar no inglês na época ou nem pensava muito nisso?

3GS32: na época a gente não tinha muita noção... né? achava bonito... né? na época era diferente... uma coisa diferente... assim... mas não também que a gente tenha aprendido muito assim... só umas palavras também... e o inglês também é um pouco parecido com o alemão... então a gente acabava meio que JUNTANDO os dois pra entender...

GK: e a questão dos teus avós... tu lembra como que eles usavam o alemão? se eles falavam alguma coisa?

3GS32: a minha vó falava... ainda fala umas palavras hoje que a gente já entende... né? o que ela fala... mas quando ela entra assim... num diálogo mais elaborado... daí a gente não entende... daí tem que traduzir mesmo...

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM SUJEITO 3GI24

GK: quantos anos você tem?

3GI24: vinte e quatro...

GK: vinte e quatro... fala ou compreende alemão?

3GI24: NÃO...

GK: não...

3GI24: SÓ... tipo... mais no contexto às vezes... hoje tipo quando algum... muito... tipo expressões... mais de... a... como é que eu vou explicar... é tipo... ai... ai... não sei explicar...

GK: uma ou outra expressão do dia a dia talvez... em casa... que vocês usam...

3GI24: é... muito pouquinho...

GK: quero que tu me conte um pouco sobre o uso do alemão por parte da comunidade... da tua família... avós... pais... sobre outras línguas na família... na comunidade... na escola...

3GI24: tipo... eles falavam em alemão quando não era pra entendê... tipo... daí tipo... quando era para falar de nós... o que nós tava aprontando... que isso... que aquilo... daí não era pra nós entendê... aí falava entre eles em alemão...

GK: sim... e na escola nunca teve essa convivência com o alemão?

3GI24: não...

GK: nem colegas?

3GI24: que eu me recorde não... acho que até tinha... tinha uma colega que acho que depois que ela veio do interior que ela sabia falar que ela falava às vezes ela falava em alemão... mas tipo nós nem entendia o que ela tava falando...

GK: tua mãe e teu pai falam?

3GI24: falam...

GK: tua irmã nada?

3GI24: ((expressão de negativa))... a mana até uma vez a vó tinha ensinado ela a cantar uma música em alemão... daí tipo... depois a vó disse o que significava aquela música...

GK: e essa questão de tu não ter aprendido?

3GI24: EU acho que tipo porque... tu acaba aprendendo o que tu usa... tipo... e... como... com o português tu se comunicava... no... na própria escola tu... era só português... tipo... tu não ia ter uso específico pra o alemão porque... tipo... a vó... a vó todo mundo fala português... então tipo... pra nós eles... nós falava em português tava show... tanto que tipo... tu vai aprendendo o que tu vai precisando pro teu uso... tipo... pros joguinho... às vezes o joguinho era só em inglês... aí tu tipo... tu não tinha nenhuma noção... mas tipo... tu começava... isso aqui é próximo... tipo... sabia noções básicas né?

GK: sim... tua vó falava sempre em português com vocês?

3GI24: sim... aham...

GK: não usava nem para alguma expressão?

3GI24: ((expressão de negativa))... tipo esse fato... os pais queriam falar alguma coisa que nós não devíamos saber...

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM SUJEITO 3RR33

GK: quantos anos tu tem?

3RR33: trinta e três anos...

GK: tu fala ou compreende alemão?

3RR33: MUIto pouco...

GK: pouco?

3RR33: muito pouco...

GK: e como foi na tua família... essa questão do ensino do alemão? Tu teve alguma coisa ou...

3RR33: NÃO... não tive... na verdade assim ó... o pai falava o alemão em casa... mas mais entre eles... a MÃE... o pai... né? e quando eu tinha a minha vó viva... a mãe do PAI... ela SÓ falava alemão... quase SÓ praticamente falava o alemão... então... o pai com a vó... né? praticamente era SEMPRE no alemão... né? e a genti era pequeno... era criança... né? e... então... ali... o pouco do alemão assim... algumas palavras... porque eu não consigo formar frase no alemão... né? então a genti consegue entender... algumas palavras a genti fala... quando alguém fala em alemão... algumas palavras tu pega... tu capta... né? a informação... mas muitas vezes eu não consigo entender... o contexto do assunto porque tu entende algumas palavras soltas no meio da frase... né? mas aí o que acontece... é... então assim... a minha vó só falava alemão... o pai... é... falava alemão com a vó e tal... mas com nós não falava alemão... então o contato dos pais com os filhos... entendeu? dos meus pais comigo... com os meus irmãos... sempre era falado português... sempre português... nunca perguntAVA em alemão ou... então de certa forma... é... não se estimuLAVA a falar alemão... e outro problema também que eu muito novo já saí de casa... fui estudar fora... né? ainda antes... no PRIMEIRO GRAU... saí... tá? na verdade... no SEGUNDO grau... eu cursei fora de Chapada... né? depois faculdade... e aí foi... então tu acaba perdendo esse pequeno contato que eu tinha com a língua alemã... justamente por causa da minha vó... da mãe do pai... né? só falava alemão... então... com esse contato ali a gente tinha um contato maior... a vó CANTava em alemão... a gente escutava enfim... cantava alguns cantinhos... e... mas daí depois... na medida que a gente foi crescendo e... então tu vai... vai pra escola... vai pra... estuda fora... acaba perdendo esse ()...

GK: e na escola não tinha nada do alemão?

3RR33: não tinha...

GK: nem os colegas que falavam?

3RR33: não... não... na minha turma... não... talvez até pudesse tê... mas assim... não se falava... tipo assim... no ambiente escolar... lá no recreio ou durante a aula... né? ninguém... ninguém falava em alemão... até porque... é... talvez até porque fosse vergonhoso isso... talvez até as pessoas tinham VERGONHA de falar em alemão... mas eu... acredito sim... que alguns dos meus colegas... de primeiro grau... né? até poderiam falar alemão... né? acho... que eu me lembre assim... alguns... uns dois ou três colegas acho que falavam... MAS... se evitava falar na escola... na escola não se falava... eu sei que talvez eles falavam porque eu sei que alguma já escutei alguma vez... falavam na família... mas assim não se tinha esse costume de falar... na escola... né? sabe que às vezes eu até me culpo por não ter ido atrás... só que assim... a gente era CRIANÇA... em casa... se tu não tem um estímulo de fora... por que é que tu vai aprender ALEMÃO? o que me motivaria a aprender ALEMÃO lá quando eu tinha os meus sete... seis... sete... oito anos de idade... né? então... talvez... tentava conversar com a vó... então a gente tenTava... pegava uma palavra... mas normalmente... é... a gente tinha a mãe intermediando... então aí tu tava lá com a vó... tu pedia alguma coisa... a vó falava... tu não entendia... E A MÃE TRADUZIA... então o que acontece? tu acaba perdendo... então... assim... é... um fato... é talvez um fato da gente... não ser... ((interrupção de um funcionário da empresa onde o entrevistado trabalha que adentrou a sala para pedir uma assinatura)) uma parcela talvez seja o próprio fato da gente não ir atrás... mas eu acho que muito por eu não aprender o... por não ter aprendido a falar o alemão... é o fato dos meus pais não terem isso como costume... falar com nós... então... entre eles... eles falavam entre eles... eu lembro... muito raramente... mas quando se falava com nós... tu vai não sei o que... era tudo em português... não se falava em alemão... tu acaba não... talvez um pouco pode ser... e aí

não quero... digamos assim... a gente não pode também culpar... o pai... né? mas o pai conta... na verdade a primeira língua que ele aprendeu foi o ALEMÃO... né? ele foi aprender o português na escola... ENTÃO assim... ele conta assim... que ele enfrentou bastante dificuldade... né? dificuldade porque do ensino formal é português... então até... imagina tu já tava lá com seis... sete... seis anos... por aí... cinco anos... quando começava a ir na escola... daí até... tu ter que viver num universo que tu não entende ninguém... então ASSIM... eu acredito que ele sofreu um pouco... daí talvez isso ficou... mas bah... né? se eu fazer isso com os filhos... TAMBÉM vão passar por isso... então talvez por isso que ele inconscientemente acabaram não exercitando MUITO a... o alemão com NÓS... né? com os filhos... talvez seja... embora o pai nunca tenha me falado isso... ele fala que ele sofreu porque só sabia falar alemão... é... talvez o próprio preconceito... o pai é o único que... o pai e a minha tia () são os únicos que fizeram curso superior... os únicos que foram estudar fora... então talvez... porque os outros tiveram ensino primário só... né? então ele deve ter tido uma certa dificuldade... o próprio preconceito... que a gente falou... na época já devia ter... não saber falar bem o português e tal... então tem todo um preconceito por trás disso também... é... ainda mais em curso superior... ainda mais fora de Chapada... então isso talvez possa ter sido o fato por meu pai ter tido esse comportamento... de não falar mais diretamente com nós em alemão quando criança... eu acho que o que mais aprendeu alemão dos meus irmãos foi o R... nunca estudou fora... ele sempre morou em casa... foi o que mais conviveu com a vó... e a vó só falava alemão... hoje ele também não sabe muito... se a gente não exercita... não fala com frequência... tu acaba perdendo... a língua... né?